

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Gisleide da Costa Santos

**TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA: A CONSTRUÇÃO INICIAL DA CARREIRA
CLÍNICA DE PSICÓLOGAS(OS) FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS**

Belo Horizonte

2025

Gisleide da Costa Santos

**TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA: A CONSTRUÇÃO INICIAL DA CARREIRA
CLÍNICA DE PSICÓLOGAS(OS) FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves
Evangelista

Belo Horizonte

2025

150	Santos, Gisleide da Costa.
S237t	Tornar-se psicoterapeuta [recurso eletrônico]: a construção
2025	inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais / Gisleide da Costa Santos. - 2025.
	1 recurso online (158 f.): pdf.
	Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Psicoterapeutas - Teses. 3. Psicologia fenomenológica – Teses. 4. Psicologia existencial – Teses. 5. Psicologia clínica - Teses. I. Evangelista , Paulo Eduardo Rodrigues Alves . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE GISLEIDE DA COSTA SANTOS

Realizou-se, no dia 10 de março de 2025, às 14:00 horas, Sala 2060, Campus Pampulha, Fafich, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA: A CONSTRUÇÃO INICIAL DA CARREIRA CLÍNICA DE PSICÓLOGAS(OS) FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS*, apresentada por GISLEIDE DA COSTA SANTOS, número de registro 2023659455, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador (FAFICH-UFMG), Prof(a). Caroline Garpelli Barbosa (UFF), Prof(a). Érika Lourenço (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Erika Lourenco, Professor(a)**, em 14/03/2025, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, Professor do Magistério Superior**, em 14/03/2025, às 13:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Caroline Garpelli Barbosa, Usuária Externa**, em 18/03/2025, às 13:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4042158** e o código CRC **4166CCD2**.

*Aos meus pais, Maria Ivoneide e João Juarez,
por me darem asas, mas nunca me negarem o ninho.*

AGRADECIMENTO

“Eu não ando só” e tem muitas mãos, ombros, ouvidos e corações neste projeto.

Agradeço aos meus pais, Maria Ivoneide e João Juarez. Vocês me ensinam todos os dias que o amor é prática cotidiana, é ação, é verbo. Ao meu irmão Matheus, que inaugurou em mim o desejo de cuidar e que tem cada vez mais cuidado de mim. Ao meu cachorrinho Ceni, que não vai ler, mas me mostra que, às vezes, a gente só precisa de um carinho e um petisco para ser feliz, me arrancando bons sorrisos. Eu sou porque vocês são, e eu tenho coragem de voar porque sei que tenho para onde voltar. É por vocês e por causa de vocês!

Aos meus amigos do Grajaú-SP: Gracielly, Augusto, Helen, Elis e Lucas Miguel. Seguimos caminhos distintos, mas é importante testemunhar e compartilhar nossos passos. Vocês são inspiração no desafio em fazer algo com o que fizeram da gente. Obrigada por me lembrarem de mim.

Ao meu orientador, Paulo Evangelista, por me apresentar a psicologia que me abriga e faz sentido. É um privilégio e uma baita sorte poder ter sido sua aluna e orientanda. Obrigada por ser minha referência profissional, por estar sempre presente e por iluminar os caminhos sempre que precisei.

Aos colegas do grupo de pesquisa Psicologia, Fenomenologia Existencial e Contemporaneidade no Laboratório de Análise de Processos de Subjetividade (LAPS-UFGM) e, em especial, aos Sucintos. Nossos cafés, trocas, respiros e até mesmo choros tornou tudo mais leve.

Ao meu supervisor Vinicius Rondi e à minha parceira de clínica e amiga de vida Gabriela Leroy. Estar com vocês me dá forças e confiança para florescer nessa profissão. Obrigada por serem suporte e companhia genuína.

À minha psicóloga, Patrícia Martins, que vem há quase nove anos testemunhando cada passo dado, me ajudando a olhar para dentro e olhar para o mundo, com afeto e cuidado.

Aos meus amigos que BH me deu: Letícia, Leonardo, Fernanda, Kelly, Juliana, Leidiane, Rosângela, Aliny, Yohanna e Francine. Obrigada por serem casa em tantos momentos.

Aos participantes desta pesquisa, Talia, Roberto, Karina e Helena, que colocaram luz sobre o fenômeno.

Ao apoio do CNPq e do PPG-PSI UFMG que tornaram possível essa empreitada.

Por fim, agradeço a Deus e à espiritualidade por serem mais do que eu posso explicar.

“Talvez se descubra parte do próprio ser quando trava batalha com o outro.
Um antagonismo que alarga o campo da percepção a fim de entender a razão de
estarmos na terra.”
(Nélida Pinõn, *Os rostos que tenho*, 2023)

“Isso num é sobre onde *cê* vem, é sobre onde *cê* quer chegar
E o que vai mudar pra quem vem de onde *cê* vem quando tiver lá.”
(Don L, *Fazia Sentido*, 2017)

RESUMO

Esta pesquisa investiga como se dá o início da construção da carreira clínica de psicólogas(os) psicoterapeutas recém-formadas(os) que elegeram a abordagem fenomenológico-existencial como horizonte de trabalho. Inicialmente, recorreu-se à literatura para compreender os fundamentos da abordagem fenomenológico-existencial e como esta está situada na contemporaneidade. Posteriormente, foram realizados levantamentos bibliográficos para discutir a formação de psicoterapeutas, seguido da psicoterapia enquanto exercício profissional da(o) psicóloga(o). Foi adotado o método de pesquisa qualitativa fenomenológico-hermenêutica, que se fundamenta na Analítica do Sentido, para responder à pergunta: quais são os modos de sentir, pensar e agir emaranhados na trama de significados de tornar-se psicoterapeuta? Assim, o objetivo aqui é investigar a experiência daquelas que decidiram iniciar a carreira profissional na psicoterapia fenomenológico-existencial e que estão, portanto, nos primeiros anos de prática psicoterápica, se havendo com as questões que envolvem a inserção no mercado de trabalho e a formação profissional. Foram selecionadas(os) quatro participantes, graduadas(os) entre 2018 e 2023, que se identificaram como psicoterapeutas fenomenológico-existenciais para a realização de entrevistas semiestruturadas. Essas entrevistas foram transcritas e validadas, depois foram vertidas em narrativas sobre a experiência de cada participante no início da vida profissional como psicoterapeuta fenomenológico-existencial, em seguida realizou-se um enlace das discussões das narrativas com a literatura a fim de encontrar indicações para responder à pergunta da pesquisa. Percorreu-se temas como a importância da tríade psicoterapêutica — psicoterapia pessoal, supervisão e formação continuada — na construção das psicoterapeutas; os desafios e investimentos do início de uma carreira em consultório particular; a susceptibilidade à precarização do ofício diante da necessidade de fazer da clínica psicoterápica uma fonte de

renda sustentável para a profissional; as mudanças que a pandemia e os avanços tecnológicos trouxeram para a profissão; a importância da formação de uma rede de identificação que sustente os desafios e a solidão inerente à prática clínica; e, por fim, as especificidades do fazer da perspectiva fenomenológico-existencial. O estudo reflete sobre o modo singular de inserção no mercado de trabalho de uma abordagem minoritária, considerando as dinâmicas sócio-históricas que atravessam a prática clínica contemporânea. Desvela-se um processo de formação e inserção profissional permeado por inseguranças, potencialidades, desafios, necessidade de adaptação e ressignificações que contribuem para a construção da identidade da(o) psicoterapeuta e para repensar a formação dessas(es) profissionais iniciantes. Esta pesquisa pode contribuir para melhorar a formação de psicólogas(os), considerando que uma maioria opta pela psicoterapia como prática profissional.

Palavras-chave: psicoterapeuta, formação, psicologia clínica, carreira, psicologia fenomenológico-existencial.

ABSTRACT

This research investigates the initial stages of building a clinical career for newly graduated psychotherapists who have chosen the phenomenological-existential approach as their professional framework. The study begins by examining the literature to understand the foundations of the phenomenological-existential approach and its relevance in contemporary practice. Subsequently, bibliographic reviews were conducted to discuss the training of psychotherapists, followed by psychotherapy as a professional practice for psychologists. The phenomenological-hermeneutic qualitative research method, based on Analytic of the Sense, was adopted to address the question: what are the ways of feeling, thinking, and acting intertwined in the web of meanings involved in becoming a psychotherapist? The objective is to investigate the experiences of individuals who have decided to start their professional careers in phenomenological-existential psychotherapy and are, therefore, in the early years of psychotherapeutic practice, navigating the challenges of entering the job market and professional development. Four participants, who graduated between 2018 and 2023 and identified themselves as phenomenological-existential psychotherapists, were selected for semi-structured interviews. These interviews were transcribed and validated, then transformed into narratives about each participant's experiences at the onset of their professional lives as phenomenological-existential psychotherapists. Subsequently, the narratives related to the literature to identify insights and answers to the research question. The study addressed themes such as the importance of the psychotherapeutic triad — personal psychotherapy, supervision, and continuous education — in shaping psychotherapists; the challenges and investments involved in starting a private practice; the susceptibility to precarious work conditions given the need to make psychotherapy a sustainable source of income; the changes brought about by the pandemic and technological advancements; the significance of building a network of

identification to support the challenges and inherent solitude of clinical practice; and, finally, the specificities of practicing psychotherapy from a phenomenological-existential perspective. This study reflects on the unique ways in which professionals from a minority approach enter the job market, considering the socio-historical dynamics that shape contemporary clinical practice. It reveals a process of professional development and integration characterized by insecurities, potentials, challenges, adaptation, and redefinitions that contribute to the construction of the psychotherapist's identity and prompt a rethinking of the training of these early-career professionals. This research aims to improve the training of psychologists, given that a majority choose psychotherapy as their professional practice.

Keywords: psychotherapist, training of psychotherapists, clinical psychology, career, phenomenological-existential psychology.

SUMÁRIO

Introdução	13
Objetivos	22
1. Remar contra a maré: perspectiva fenomenológico-existencial como fundamento teórico na contemporaneidade	24
2. O início do processo de tornar-se psicoterapeuta	36
2.1 A importância da supervisão	39
2.2 A psicoterapia pessoal	42
2.3 A psicóloga recém-formada	44
3. Psicoterapia como profissão	49
4. Método	57
4.1 O ponto de partida: pressupostos filosóficos	57
4.2 O caminho: procedimentos	59
4.2.1 Seleção das(os) participantes	60
4.2.2 Colheita e apresentação das experiências	62
4.2.3 Cuidados Éticos	64
5. Narrativas	65
5.1 Talia	65
5.2 Roberto	77
5.3 Karina	89
5.4 Helena	100
6. Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais	109
6.1 Psicoterapia pessoal	109
6.2 Supervisão	111

6.3 Formação continuada	113
6.4 Plantando a clínica psicoterapêutica	115
6.5 A precarização da profissão: saída ou armadilha?	118
6.6 A pandemia e o atendimento online	121
6.7 Estar em rede: uma profissão solitária?	124
6.8 O que tem de específico em ser psicoterapeuta fenomenológico-existencial?	127
7. Considerações finais	131
Referências bibliográficas	136
APÊNDICE I	150
APÊNDICE II	151
APÊNDICE III	153
ANEXO I	155

Introdução

Quando estava no meu quarto período da graduação, corria pelos corredores o boato que havia um professor recém-contratado da “terceira força da Psicologia”— responsável por reabrir o Projeto de Extensão Plantão Psicológico¹, que estava inativo desde a aposentadoria do coordenador anterior — e ele estava ofertando a disciplina optativa de “Introdução à Psicologia Fenomenológica”. Lembro-me nitidamente de conversar com duas colegas de turma e nos questionarmos “O que é psicologia fenomenológica?”. Não sabíamos responder, esse nome nos era completamente estranho, mas decidimos descobrir.

A partir da primeira aula desta disciplina, ofertada pelo Prof. Dr. Paulo Evangelista, fica difícil falar do meu percurso na abordagem fenomenológico-existencial sem me emocionar. Ainda buscando o meu lugar acadêmico e profissional, foi ali que pude desacelerar o passo e me reconhecer a cada texto lido. Bilê Tatit Sapienza (2015), uma das autoras mais importantes nessa minha caminhada, afirma que encontrou da Daseinsanalyse o lugar onde seu pensamento ficou confortável, e eu não poderia me reconhecer mais. Para Clini (2016), a escolha pela abordagem fenomenológico-existencial se dá em relação com um modo de relação da existência com o seu mundo, isto é, de modo entrelaçado com a forma que essas profissionais interpretam e se relacionam com o seu mundo, enquanto rede de significados.

Antes mesmo do final do semestre, procurei pelo professor Paulo para realização de uma Iniciação Científica, queria me aprofundar melhor naquele novo campo que se abria. Fui acolhida no grupo de pesquisa Psicologia, Fenomenologia Existencial e Contemporaneidade, no Laboratório de Análise de Processos de Subjetividade (LAPS-UFMG). Mergulhei nos

¹ Sobre a história do Projeto de Extensão Plantão Psicológico na Universidade Federal de Minas Gerais, consultar Silva (2022).

estudos acadêmicos da psicologia fenomenológico-existencial, desenvolvi pesquisas sobre “A prática psicológica da *daseinsanalyse* de Bilê Tatit Sapienza” (Santos & Evangelista, 2022) e “O vínculo afetivo terapêutico na psicoterapia online sob uma perspectiva *daseinsanalítica*” (Santos & Evangelista, 2023), participei e apresentei em congressos científicos.

Neste íterim, realizei estágio supervisionado em Psicoterapia de Adultos em Gestalt-terapia, sob supervisão da Prof. Dra. Cláudia Lins e passei a integrar a equipe de plantonistas do Projeto de Extensão Plantão Psicológico no SPA da FAFICH, onde permaneci por dois anos. A cada história confiada a mim, a cada supervisão dos professores coordenadores, Paulo Evangelista e Claudia Lins, a cada partilha com meus colegas, sentia os meus pés fincarem na psicologia fenomenológico-existencial². Aquele era um terreno seguro e fértil, e eu podia ir ao encontro do meu futuro como psicóloga com um pouco mais de confiança e tranquilidade que, após duas trocas de curso, não me eram familiares até então.

Posso dizer, inclusive, que ter integrado o grupo de pesquisas e o Plantão Psicológico me deu um sentimento de pertencimento à universidade. Essa identificação entre os membros do Plantão Psicológico na UFMG é intitulada por Silva (2022) como “comunidade de destino”, isto é, diz do compartilhamento de valores e crenças que orientam o serviço. O percurso acadêmico nunca foi um caminho óbvio de onde eu vim, mas fazendo parte daquelas equipes, passou a ser um caminho meu. No entanto, me aproximando cada vez mais do final do curso, com a certeza que havia encontrado meu lugar, incertezas de outra ordem começaram a aparecer e me incomodar.

Oriunda da periferia do extremo sul de São Paulo, do Grajaú, tive a oportunidade de realizar a minha graduação com os recursos da assistência estudantil, atrelados a estágios e trabalhos informais, que permitiram meu sustento em um curso integral. Como adentrar, agora,

² Conforme explica Evangelista (2015), o termo exato da psicologia fundamentada na ontologia heideggeriana enquanto nomenclatura de abordagem psicológica não é consenso entre os autores. No entanto, manteremos o termo “fenomenológico-existencial” por questão de padronização do texto e pela influência demarcada da filosofia heideggeriana como fundamento da prática da qual fui me aproximando a partir da graduação.

em uma profissão que me exigiria um investimento financeiro que eu não poderia arcar? Onde eu atenderia? Como conseguiria clientes/pacientes?

Além disso, como seria o rompimento do vínculo com a instituição de ensino, que me forneceu, literalmente, até mesmo o teto que eu morava (fui residente da Moradia Estudantil da UFMG)? Eu tinha estudado tanto, me apaixonado tanto por aquela área, mas era o suficiente? Eu estava realmente preparada? Não teria mais os professores supervisores que se faziam como um porto-seguro para mim. Eu sabia exatamente onde queria chegar: ser psicóloga clínica em consultório — mas não tinha ideia de como faria isso.

É sabido que para um exercício teórico, prático e ético consistente, é necessário um tripé psicológico: supervisão, psicoterapia própria e estudos continuados, o que demanda de uma egressa um investimento financeiro e pessoal considerável (Bastos, Gondim & Borges-Andrade, 2010; Calligaris, 2019; Ferreira Neto, 2004). Nesse sentido, dados do CensoPsi apontam um significativo investimento na formação continuada dentre os profissionais, no entanto, entre as psicólogas³ que nunca atuaram na área, a maior parte tem apenas a graduação, o que se justifica pelo pouco tempo de formação e uma dificuldade financeira em arcar com os custos do aprimoramento profissional devido a não inserção no mercado de trabalho (CFP, 2022a). Isto é, especializar-se na profissão e atuar nela parece ser um ciclo onde o início é a base financeira.

Buscando aprofundar no campo profissional de atuação de psicoterapeutas, recorro ao estudo recente do Conselho Federal de Psicologia, o qual apresenta dados importantes sobre as áreas de atuação nas quais as psicólogas estão inseridas. A Clínica, o “cartão de visita da Psicologia” (p. 21) é definida como a área “referente à integração de conhecimentos teóricos e métodos psicoterápicos empregados para promover a autonomia, a qualidade de vida e a saúde

³ Usarei o termo no feminino de agora em diante, primeiro por eu ser mulher, segundo por as mulheres serem maioria na Psicologia (CFP, 2022a).

integral” (CFP, 2022b, p. 17). Assim, por aportar a atividade da psicoterapia, foco deste trabalho, recorro aos dados dessa grande área.

A psicoterapia como profissão no CensoPsi

Na busca por conceituar o que é psicoterapia, o CFP (2022d) ressalta, desde o início, que “definir psicoterapia é uma tarefa complexa” (p. 10). Isso se deve à ampla gama de possibilidades de embasamentos teóricos, abordagens e técnicas; e, nesse sentido, tentar uma definição única pode incorrer no risco de não abarcar parte dessas práticas.

Na especificidade da psicoterapia fenomenológico-existencial, recorte que será trabalhado nesta pesquisa, Pompeia e Sapienza (2018), por uma via descritiva, no texto “Uma caracterização da terapia”, destrincham cuidadosamente a frase de Medard Boss, fundador da terapia daseinsanalítica, “Psicoterapia é procura” (p. 156). Inicialmente, os autores chegam a um significado mais original de procura enquanto “terapia⁴ é pró-cura, isto é, terapia é para cuidar” (p. 156), uma vez que, em latim, a palavra cura tem o sentido de cuidar, aproximando-se, passo a passo, da definição em que “terapia é a procura, via *poiesis*, da verdade que liberta para a dedicação do sentido” (p. 169). O que quer dizer que, por meio do discurso, pode-se desvelar um sentido do vivido que amplie a liberdade, enquanto condição fundamental, reencontrando novos sentidos para que o paciente possa se dedicar àquilo que pretende — o que demanda tempo, disponibilidade, vínculo, presença e abertura afetiva dos envolvidos.

Adentrando na inserção de psicólogas no mercado de trabalho, a escolha da carreira clínica é predominante dentre as que se encontram em diferentes estágios da carreira: 73% das psicólogas ativas optaram pela área. Das profissionais não atuantes, que consistem em recém-formadas ou graduadas há mais tempo que não conseguiram se inserir no mercado de trabalho, 68,7% almejam a clínica; e, paradoxalmente, das profissionais que se retiraram do exercício

⁴Ao longo deste escrito, os termos “psicoterapia” e “terapia” serão tratados como sinônimos, levando em consideração o uso de ambos os termos em produções da Psicologia.

profissional, seja por desemprego ou desistência da profissão por dificuldades de obter o retorno desejado, 61,6% é constituído por psicólogas clínicas (CFP, 2022b). Tal predominância da área permanece, inclusive, quando segmentada por região no Brasil, sendo: Norte (61,8%), Centro-oeste (68,5%), Nordeste (72,6%), Sudeste (76,6%) e Sul (71,8%).

O estudo aponta, ainda, como a atividade psicoterapêutica é notadamente associada a outras atividades, o que é favorecido por uma dinâmica de trabalho que permite uma autonomia e flexibilidade de horários, mas que pode escamotear uma precarização (CFP, 2022b). Segundo Calligaris (2019), não é incomum que psicoterapeutas excelentes precisem completar sua renda com outras atividades fora da psicoterapia. Sobre essa necessidade de muitas profissionais atrelarem sua prática profissional na Psicologia a outras áreas, Heloani, Macêdo e Cassiolato (2010) indicam o alto risco de consequências nocivas à saúde física e mental devido à sobrecarga em jornadas duplas e triplas de trabalho⁵.

Para além do acúmulo de atividades para complementar renda, cabe ainda considerar as possibilidades de vínculo e atuação que podem contribuir para uma precarização do exercício psicoterápico — caminho comumente percorrido por psicoterapeutas. Guimarães Júnior *et al.* (2017), discute a situação de psicoterapeutas que atuam em operadoras de plano de saúde que sofrem com um enfraquecimento do cumprimento dos direitos trabalhistas — devido a uma fragilização do vínculo de trabalho que não o qualifica como uma empregada, mas como uma prestadora de serviço que, no entanto, está submetida às normas da empresa. Além disso, as profissionais apontaram remunerações muito baixas, levando-as a aumentar as horas de trabalho — acarretando em dores e cansaço físico que, inevitavelmente, comprometem a qualidade do serviço prestado e a saúde do trabalhador.

⁵ Importante destacar a diferença de gênero no que tange à sobrecarga laboral. Isto porque parte significativa das mulheres são responsáveis pelos cuidados domésticos e com a família, somando-se às atividades remuneradas (Braga *et al.* 2019).

Contexto similar aparece nas plataformas digitais que oferecem serviços de psicoterapia, conforme apresenta Motta (2022): profissionais com anos de experiência têm dificuldades de elevar seus valores, o que se justifica pelo baixo valor cobrado pela maioria das profissionais — geralmente de profissionais iniciantes — gerando, dessa forma, um ciclo difícil de se romper mesmo com a experiência. Há, ainda, a estratégia de diminuir a duração dos atendimentos (para 30 minutos) na tentativa de compensar a baixa remuneração, acarretando, assim, no enviesamento do serviço prestado e na sobrecarga pelo excesso de atendimentos. Para Antunes (2018), tal flexibilização — fundamentada na sociabilidade do capitalismo contemporâneo — deflagra uma severa diminuição das fronteiras entre atividade laboral e vida privada, fomentando o desmonte da legislação trabalhista diante de diferentes formas de contratação da força de trabalho.

Essas dificuldades, inerentes ao início da vida profissional, poderiam — é uma hipótese — se ampliar quando a abordagem adotada pela psicóloga não for hegemônica, como é o meu caso. Quando se leva em conta o tripé da formação, quanto menor for sua participação de mercado, menos serão os profissionais que podem contribuir para a formação dos neófitos.

Em pesquisa que busca compreender a dispersão das orientações teóricas de psicólogas no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia traz atualização dos dados no CensoPsi 2022: as abordagens da Fenomenológica/Humanista e Existencialista tiveram um crescimento considerável em relação à pesquisa anterior, representando atualmente 24% e 8%, respectivamente, de presença no território brasileiro. No entanto, quando nos detemos na análise dos dados, não é tão animador quanto parece, pois esbarramos na imprecisão das linhas demarcatórias dessas teorias, o que se exemplifica nos autores de referência citados na pesquisa e a quais linhas teóricas foram a eles atribuídas. Na linha teórica Fenomenológica/Humanista: Carl Rogers, com 9% (Abordagem Centrada na Pessoa); Friedrich Perls, com 6% (Gestalt-terapia); Martin Heidegger, com 2% (Daseinsanalyse); Jacob Moreno, com 2% (Psicodrama)

e, por fim, Jorge Ponciano Ribeiro, com 2% (Gestalt-terapia). Enquanto na linha teórica Existencialista, a menos referida pelas profissionais, foram: Viktor Frankl, com 2% (Logoterapia) e Jean-Paul Sartre, com 2% (Existencialismo) (CFP, 2022b)⁶. Tais dados revelam que a presença significativa de uma abordagem “fenomenológica-humanista” pode se dar não ao fato do crescimento de adeptas da teoria, mas sim de uma aglomeração de diversas teorias, com consideráveis diferenças, que foram incorporadas como uma só.

Além disso, se tomarmos como referência a divisão realizada pelo CFP (2022b), o trabalho aqui proposto volta seu olhar para uma abordagem que está no “meio do caminho” entre a Fenomenologia-Humanista e a Existencialista — uma vez que está ancorado na Daseinsanalyse (Análise Existencial), proposta por Medard Boss, que une os pressupostos do método fenomenológico à filosofia analítica da existência heideggeriana — tornando ainda mais turva a precisão da presença desse modo de se fazer psicologia⁷. Isto é, quem opta por construir-se como psicoterapeuta fenomenológico-existencial filia-se a um grupo de representação minoritária dentre as abordagens psicológicas, o que pode ter consequências, como maior dificuldade para formação continuada e credibilidade do trabalho.

Assim, justifico a delimitação do campo desta pesquisa à psicologia clínica fenomenológico-existencial, pressupondo que há desafios específicos neste contexto o que exige mais criatividade e recursos por parte daqueles que escolhem, como eu, aperfeiçoar-se nessa abordagem e inserir-se nesse mercado de trabalho.

Cabe ainda trazer luz à contextualização que o CensoPsi 2022 fornece sobre a inserção das recém-formadas. O tempo médio necessário para conseguir um emprego tem se encurtado entre as egressas de Psicologia, o que faz os autores levantarem algumas hipóteses: as demandas decorrentes da pandemia de Covid-19 podem ter potencializado a contratação de

⁶ A título de informação, os três autores de referência mais citados são: Freud (28%), Aaron Beck (14%) e Lacan (11%) (CFP, 2022b).

⁷ O posicionamento teórico desta pesquisa, bem como as possíveis confusões de abordagens afins está melhor descrito no capítulo I.

psicólogas em diferentes contextos; o teletrabalho pode ter viabilizado uma entrada massiva de profissionais recém-formadas no mercado⁸ (devido a modalidade não exigir os custos oriundos de um aluguel de consultório, subtraindo o tempo e gastos de deslocamento, viabilizando o encaixe com outras atividades remuneradas etc); e, por fim, consideram o crescimento da área de Psicologia, que vem expandindo sua formação e prática para além da clínica (CFP, 2022a). Em consonância com Ferreira Neto (2004), que afirma que “uma série de mudanças na sociedade brasileira repercute no cotidiano de trabalho dos psicólogos brasileiros, trazendo a muitos a percepção de que é necessário rever os modelos de formação” (p. 86). Nesse sentido, a prática da Psicoterapia não se encontra apartada das questões sociais, mesmo no consultório, entre psicoterapeuta e cliente/paciente.

Até aqui, fizemos um sobrevoo em dados da literatura sobre o mercado de trabalho da psicoterapia, que perpassa por uma necessidade de formação continuada que tem como contraposição um investimento financeiro e uma imprevisibilidade de um retorno; podendo, assim, acarretar tanto na precarização do trabalho da psicoterapeuta quanto na desistência de profissionais que escolheram esse caminho. Um caminho ou uma saída para esse imbróglio é pouco vislumbrado por esses dados. O que me faz questionar como as psicoterapeutas têm direcionado suas carreiras na prática na realidade contemporânea. Assim, questiono-me, quais são os modos de sentir, pensar e agir emaranhados nessa trama de significados de tornar-se psicoterapeuta? Como o tornar-se psicoterapeuta se manifesta atualmente, em uma profissão que é exercida por pessoas que estão inseridas neste nosso contexto sócio-histórico? Quais desafios e potencialidades têm sido enfrentadas por aquelas que optaram por percorrer este caminho tendo como horizonte a perspectiva fenomenológico-existencial?

⁸ Para ilustrar o crescimento inicial de solicitações de cadastros no *e-Psi* — requisito para que psicólogas(os) possam atuar de forma *online*, entre 10 de novembro de 2018 e 29 de fevereiro de 2020 (período pré-pandemia) foram realizados 30.677 cadastros. Enquanto, apenas no mês de março de 2020, início do isolamento social, somou-se 32.310 novos cadastros (CFP, 2020).

Assim, considerando a predominância da escolha pela atuação clínica, em contradição com a marginalidade conferida à abordagem teórica supracitada, busca-se compreender como tem ocorrido essa inserção no mercado de trabalho da psicoterapia e construção da carreira nos anos iniciais de uma psicoterapeuta fenomenológico-existencial. Entende-se que tal construção se dará também permeada e atravessada, de alguma forma, por questões sócio-culturais — como a formação de psicólogas, o contexto pós-pandemia, flexibilização e avanço do teletrabalho, as dificuldades iniciais da prática clínica, a possível precarização do trabalho da(o) psicoterapeuta - conforme discutido, dentre outras questões que possam vir a emergir no decorrer da pesquisa *Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação*, na área de concentração Psicologia Social, por tematizar a construção da identidade profissional das psicólogas à luz dos atravessamentos culturais, institucionais e sócio-histórico contemporâneos.

Objetivos

O **objetivo geral** desta pesquisa é investigar a experiência daquelas que decidiram iniciar a carreira profissional na psicoterapia fenomenológico-existencial e que estão nos primeiros anos de prática psicoterápica, se havendo com as questões que envolvem a inserção no mercado de trabalho e a formação profissional.

Nesse sentido, tem-se como **objetivos específicos** norteadores:

- 1) indicar aspectos e os desafios específicos de uma prática psicoterápica que tem como horizonte de trabalho a psicologia fenomenológico-existencial;
- 2) levantar dificuldades e potencialidades envolvidas na formação em Psicologia dessas profissionais;
- 3) discutir como o crescimento da psicoterapia *online* tem impactado no início de carreira de psicólogas recém-formadas;
- 4) descrever e avaliar as possibilidades de inserção e manutenção dessas profissionais no mercado de trabalho, que se dá majoritariamente como trabalho autônomo.

Para tanto, na construção do presente trabalho, é realizado o seguinte percurso: o primeiro capítulo apresenta uma síntese da psicoterapia fenomenológico-existencial de acordo com seus fundamentos teórico-filosóficos e das implicações práticas para a formação de profissionais. O segundo capítulo apresenta o campo temático do início da prática clínica por jovens psicólogas psicoterapeutas conforme pesquisa bibliográfica; seguido pelo terceiro capítulo, que amplia a compreensão da psicoterapia enquanto profissão inserida no campo da Psicologia. O quarto capítulo descreve o método e procedimentos adotados nesta pesquisa, além dos fundamentos teóricos da pesquisa qualitativa fenomenológico-hermenêutica; seguido pelo quinto capítulo, que apresenta narrativas das experiências das psicoterapeutas entrevistadas e, do sexto capítulo, que realiza um enlace entre as discussões apresentadas nas narrativas com a literatura a fim de apresentar o processo de tornar-se psicoterapeuta

fenomenológico-existencial. Por fim, nas considerações finais, são discutidas as principais contribuições, os limites da pesquisa e possíveis desdobramentos para estudos futuros.

1. Remar Contra A Maré: Perspectiva Fenomenológico-Existencial Como Fundamento Teórico Na Contemporaneidade

No CensoPsi 2022 (CFP, 2022b), deparamo-nos com a aglomeração de diversas abordagens teóricas intituladas como “Fenomenológica/Humanista” e “Existencialista”, segundo Evangelista (2015), tal aglomeração é herança do acontecer histórico de como as psicologias de fundamentação fenomenológica, existenciais e humanistas chegaram e foram se estabelecendo no Brasil. Considerando as confusões que possam decorrer do avizinhamiento entre as teorias, é essencial demarcar onde esta pesquisa está alicerçada.

Evangelista (2015), dá contorno a essa seara evidenciando dois principais caminhos para psicologias fenomenológicas e existenciais: o primeiro, que se desenvolve na Europa, e é onde se situa a Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, proposta inicialmente por Ludwig Binswanger e Medard Boss com o título de Daseinsanalyse, ancorada na ontologia de Martin Heidegger e precedida por Edmund Husserl; acompanhada pelas Psicologia Existencial, baseada no Existencialismo de Jean-Paul Sartre, a Logoterapia, de Viktor Frankl, entre outras. Já o segundo caminho se desenha nos Estados Unidos, onde nomes como Carl Rogers (Abordagem Centrada na Pessoa), Fritz Perls (Gestalt-terapia), Carl Whitaker e Thomas Malone (Psicoterapia Existencial), Rollo May e Eugene Gendlin (Psicoterapia Fenomenológica Existencial) ganham notoriedade. Lá, essas várias vertentes são reunidas por Abraham Maslow sob o nome de “Terceira Força em Psicologia”.

Quando toda essa pluralidade de vertentes chega ao Brasil, faz-se um agrupamento irrefletido, algumas vezes até nomeando-as, seguindo a nomenclatura norte-americana, como “Terceira Força em Psicologia”. Apesar de compartilharem do método fenomenológico enquanto uma postura terapêutica — se aproximar do outro tal como ele se apresenta — as fundamentações filosóficas são diferentes e, alguns pontos, até contraditórias. Neste ponto, já compreendemos o que Evangelista (2015) quis dizer por “o terreno das psicologias

fenomenológicas, existenciais, fenomenológico-existenciais, fenomenológicas existenciais, humanistas e humanistas existenciais é pantanoso. Não há sendas claras, somente rastros” (p. 63) e, não sendo o objetivo de mapeamento deste terreno, não nos deteremos nessa discussão por aqui. Reconhecendo, no entanto, a necessidade de trazê-la à luz para, então, demarcarmos que a abordagem teórica que fundamenta esse trabalho é a Psicologia Fenomenológico-Existencial, a *Daseinsanalyse*⁹, que tem como direção a ontologia heideggeriana enquanto concepção de existência.

Assim, para adentrarmos na discussão da perspectiva fenomenológico-existencial enquanto prática clínica contemporânea, é fundamental darmos um passo atrás para esboçarmos a epistemologia que fundamenta um horizonte de trabalho psicoterapêutico e, também, o método desta pesquisa.

Ao assumir o olhar fenomenológico-existencial, distanciamo-nos, a princípio, do que se entende tradicionalmente por ser humano, homem, ou mesmo o sujeito/objeto de pesquisa. Tal afastamento aconteceu, sobretudo, com Martin Heidegger, na obra *Ser e Tempo* (1927/2002), ao questionar-se sobre o sentido do ser, por meio de uma analítica da existência. Segundo Sapienza (2015), a obra não é somente uma ideia inovadora da descrição do ser humano e do sentido de ser, mas também uma indicação do modo como a fenomenologia se aproxima das questões existenciais.

Heidegger emprega o termo ser-aí (*Dasein*) não como um substituto da definição de humano, mas para propor uma transformação radical no modo de se pensar (Casanova, 2009). Ser-aí é ser-no-mundo, isto é, ser é estar jogado e aberto em um mundo fático (*aí*, aquilo que rodeia o ser, dotado de significações) e ter que se haver com a responsabilidade de realizar sua existência, suas possibilidades e sua finitude.

⁹ Nesta pesquisa, tomarei a *Daseinsanalyse* como paradigma de psicologia fenomenológico-existencial, embora, como discutido acima, a influência de Ludwig Binswanger e Medard Boss não seja unânime nas abordagens que assim se intitulam.

Assim, o que temos aqui pode ser descrito da seguinte forma: 1) o ser-aí existe; 2) a existência traz consigo um movimento de descerramento e liberação do mundo como campo de liberação dos entes; 3) o surgimento mesmo desse horizonte torna possível a manifestação dos entes que, em seguida, vêm ao encontro do ser-aí e requisitam dele um modo de comportar-se em relação a eles; 4) o ser assim assume, então, um determinado modo de comportamento, se determina como o que é (Casanova, 2009, pp. 91-92).

Nesse sentido, a filosofia de Heidegger trouxe para a psicologia uma noção de existência que transcende os limites da dicotomia de mente/corpo (Roehe & Dutra, 2014) e, até mesmo, da ideia de externo/interno, visto que a relação do ser com o mundo ocorre nessa abertura de encontro dos entes. Assim, “o Dasein não habita o espaço, ele espacializa: abre o espaço que ocupa como ser no mundo” (Nunes, 2002, p. 17). Em consonância, Critelli (1981) afirma que “o homem não está no mundo como uma coisa está dentro de outra coisa. O mundo é o horizonte (não fisicamente limitado) onde se desdobram as possibilidades do homem” (p. 72). Não falamos, assim, de mundo enquanto espaço geográfico, mas enquanto rede de significados. Nesse sentido, a existência do ser-aí é pura possibilidade, não pode ser considerada como algo encerrado em si, tampouco possui uma “determinação que se associe essencialmente a ele, justamente porque sua única determinação consiste no caráter do “poder-ser”, sempre atravessado pelo horizonte histórico em que se encontra” (Feijoo, 2011, p. 34).

Segundo Feijoo (2011), uma psicologia ancorada no pensamento heideggeriano caminha na direção de se pensar um sujeito — ou melhor, o ser-aí — sem um ideal de *eu* estanque ou um psiquismo, uma vez que uma formulação teórica sobre a determinação da existência acaba por encobrir aquilo de mais originário que lhe confere. Assim, ao distanciar a compreensão do ser-aí da ideia de um sujeito moderno que tem uma essência pré-determinada, que pode ser acessada e construída por uma disciplina científica e objetivável, a análise

existenciária de Heidegger propõe um outro caminho para o trabalho psicoterapêutico, no qual se persegue um modo de acesso mais essencial e singular a fenômenos como o tempo, espaço e a própria existência humana. De acordo com Sá (2017), o pensamento calculante — expressão da contemporaneidade chamada por Heidegger de Era da Técnica — impera nesses esforços de conhecer e controlar alguma representação do humano, mesmo que com críticas contundentes aos modelos cartesianos, complexas divisões e arranjos interdisciplinares.

Antes de prosseguirmos com esta exposição, cabe sublinharmos a proposta de um outro caminho, como dito acima, de fazer-saber clínica, não se propõe à oposição ou substituição de outras atitudes clínicas, o que poderia incorrer no risco de tornar a própria fenomenologia-hermenêutica como uma nova técnica. No entanto, ainda segundo Sá (2017), a constatação das tantas possibilidades de abordagens, interpretações e condutas terapêuticas e a dificuldade de delimitação de agrupamentos dentro do que se denomina Psicologia, ilustram um fundo epistemológico atravessado pelo horizonte histórico da chamada Era da Técnica, mais uma vez, uma busca incessante pelo controle e determinação do conhecimento.

Caminhando pelo pensamento heideggeriano, compreendemos que, tradicionalmente, a técnica, outrora compreendida como um meio de produzir ou acessar algo, na modernidade transfigura-se para um modo de descobrimento que envolve toda a compreensão de mundo — sendo não somente um meio, mas também um ponto de partida e um fim. Ainda segundo esse filósofo, a técnica moderna é incomparável a todas as técnicas anteriores por estar ancorada no pensamento moderno da ciência exata da natureza (Heidegger, 2007). Nesse sentido, a técnica moderna, enquanto modo de desvelamento e produção da verdade, não pressupõe uma manifestação que se dá a partir de si mesma, mas que é provocada e transformada em matéria-prima a partir de uma intervenção técnica (Sá, 2017). Assim sendo, o que se entende por Era da Técnica é a compreensão moderna em que tudo pode ser produzido, melhorado, substituído,

objetivado e objetificado para que se alcance com celeridade o controle solicitado pela modernidade (Pompeia & Sapienza, 2011; Sá, 2017).

Para exemplificar o pensamento calculante, sustentáculo da técnica moderna, Heidegger dispõe da imagem da agricultura: para um camponês, o ato de plantar significa não somente um meio de conseguir alimento/sobrevivência, mas também do cuidado com a terra, do acompanhamento do crescimento da semente, da proteção do solo — como um pacto com a natureza. Já na esteira de produção do cálculo — Era da Técnica — o campo é uma indústria; o solo, fornecimento ou ausência de minérios; o ar, nitrogênio; e, o alimento, produto (Heidegger, 2007). A paciência solicitada pelo cuidado necessita dar lugar à agilidade e à melhoria do processo de se ter cada vez mais e melhores frutos. Em consonância, segundo Evangelista (2020), o mundo contemporâneo solicita uma imediatez que não suporta sequer o tempo de crescimento e amadurecimento da natureza, tampouco a susceptibilidade às incontrolláveis intempéries e fragilidade da vida humana. Passamos, assim, a desafiar a natureza.

A história do mundo caminhou nessa direção sem volta, e tudo isso que compõe esse estado de coisas a que chamamos de técnica já se estruturou de tal modo que agora funciona de uma maneira autônoma: a técnica gera mais técnica. Sua grandiosidade se espalha e se mostra por todos os lados, e ela se impõe como aquilo que dá a cara do mundo contemporâneo. (Pompeia & Sapienza, 2011, p. 127)

Nesse sentido, negar aquilo que caracteriza o mundo contemporâneo é, no mínimo, fantasioso, ao passo que acolhê-lo, sem questioná-lo, é perigoso. Para Heidegger (2017), é um erro pensar na essência da técnica enquanto algo puramente técnico e neutro, em que seja possível vilanizá-la veementemente ou aceitá-la apaixonadamente. A crítica heideggeriana se dirige ao modo histórico em que o homem passa a se relacionar com a técnica na modernidade,

sem um juízo de valor, até porque a própria essência da técnica moderna tem um caráter dúbio: ao mesmo tempo que conduz o homem a uma busca incansável por produção, consumo, eficácia e celeridade, ela é, em sua essência, um modo de desvelamento, possibilitando, nesse sentido, que o homem não se perca nessa busca, lembrando-o seu lugar de escuta e correspondência do ser (Sá, 2017). Sendo a sua própria adversidade e o resgate em si mesma.

Assim, Heidegger propõe a disposição da serenidade como uma possibilidade existencial de relação com a Era da Técnica, isto é, uma postura meditativa e questionadora que não superestima a técnica como a via mais importante de conhecimento, mas também não a rejeita, que não é submissa, mas também não é reativa. A serenidade permite uma abertura para o mistério e um desprendimento da intenção de controle, indo na direção de “uma atitude de equanimidade, um olhar para a técnica que reconhece o fato de que seu poder não provém dela própria. Assim, é possível dizer sim e não à técnica e ter uma relação de maior liberdade com ela” (Sá, 2016, p. 36).

Dutra (2019) salienta a inevitabilidade de considerarmos aspectos sociais e históricos na psicologia que fazemos hoje, na Era da Técnica. Pompeia e Sapienza (2011) dão indícios do atravessamento desta época na psicoterapia, visto que não é incomum que os pacientes cheguem com pedidos de eliminar qualquer sofrimento, desconforto, angústia, insegurança; e, concomitantemente, que se potencialize e supervalorize a busca pelo controle das emoções, cultivo de sentimentos positivos e aumento de produtividade. Dutra (2019) discute ainda a importância de compreendermos como o sofrimento é tratado na contemporaneidade, visto que além de ser um dos principais motivos pela busca de terapia, revela o olhar das práticas clínicas psicológicas. Segundo a autora, quando ancorados unicamente na concepção biomédica sobre a existência humana, podemos acabar por restringir aspectos próprios do existir, como o próprio sofrer, às condições biológicas, potencializando os fenômenos de patologização da vida e excesso de medicalização. Com isso, persegue-se explicações e determinações que

esclareçam o mal-estar de se estar lançado no mundo, atravessados pelo apelo cada vez mais gritante de eficiência e rapidez na eliminação dos amargores da vida.

Trata-se de um cenário similar ao que Han (2017b) denomina como “Sociedade do Desempenho”. Esse filósofo descreve que vivemos em uma época marcada pelo excesso de positividade: a superprodução, o super desempenho, a super comunicação. Nessa época, há espaço apenas para aquilo que, supostamente, potencializa a produtividade humana — a felicidade, a motivação, o poder, o sucesso, a auto realização etc. — em detrimento de tudo aquilo que pode ser obstáculo para este fim. No entanto, o efeito desse modo de funcionamento social é justamente o oposto; o foco recai em sofrimentos relativos à atenção e à estafa.

Considerando a urgência solicitada pela Era da Técnica — ou mesmo da Sociedade do Desempenho — cabe questionarmos: e a Daseinsanalyse com isso? Como se dá o fazer clínico ancorado nesta perspectiva na contemporaneidade? A própria psicoterapeuta compartilha deste contexto, o embasamento teórico do seu trabalho não a encapsula do mundo, não a protege desse modo de funcionamento, mas, sim, facilita a expansão da compreensão de si, do processo psicoterápico, do paciente e da historicidade que os atravessa. Segundo Sá (2016), esse dar-se conta de que estamos absorvidos pelo mundo não nos tira dessa condição, mas transforma radicalmente essa absorção, insuflando liberdade nessa relação.

Pompeia e Sapienza (2011) discutem como a Daseinsanalyse corresponde à solicitação de agilidade na eliminação/resolução do sofrimento ou desconforto — parâmetro de eficiência da psicoterapia. A terapeuta sabe que não tem o poder de tamanho heroísmo e, mais do que isso, entende que esse sofrimento está ancorado e enlaçado em tantas tramas de significados que compõem a vida do paciente. Tal desenlace solicita tempo que caminha no sentido de reunir pedaços da história do paciente, composta por realidades, sonhos, perdas, medos que o aproximem do seu modo de ser no mundo, apropriando-se de si e da sua responsabilidade pelo próprio cuidado.

O pensamento calculante pleiteia, também, uma explicação causal do sofrimento, uma definição que enquadre aquela vivência. Segundo Dutra (2019), não é raro que um paciente procure a psicóloga já com um diagnóstico, solicitando uma medicação que irá resolver seu problema. Alguns, chegam com o encaminhamento psiquiátrico que recomenda uma Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) devido ao reconhecimento da eficácia e da rapidez no tratamento. Ora, tratando-se de uma perspectiva daseinsanalítica, que privilegia a experiência vivida enredada na história do paciente, “é mais importante deter-se no ‘como’ ele está se sentindo, no ‘como’ ele está vivendo o que acontece com ele do que na preocupação de detectar o ‘que é’ isso que acontece” e, com isso, ajudá-lo a reconhecer-se em quem foi, quem está sendo e, sobretudo, em quem poderá ser, sendo uma história acontecendo e, portanto, aberta (Pompeia e Sapienza, 2011, p. 136).

Sapienza (2004) narra uma história fictícia de terapia que nos aproxima desse modo daseinsanalítico de recolher e desenlaçar os fios da vida de uma paciente: falamos sobre uma mulher sobrecarregada com os afazeres domésticos, com uma vida inteiramente voltada para o cumprimento do papel de esposa e mãe, cada vez mais tomada pelo amargor da falta de sentido próprio. Haveria, sim, a possibilidade de um processo que visasse o empoderamento dessa mulher, com técnicas que facilitassem o autocuidado, atividades prazerosas, gestão de tempo e aprendizado na delegação de tarefas. No entanto, o caminho que se tomou é o de percorrer as experiências vividas que, silenciosamente, fazem parte de quem ela é hoje, abrindo possibilidade para reconhecer-se, até mesmo no sofrimento, relacionar-se com ele de uma maneira mais livre — inclusive para a abertura às mudanças.

Com isso, é tarefa do processo terapêutico auxiliar o paciente a compreender o sentido das suas experiências — seja nas dores, nas alegrias, nas possibilidades negadas e nos sonhos realizados. O processo terapêutico caminha na direção da “desconstrução das meras opiniões ditadas pelo falatório do impessoal e a quebra das habitualidades abrem fissuras que deixam

entrever possíveis mudanças” (Sá & Barreto, 2011, p. 101). Tais mudanças, conforme explicita Sá (2017), não se dão a partir de um redirecionamento das condições objetivas, determinadas como externas ou internas, do sofrimento, mas de uma apropriação de sentido.

Vamos esclarecer o nosso emprego da palavra sentido, visto que ela é sempre discutível, principalmente quando queremos explicá-la através da linguagem do conhecimento. Usamos essa palavra aqui em sua acepção mais simples. Trata-se daquele sentido que, na hora em que falta, todos nós sabemos do que se trata. É o sentido primário, fundamental, a que nos referimos quando perguntamos: “Qual o sentido de nossas vidas? Qual o sentido de estarmos aqui? (Pompeia & Sapienza, 2018, p. 164)

Assim, o questionamento realizado anteriormente: “e a Daseinsanalyse com isso? Como se dá o fazer clínico ancorado nesta perspectiva na contemporaneidade?” é cingido por Evangelista (2020), ao descrever que a psicoterapia daseinsanalítica é “ocasião para a interrupção do ritmo cotidiano e da ocupação familiar para que possibilidades existenciais que não estão podendo aparecer na clareira de mundo que o paciente é apareçam” (p. 186).

Nesse sentido, dada a ausência de interpretações e conceitos que explicam e determinam, a priori, os pacientes que buscam uma psicoterapia daseinsanalítica e um modo de condução e encontro terapêutico que nada no sentido oposto da maré do apelo da modernidade, é impossível não questionarmos: e a formação da psicoterapeuta? Qual o sentido desse ensino? Nas palavras de Sá (2017), “para quem lida com a transmissão e a formação clínica, esta é uma situação absolutamente desconfortável: como ensinar algo que jamais se esgota no âmbito do saber representacional, que está intimamente conectado com a experiência singular?” (p. 79).

O autor adverte que os princípios da psicologia fenomenológico-existencial não devem se transformar como uma teoria, como as demais. Mas, sim, fornecer um apoio crítico para que se tenha uma relação mais livre com o campo teórico utilizado, caso contrário, incorre-se no

risco das universidades e escolas de formação se tornarem meras implementadoras e propagadoras de técnicas e ideologias generalizantes.

Para Gemino (2014), a clínica psicoterápica atual busca legitimação no modelo técnico e científico proposto pela modernidade e sustenta diferentes concepções da essência humana. No entanto, ao alcançarmos o entendimento heideggeriano de estar-lançado da existência, muito nos distanciamos desses conceitos de um modelo prévio do ser homem. Consequentemente, a transmissão dessa compreensão de saber-fazer clínica não se faz tão objetivamente e preditiva como em outras perspectivas.

Ora, se a solicitação de explicação e objetividade chega aos consultórios por meio dos pacientes, dos encaminhamentos médicos, dos familiares, da sociedade, é de se esperar que seja também o desejo de muitas graduandas em Psicologia corresponder a esses pedidos. Duarte (2013) discorre sobre os anseios dos cursos superiores de corresponder às expectativas de um modo de produção capitalista que privilegia a racionalidade e produtividade, afinal, é essa concepção que abastece teórica e metodologicamente a psicologia.

Evangelista (2015), ao refletir sobre sua prática enquanto supervisor de estágio de analista e professor de psicologia fenomenológico-existencial, afirma que apresentar uma proposta de deixar os fenômenos aparecerem, cuidando para evitar interpretações prévias que possam encobri-los, soou estranho e até “antipsicológica” para estudantes que chegam, inicialmente, “tão ávidos por explicações sofisticadas sobre o comportamento alheio” (p. 37).

Sobre o lugar de superestima que o conhecimento teórico ocupa na prática psicoterápica, Figueiredo (2009) traz a importante contribuição de compreensão pelos conceitos de conhecimento tácito versus conhecimento explícito. O autor define o conhecimento tácito como aquele que não se adquire através de estudos teóricos, pois é algo inerente a cada pessoa, enquanto o conhecimento explícito é aquele adquirido pelo estudo da teoria. Por exemplo, espera-se que uma psicóloga que tenha como conhecimento tácito uma

capacidade de escuta apurada, de sensibilizar-se com a dor do outro, sem mergulhar nela; enquanto sua compreensão de homem, psicopatologias e técnicas serão desenvolvidas — precisando ser incorporadas, isto é, tornadas tácitas — pelo conhecimento explícito. Assim, o conhecimento explícito e tácito — enquanto teoria e prática, respectivamente — devem estar em uma tensão ótima, de modo que a apropriação da teoria pela psicóloga permita uma flutuação entre essas duas dimensões no ofício da clínica psicológica. Isto é, o processo de tornar-se psicoterapeuta se dá, de forma constante, como uma apreensão da realidade e de si mesmo — atravessados por conhecimentos tácitos e explícitos adquiridos ao longo da vida e da formação.

Como ensinar, então, a escuta? A sensibilidade? A disponibilidade para com o outro? Isso é transmitido em complexas elucubrações teóricas e científicas? Deveríamos considerar também o modo-de-ser do terapeuta. Para Sá (2017), a identidade profissional do terapeuta jamais pode se reduzir a uma questão de escolha teórica ou aplicação de técnicas, mas sim da sua existência como um todo. Similar a essa direção, Evangelista (2015) traz para a formação da psicoterapeuta o caráter de existência daquela que está se formando, não somente uma profissional isolada de si mesma, quanto propõe uma supervisão que, ao invés de explicar e direcionar a estagiária na condução do caso, busque ouvir o seu relato de experiência enquanto um compartilhar e desvelar seu modo de ser-no-mundo, entendimentos e estados-de-ânimo que surgem nesse encontro. Isso para, então, fazer o exercício constante, e nunca terminado, de escutar e buscar compreender o sentido do que diz o paciente, adentrando em como a pessoa experimenta o mundo e não do que a profissional pensa sobre ele.

Sá (2016) discorre sobre o aprendizado da psicoterapia fenomenológico-existencial:

Por mais que se tenha acumulado experiência, leitura e reflexão, a especificidade do cuidado na psicoterapia fenomenológica não se aprende objetiva e definitivamente. Ao contrário, trata-se de um aprendizado que já faz parte do cuidado mesmo, e no qual já

se está desde sempre envolvido. Esse cuidado não é apenas uma questão de saber representacional, é, antes, um cultivo insistente da lembrança e da atenção (p. 43).

Assim, o ensino e, conseqüentemente, o aprendizado da psicoterapeuta fenomenológico-existencial não se reduz apenas a determinações teóricas, objetivações científicas, padronizações técnicas. Convoca-se, para essa formação, o mundo dos formadores, o mundo dos estudantes e o horizonte histórico que os circunda — além do caráter de constante movimento que os envolve.

Nesse sentido, é importante diferenciar aqui a atitude fenomenológica proposta por Edmund Husserl e Martin Heidegger: enquanto a primeira toma como direção a suspensão de todo juízo (*epoché*), a segunda não acredita nesse caminho, visto que sendo o ser-aí abertura para os outros e os entes que vêm ao seu encontro, suspender ou cerrar essa abertura não é uma possibilidade (Sá, Junior & Leite, 2010). Ao que Sá (2017) complementa que esta tentativa de controle não pode ser voluntária, uma vez que também está em jogo a nossa experiência cotidiana e nossas entonações afetivas. Logo, a ideia de uma neutralidade e afastamento de uma “profissional do encontro” (Figueiredo, 1993, p. 93), a psicóloga e analista, torna-se incoerente: “A questão que se instala a terapia e nela se instala é a mesma já imposta pela vida. Portanto, não se pode atribuir à relação terapêutica nenhum privilégio de maior objetividade, neutralidade ou afastamento” (p. 55). Visto que cotidianamente, por mais que munidas de uma teoria/técnica, é essencial uma abertura para o desconhecido e desafiante, isto é, a alteridade do outro — seja indivíduos, grupo ou instituições.

Finalizo este tópico com o questionamento de Celidonio (2017, p. 112), que une as reflexões aqui elaboradas: “Pensamos... qual seria o foco da formação em psicologia, se não, na vivência humana?”.

2. O Início Do Processo De Tornar-Se Psicoterapeuta

Com vistas a nos aproximarmos do processo de formação de psicólogas psicoterapeutas iniciantes, no decorrer deste capítulo é realizada uma análise da literatura sobre o assunto. Não se trata de revisão bibliográfica propriamente dita, e sim, de um levantamento do material disponível, sem a pretensão de mapear o estado da arte. Para isso, recorri aos portais de periódicos científicos: Portal de Periódicos CAPES, Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Nessa etapa, foram incluídos materiais de diferentes abordagens da Psicologia, no intento de tornar a discussão sobre a formação compartilhada de profissionais psicoterapeutas mais rica. Em seguida, para alcançar reflexões sobre as especificidades da formação clínica na abordagem fenomenológico-existencial, considerada minoritária no campo profissional, o que pode acarretar situações e desafios peculiares, foi realizada uma costura do material recolhido nos periódicos com importantes livros que dialogam com psicoterapeutas iniciantes e a perspectiva que norteia esta pesquisa.

Nos estágios realizados durante a graduação, as estudantes têm a oportunidade de inaugurar as experiências de atendimento clínico. A inexperiência de uma estagiária pode, muitas vezes, se manifestar como ansiedade, medo, nervosismo e insegurança de conseguir ou não desempenhar bem o papel de psicoterapeuta (Boris, 2008a; Cordeiro & Lima, 2016; Mendes *et al.*, 2021; Gomes & Reis, 2022). Sobre o que se entende por desempenhar bem tal ofício, Dutra (2013) apresenta como a variedade de perspectivas teóricas e metodológicas podem ser tão divergentes que se questionarmos psicoterapeutas de orientação psicanalítica, humanista, cognitivo-comportamental, teríamos respostas muito distintas, o que indica a vasta gama de possibilidades de se atuar enquanto psicoterapeuta e do que se espera de um processo psicoterapêutico.

Mendes *et al.* (2021) e Cordeiro e Lima (2016) relatam que perceberam nas estagiárias a cobrança idealizada pelo senso comum da psicóloga enquanto uma profissional que é capaz de modificar os comportamentos de seus pacientes, proporcionando-lhes bem-estar. Para Boris (2008a) e Túbero e Rocha (2020), tal auto-idealização desse poder de resolutividade da psicoterapeuta pode afastá-la do paciente, com a pretensão de que sabe mais sobre o outro do que ele mesmo, pode acabar assumindo uma postura de arrogância e saber inatingível. Há ainda aquelas com uma necessidade de serem reconhecidas e admiradas pelo outro, que acabam por depender de uma excessiva disponibilidade na tentativa de demonstrar eficiência, frustrando-se quando não têm suas expectativas supridas.

Do ponto de vista fenomenológico-existencial, Sapienza (2004) diz do cuidado ao tentar corresponder a urgência que o paciente tem em resolver determinado problema. É natural que ele solicite essa resolução imediata, afinal, ele está sofrendo; mas, cabe à terapeuta atentar-se para que o trabalho terapêutico seja realizado a favor do tempo, não contra ele. Segundo a autora, não se pode imaginar uma atitude clínica fenomenológica ansiosa, pois é necessário tempo para que, sessão por sessão, seja possível recolher pedaços da história daquele paciente; história essa composta por dores, alegrias, abandonos, sonhos, medos etc. O que irá demandar da terapeuta em formação que tolere também o sofrimento para que seja possível amadurecer uma compreensão e, “para isso, é preciso que não se esteja ansioso para ‘mostrar serviço’ — a ansiedade faz enxergar torto” (Sapienza, 2004, p. 44). No entanto, cabe ressaltar que o paciente tem o direito de escolher o tipo de processo a que se submeterá e, caso opte por uma psicoterapia fenomenológico-existencial, estará ciente da demanda de tempo que esta solicita.

Nesse sentido, Guimarães (2021) afirma que alunas e profissionais que optam pela perspectiva fenomenológico-existencial podem vir a entrar em contato ainda com uma angústia gerada por uma ruptura da abordagem que rompe com a valorização da técnica, do pensamento calculante e do saber metafísico. A previsibilidade do término do tratamento, a ideia de um

objetivo de cura, teorias e conceitos que expliquem aquele paciente não fazem parte do escopo dessa perspectiva. No entanto, a própria formação em Psicologia geralmente tem currículos alicerçados nesses valores, o que recai sobre as práticas clínicas (Duarte, 2013; Dutra, 2013; Guimarães, 2021). Sendo assim, manter-se com atitude fenomenológico-existencial na prática clínica é estar em um esforço contínuo, não de ignorar os saberes científicos, mas de não deixar que eles se interponham numa compreensão explicativa da existência do paciente.

Somado ao desabrigo de uma teoria explicativa fenomenológica, Cordeiro e Lima (2016) destacam ainda o quão confortável e tranquilizante pode ser essa falsa sensação de estar no controle do processo terapêutico para uma psicóloga de primeira viagem. Enquanto, para Cordovil *et al.* (2021) quando a psicoterapeuta iniciante torna-se capaz de abrir mão do controle e da preocupação inicial com a exatidão das suas compreensões e intervenções, torna-se possível uma abertura para novas possibilidades de aproximação com a alteridade do paciente.

Os estágios curriculares, especialmente na clínica psicoterápica, são ocasião para que as estudantes de Psicologia possam aplicar nos atendimentos tudo o que haviam estudado nas disciplinas, iniciações científicas, eventos acadêmicos, estudos por conta própria etc. Tal cisão entre teoria e prática presente nos currículos de Psicologia, inclusive, acaba por adiar a experiência das alunas, visto que costuma acontecer, na maioria das vezes, ao final do curso (Duarte, 2013). Assim, a preocupação em alinhar os estudos teóricos com a prática clínica é motivo de desassossego para as alunas-psicoterapeutas (Mendes *et al.*, 2021; Boris, 2008a; Cordovil *et al.*, 2021; Cordeiro & Lima, 2016).

Cordeiro e Lima (2016) apresentam um relato de experiência de um aluno-psicoterapeuta que exemplifica essa preocupação “Mas à medida que o dia do meu primeiro atendimento chegava percebi que tantos estudos não haviam me preparado para o que estava por vir” (p. 49). Em outro momento, o mesmo estudante afirma “Estou na frente dele, e agora?

Farei uma redução fenomenológica? Como ter lido tanto não me preparou para esse momento?” (p. 55).

2.1. A Importância Da Supervisão

Pode-se somar ainda a dificuldade de estudantes que se identificam com diferentes abordagens acabarem por se confundir nos atendimentos. Boris (2008), na posição de supervisor em gestalt-terapia, presenciou alunas utilizarem conceitos e/ou técnicas oriundas de outras teorias psicológicas. Assim, quando não se tem clareza do olhar clínico e do referencial teórico utilizado, compreende-se que pode ocorrer uma interferência do que Cordovil *et al.* (2021) chamam de “movimento pendular” (p. 404), em que a terapeuta iniciante transita entre a familiaridade da técnica e/ou teoria com o inesperado da experiência de se estar com o outro. Similar a isso, Duarte (2013) afirma que, para além do alinhamento entre teoria e prática, há sobretudo uma conexão com as próprias experiências, o que a autora chama de tripé da escolha da abordagem. Cabe, deste modo, a reflexão de como podem se comportar estes sustentáculos se as perspectivas teóricas se conflitam. Guimarães (2021) apresenta ainda uma outra faceta perigosa do ecletismo: para se esquivar da angústia e confusões de lidar com diferentes bases teóricas, é comum que a aluna ou profissional recorra ao senso comum, “onde tudo é possível sob o signo da psicologia” (p. 28).

No jogo entre apropriar-se do conhecimento teórico e percorrer as inseguranças iniciais, está a relação com o paciente e como ela pode ser impactada, dificuldades desde a postura corporal até saber o que falar e o que calar aparece na literatura. O relato de uma estagiária exemplifica o fator corporal: “Durante os primeiros... eu me senti perdida, meio assim, como é que eu me sento, como é que eu me comporto, como é que eu fico, será que eu tô fazendo muito cara de espanto, bem ansiosa assim” (Gomes & Reis, 2022, p. 6). Mendes *et al.* (2021) e Gomes e Reis (2022) relatam o receio de algumas estagiárias em falar algo que soe desagradável para

o paciente, motivando-o a não retornar na sessão seguinte e, até mesmo, a dificuldade em acolher e compreender o silêncio, rompendo-o com diversas perguntas na intenção de preencher um suposto vazio. Gomes e Reis (2022) apresentam, inclusive, o relato de uma estagiária que narra como tamanho nervosismo e angústia a impedem de prestar atenção no que o paciente fala, afastando-se daquilo que emerge do paciente. Para Vieira *et al.* (2018), tal preocupação em expressar sempre as respostas corretas no tempo correto pode acarretar a perda de espontaneidade da psicoterapeuta em formação.

Sapienza (2004) atribui a dificuldade de condução de uma sessão de terapia à delicadeza que constitui essa conversa. Segundo a autora, é uma conversa muito especial, exigindo o essencial: o ouvir, o falar e o silenciar. Trata-se de um ouvir que não interrompe ou fica tentando antecipar o que o outro irá falar; de um falar que necessita de encontrar uma linguagem apropriada para aquela pessoa e aquela situação específica e, um silenciar que seja possível suportar o silêncio. Todos esses aspectos não são tão simples em uma conversa cotidiana. Esses aspectos descritos pela autora no contexto da psicoterapia fenomenológico-existencial estão presentes, em alguma medida, e, espera-se, em toda abordagem teórica em psicologia, uma vez que demarcam a diferença da intervenção profissional em relação com a conversa cotidiana.

Assim, a supervisão é apontada como essa ferramenta que possibilita o alinhamento e integração entre teoria e prática. Mendes *et al.* (2021) apontam a supervisão como um moderador da ansiedade e angústia por meio de uma orientação profissional mais experiente. Podendo, dessa forma, contribuir desde a compreensão das sutilezas e estranhezas do encontro clínico (Gomes & Reis, 2022) até o desenvolvimento e experimentação de um estilo próprio do profissional (Lazzarini *et al.*, 2021). Isto é, no exercício supervisionado, a psicoterapeuta em formação pode encontrar um modo coerente — eticamente, teoricamente e pessoalmente — de se estar com o paciente, construindo sua identidade profissional. E, assim como não há uma teoria *a priori* no trabalho psicoterapêutico fenomenológico-existencial que se interponha

na relação entre psicoterapeuta e paciente, não há um estilo/jeito de estar-com pré-determinado nos atendimentos.

Segundo Sapienza (2004), cada terapeuta irá desenvolver seu modo de trabalhar: ficar mais calado, responder ou não perguntas diretas do paciente, fazer interferências durante os relatos ou preferir dar uma devolutiva mais ampla ao final da sessão. São diversas as possibilidades de se relacionar e de construir o próprio modo-de-ser psicoterapeuta. Yalom (2006) complementa ainda que o processo psicoterapêutico se assemelha a um rio, que corre espontaneamente — a terapeuta deve estar preparada para acompanhar o paciente em seu fluxo. Se esse rio for limitado por uma forma de acontecer pré-determinada, isto é, se for aplicada uma forma padronizada de psicoterapia para todos os pacientes, tenderá ao fracasso.

A importância da supervisão com uma psicoterapeuta experiente persiste nos primeiros anos de prática clínica, não mais como uma obrigatoriedade, mas como uma responsabilidade ética. Moreira (2003) entende a supervisão como uma etapa de treino de terapeutas indispensável na formação de psicólogas clínicas. Queiroz e Vandenberghe (2023) defendem que um bom relacionamento com a supervisora é um direcionamento da qualidade do aprendizado e, conseqüentemente, do processo com o paciente. Neste estudo, supervisionandas entrevistadas relataram que um relacionamento de confiança possibilitou a escuta de críticas que não foram encaradas como punição, motivando-as a atender — do contrário, supervisões encaradas como condenação dos erros e inseguranças próprias do iniciante, aproximaram-nas do sentimento de fracasso.

Em consonância, Calligaris (2019) afirma que a função de uma supervisão para uma jovem psicoterapeuta não deve ser uma aula de clínica ou arte diagnóstica, tampouco para a supervisora mostrar como e porque ir por outro caminho; com exceção de situações catastróficas, o objetivo central da supervisão deve ser autorizar a terapeuta, inspirando-lhe confiança em seus próprios atos.

2.2 A Psicoterapia Pessoal

Cabe refletirmos ainda sobre a importância da psicoterapia pessoal nesse processo. Autores de diferentes perspectivas teóricas apontam a importância da psicoterapia pessoal no processo formativo do jovem psicoterapeuta. No presente levantamento bibliográfico, destacamos os seguintes estudos: na Fenomenológico-Existencial (Sapienza, 2004); na Gestalt-terapia (Boris, 2008a), na Psicanálise (Calligaris, 2019; Gomes & Reis, 2022), no Psicodrama (Lazzarini *et al.*, 2021) e na Terapia Cognitivo-Comportamental (Barletta *et al.*, 2011). Maia *et al.* (2012) ressaltam a importância de se considerar os aspectos pessoais da psicoterapeuta na formação enquanto profissional:

Entendemos que o diálogo entre a teoria e as experiências concretas dos alunos possibilita-os darem-se conta de suas crenças, seus valores, seus afetos, suas emoções, suas necessidades, seus pontos cegos e suas dificuldades, processo de conscientização tão importante para a formação do psicoterapeuta (p. 185).

Gomes e Reis (2022) compreendem que a ausência da obrigatoriedade de psicoterapia pessoal nas clínicas-escolas contribui para que as estagiárias estejam mais vulneráveis às vicissitudes inerentes aos atendimentos clínicos. Essa ausência pode gerar confusões na relação transferencial¹⁰, ou seja, as estagiárias sendo afetadas corporalmente pelos conteúdos trazidos (como dores no corpo e ânsia de vômito, relatadas por estagiárias), não conseguirem se perceber no atendimento ou fundindo suas vivências com as do paciente, reagindo contratransferencialmente¹¹. Boris (2008), em concordância, defende que tal falta é um sério agravante na experiência da jovem psicoterapeuta, podendo acarretar mau manejo dos sentimentos negativos e confusão entre as suas próprias questões com as do paciente. Para

¹⁰ Conceito da abordagem psicanalítica, na qual se situa o referido estudo, para se referir à relação terapêutica dirigida do paciente para o terapeuta.

¹¹ Conceito da abordagem psicanalítica, na qual se situa o referido estudo, para se referir à relação terapêutica dirigida do terapeuta para o paciente.

tanto, Barletta *et al.* (2011) assinalam a importância de a psicoterapeuta iniciante aumentar seu autoconhecimento, identificando e lidando com as suas questões pessoais, utilizando os recursos e técnicas próprias da psicoterapia.

A necessidade da psicoterapeuta iniciante se submeter ao próprio processo de psicoterapia continua sendo pautada, mesmo após a graduação (Boris, 2008b; Bruns, 2011). Boris (2008b) enfatiza que a ausência desse cuidado pode levar a psicoterapeuta a depender demais das técnicas ou a aderir rigidamente à teoria subjacente à sua abordagem psicoterapêutica, em prejuízo da construção de uma atitude compreensiva ao passo que oculta suas próprias inseguranças. Machado (2010) complementa que, para o processo de aprendizagem de uma terapeuta em formação, é necessário que ela tenha uma terapeuta e uma supervisora e também ser terapeuta do seu próprio paciente.

Para Yalom (2006), a psicoterapia pessoal é a parte mais importante do treino de psicoterapia, uma vez que o instrumento mais valioso de trabalho da psicoterapeuta é ela própria, sendo na experiência de terapia pessoal que ela pode se familiarizar com seu próprio lado sombrio e empatizar com desejos e vivências humanas. Calligaris (2019) em *Cartas a um jovem terapeuta*, obra reconhecida por aproximar estudantes, psicoterapeutas e aspirantes do mundo da terapia, reitera repetidas vezes a indispensabilidade de se submeter ao próprio processo psicoterapêutico quando se exerce tal profissão. Para o autor, muito além de servir para compreender seus próprios desejos e vivências da profissional, esta etapa é, por si própria, parte essencial do processo de formação, “que, em muitos casos, começa pelo exercício de se submeter, como paciente, a própria disciplina ou arte que você pretende exercer um dia” (p. 55).

2.3. A Psicóloga Recém-Formada

Após a conclusão da graduação em Psicologia, novos dilemas serão acrescentados ao processo de tornar-se psicoterapeuta, que nos parece se tratar de uma construção sempre em movimento. Agora, aquela estagiária de psicologia que tinha na instituição e na professora-supervisora as principais responsáveis pelo seu trabalho é a psicóloga que está na lida com o paciente, sem intermédio legal entre eles. Profissionais de variadas origens emergem, incluindo aquelas que dedicaram significativo tempo à prática clínica e aos estudos teóricos durante a maior parte de sua graduação, bem como aquelas que encararam o estágio apenas como uma disciplina a ser cumprida, e até mesmo aquelas que não tiveram oportunidade de vivenciar o atendimento clínico. Seja qual for a vivência anterior, muitos questionamentos e desafios podem ser compartilhados. Andrade (2010), ao redigir um cuidadoso texto, em forma de carta, a esse público, adverte:

Você já se formou, no momento cursa a especialização que escolheu, montou seu consultório, além disso, pode fazer terapia, pode fazer supervisão, está tudo, aparentemente, certo. Ao mesmo tempo você tem medo de não dar conta do recado, de não estar no caminho certo, afinal, ainda faltam o cliente, a segurança no atendimento, a experiência tão sonhada. Falta, acima de tudo, calma, paciência e tolerância ao encarar as cobranças diante das incertezas que a assolam. As incertezas são inúmeras, são teóricas, metodológicas, filosóficas, financeiras, pessoais. Tente passar com seriedade por esse período de seu crescimento, mas jamais se esqueça da serenidade (p. 223).

Segundo Machado (2010), suportar as incertezas da clínica é um grande desafio para as iniciantes da psicoterapia. A profissional precisa sustentar e acompanhar o paciente no encontro, lidando com o estranho de situações desconhecidas e imprevisíveis. Consonante a isso, Bruns (2011), em sua experiência de supervisora, apresenta uma dificuldade percebida em psicoterapeutas iniciantes que vai desde um conhecimento superficial da abordagem

psicológica eleita, dificuldades em reconhecer o momento e o espaço de interlocução com outros profissionais — como avaliar um encaminhamento ao psiquiatria, endocrinologia, sexologia e/ou urologia etc. — até em manejar demandas de diversidades afetivo-sexuais que vão desde conflitos de identidade de gênero até a sexualidade humana. Na visão da autora, isso se deve a uma aquisição insuficiente de conhecimentos acerca das dimensões bio-psico-sócio-culturais no período de formação. Dito isso, é um compromisso da psicóloga, além de aprofundar os estudos da teoria da psicologia que elegeu, expandir os conhecimentos de modo a estar capacitada, teórico e tecnicamente, para lidar com as particularidades do paciente, conforme preconiza o Código de Ética do Profissional Psicólogo¹² (CFP, 2005).

Compreende-se, então, que o caminho de formação do psicoterapeuta estará repleto de desafios, imprevisibilidades, dificuldades de diversas ordens, esforços, inseguranças e possibilidades. Conforme sintetiza Boris (2008b),

As várias questões levantadas acima me levam a destacar que ser psicoterapeuta requer uma síntese pessoal de um conjunto de atitudes desenvolvidas a partir de atividades ligadas à própria vida do psicoterapeuta, entre as quais se incluem a supervisão de profissionais competentes e experientes, a inserção em seu processo psicoterápico particular, a abertura à diversidade das experiências humanas, o desenvolvimento de seu estilo pessoal e profissional, a admissão em processos de formação ou de treinamento sistemáticos e o estudo dedicado aos fundamentos e aos temas do enfoque adotado (p. 176).

Tais dificuldades elencadas no início da formação profissional são provenientes de uma carência de conhecimento, teórica e prática, e são, portanto, gradativamente sanadas com um acúmulo de experiências e informações teóricas que permitirão ao psicoterapeuta mais

¹² Artigo 1º, alínea b — Código de Ética Profissional do Psicólogo.

segurança na atuação (Sá *et al.*, 2010). Vieira *et al.* (2018) ainda destaca um desafio importante nessa construção de tornar-se psicoterapeuta:

O desafio da formação se coloca em como garantir ao psicoterapeuta iniciante um passeio por essa fronteira, de modo que a técnica não dissolva a genuinidade dessa experiência de acolhimento do outro e, ao mesmo tempo, a dimensão organísmica que se presentifica no instante da relação possa ser elaborada de modo a garantir a consistência necessária para que aquela relação se torne produtiva (p. 73).

Gross e Teodoro (2009), ao propor um olhar para a cobrança de honorários na prática clínica, traz elementos referentes ao estabelecimento financeiro da clínica vivenciados por psicoterapeutas iniciantes. Segundo os autores, houve uma unanimidade entre as terapeutas entrevistadas sobre a dificuldade em contratar honorários no início da prática clínica, não tendo claro questões sobre o dinheiro e como enfocar esse tema com os pacientes. Para “além das dificuldades naturais de um início de carreira” (Gross & Teodoro, 2009, p. 326), as participantes relataram uma deficiência durante a graduação em tratar do assunto de forma aprofundada. Algumas, inclusive, relataram que no período da clínica-escola da instituição de ensino, nem todos os aspectos que envolviam os acordos de honorários eram tratados exclusivamente entre psicoterapeuta e paciente, havendo, por exemplo, um preço institucional a ser respeitado.

Gross e Teodoro (2009) apontam uma desvalorização do trabalho da psicóloga clínica quando as profissionais iniciantes fixam valores baixos dos seus serviços, condicionando ao fato de serem iniciantes. Sant'Anna (2022) diz ainda do fato da psicoterapia seguir a lógica de precificação do mercado, isto é, um valor alto ou baixo diz sobre a qualidade do serviço oferecido e se esse serviço é valorizado ou não no mercado. Assim, podemos nos questionar o quanto tal atitude pode incorrer na desvalorização do trabalho da psicóloga, salvo em casos de atendimentos sociais.

Em uma entrevista, foi relatado “hoje eu já tenho uma maior facilidade pra fazer isso, mas recém-formada era horrível, eu não conseguia nem dizer quanto que eu cobrava” (Gross & Teodoro, p. 325). Tamanha dificuldade em cobrar por um serviço prestado, para além da falta de familiaridade com a cobrança de honorários, relaciona-se ainda com uma influência do imaginário social de um trabalho assistencialista da psicóloga, gerando, então, um conflito entre a ética do cuidar e a gerência de um negócio. Gross e Teodoro (2009) afirmam que “muitos psicoterapeutas mencionaram o sentimento de desconforto frente à existência de um negócio, quando a sua principal motivação para este trabalho era prestar ajuda às pessoas” (p. 316).

A aprendizagem da valoração do serviço, bem como estabelecimento de acordos sobre férias e faltas, foi acontecendo por meio da experiência na prática profissional, conforme relatado: “agora, então isso é outra coisa que eu aprendi com o tempo a já fazer no contrato terapêutico, porque senão o que acontece? A gente não sabe quanto a gente vai ganhar no mês” (Gross & Teodoro, 2009, p. 312).

Convém ressaltar, ainda, que a relação terapêutica não está apartada das problemáticas trazidas pelo pagamento do serviço. Esta dimensão pode ser disparadora de análises desde o modo-de-ser do paciente até como ele se relaciona com a psicoterapeuta — seja no (des)compromisso com o pagamento, se recusando a pagar o preço do profissional ou querendo remunerá-la com um valor maior do que o acordado (Perosa & Pucci, 2018; Sant’Anna, 2022; Yalom, 2006). Este pode ser, então, mais um desafio para a psicoterapeuta iniciante compreender as minúcias de como esse tema se faz presente profissionalmente.

Freud (2017) faz algumas recomendações sobre o início do tratamento psicanalítico no que se refere ao pagamento de honorários. Para o psicanalista, há duas dimensões importantes do dinheiro no processo: para o paciente, pode ser revelador de suas resistências, desempenhando um papel significativo da dinâmica da relação; para a profissional, a ausência

de remuneração pode, intimamente, irritá-la a ponto de entender como uma falta de consideração do analisando até por uma necessidade de exploração deste — acarretando indisponibilidade afetiva da analista. Sendo assim, o acordo de honorários deve ser firmado entre ambas as partes antes do início do processo.

Destacamos, assim, a importância de discutir como a remuneração tem sido abordada no processo formativo de psicoterapeutas. Isso porque trata-se de uma profissão onerosa de se construir — o que será melhor abordado no capítulo seguinte.

À medida que nos aproximamos do término deste capítulo, é apropriado destacar brevemente o que foi possível perceber dos estudos encontrados. As produções de orientação fenomenológico-existencial estão, em sua grande maioria, em livros, dissertações e teses, tendo uma representação minoritária no formato de artigos científicos. Além disso, parte significativa dos estudos encontrados situa-se dentro do campo da supervisão em clínicas-escolas de instituições de ensino de graduação, voltando-se para o aspecto clínico da formação de psicoterapeutas. Enquanto isso, a produção sobre a formação de psicoterapeutas iniciantes, após formados, é mais escassa, sobretudo no que se refere ao estabelecimento e manutenção da profissão.

Em tempo, tendo em vista o interesse da presente pesquisa em compreender como os anos iniciais da carreira da(o) profissional psicoterapeuta podem desenrolar, o presente capítulo se direciona para a formação de psicoterapeutas iniciantes. O que não significa a desconsideração do caráter contínuo e permanente que a formação acontece. Isto é, uma psicoterapeuta nunca está terminada, pronta, está sempre aprendendo e reaprendendo a ser.

3. Psicoterapia Como Profissão

O processo de modernização conservadora na Era Vargas (entre 1930 e 1945) suscitou a abertura de espaços para novas profissões, dentre elas, a profissão de psicóloga — ou psicologista, termo utilizado nas primeiras redações sobre a profissão (CFP, 2022d), o que viria a se concretizar anos depois, com a Lei Nº 4.119 (1962), que dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicóloga. Nesta legislação, foram designadas as funções privativas da psicóloga, a saber: diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica e solução de problemas de ajustamento. Nota-se a ausência da psicoterapia nessas atividades, o que se justifica por uma disputa histórica entre a medicina e a psicologia (CFP, 2022d; Schmidt, 2009; Velloso, 1982).

Antes mesmo da concretização da regulamentação da profissão, em 1953, a Associação Brasileira de Psicotécnica (ABP) apresentou proposta de anteprojeto de lei para regulamentação em que fosse contemplada a formação para licenciatura em Psicologia Aplicada à Educação, Psicologia Aplicada ao Trabalho ou Psicologia Clínica. A tentativa de inclusão da Psicologia Clínica devia-se à defesa de uma prática psicoterapêutica que não fosse exclusividade da medicina. No entanto, em 1957, o Conselho Nacional de Educação (CNE) apresentou novo anteprojeto em que circunscrevia o campo de atuação de psicólogas apenas em exercer funções de assistentes técnicas e designava a Psicologia Clínica como exclusiva atuação dos médicos, o que gerou revolta daqueles que já atuavam na clínica (CFP, 2022d). Para Velloso (1982), é provável que a psicologia clínica tenha sido um entrave significativo no processo de reconhecimento legal da profissão de psicóloga. Havia, assim, diversas disputas de sua entrada no campo clínico — que tinham as formações não-médicas fortemente hostilizadas e descredibilizadas.

A Sociedade de Psicologia de São Paulo e a Associação Brasileira de Psicólogos teceram críticas ao anteprojeto que, incoerentemente, considerava que uma profissional de

psicologia, após cinco anos de curso superior, estaria apta apenas para atuar como assistente técnica de um médico que, geralmente, teria apenas uma disciplina de Psicologia Geral, como introdução à Psiquiatria (CFP, 2022d). As instituições citadas elaboraram um novo anteprojeto que previa como funções privativas da psicóloga: direção e execução de serviço de diagnóstico psicológico; aplicação, avaliação e interpretação de provas e testes psicológicos; realização de aconselhamento psicológico; emprego de técnicas psicológicas no tratamento de distúrbios emocionais; e, seleção e orientação de pessoal. No entanto, no intento de equilibrar tal disputa, o relator apontou como possibilidade que os indivíduos “normais” fossem atendidos por psicologistas, enquanto os psiquiatras atenderiam os casos patológicos (CFP, 2022d). Tal sugestão não foi acatada e, após mais algumas modificações, chegou-se à redação final das funções descritas na Lei 4.119 — expostas no primeiro parágrafo deste capítulo.

Em meio a essa divisão política por, entre outras coisas, reserva de mercado, por qual a classe médica estaria mais preparada para lidar com sofrimento mental agravado, Schmidt (2009) descreve que surge e se consolida o Aconselhamento Psicológico no Brasil. Na modalidade de Aconselhamento, realizado apenas por psicólogas, seriam delegados os clientes “menos comprometidos em sua estrutura de personalidade, atendidos em instituições não-médicas” (p. 13); enquanto, do lado da psicoterapia — atuação exercida também por médicos — estariam os clientes mais graves, portadores de psicopatologias, atendidos em instituições médicas, como hospitais, clínicas e consultórios.

Em 1973, o Conselho Nacional de Saúde questionou a qualificação da psicóloga como psicoterapeuta, propondo subordinar a classe apenas como um apoio à equipe médica. Isso acarretou num pronunciamento, assinado por treze associações de psicólogas de todo país, repudiando as interferências de outras categorias profissionais no exercício da psicologia, trazendo a compreensão de que as técnicas psicoterápicas — como psicanálise, psicodrama, análise existencial, entre outras — são, por natureza, destinadas à solução de problemas de

ajustamento¹³ (CFP, 2022d; Velloso, 1982). Cabe ainda destacar que, para além da luta por espaço de psicólogas, com todas essas tensões e disputas, Velloso (1982) percebe uma construção de identidade profissional, por vezes, confusa — isto é, “que deixa entrever, no psicólogo, aquele que se sente médico ou gostaria de sê-lo”, frustrando-se e afastando-se das questões da Psicologia (p. 23). O que, arrisco dizer, deve-se a esse lugar de subalternidade que foi tentado destinar a profissão.

No decorrer do tempo, diversas foram as tentativas de tornar a psicoterapia exclusiva a uma ou outra profissão. A versão validada atualmente do Ato Médico (Lei nº 12.842, de 10 de julho de 2013), teve dez trechos vetados. Dentre os motivos, um deles é resguardar as competências de outras profissões da saúde, conforme noticiado pelo Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná (CRM-PR, 2013). Entre abril e maio de 2021, o Conselho Federal de Psicologia realizou uma consulta pública aos profissionais inscritos nos 24 Conselhos Regionais de Psicologia, que revelou que 83,9% das psicólogas afirmaram atuar como psicoterapeuta e, significativamente, 94,5% consideraram que esta deveria ser uma atividade exclusiva de psicólogas(os) (CFP, 2022c). Isso mostra que este debate perdura até os dias atuais.

Segundo Calligaris (2019), nem o psiquiatra e nem a psicóloga se formam para serem psicoterapeutas. O essencial da formação acontecerá depois da graduação. Até o momento, a disputa não foi ganha por nenhuma das classes envolvidas. Inclusive, por se tratar de uma profissão não regulamentada, a psicoterapia pode ser executada por profissionais de diversas áreas. Deste modo, essa discussão transcende a questão política e os conhecimentos teóricos de uma profissão ou outra, trata-se, também, de uma disputa por prerrogativa de mercado — a classe que for reconhecidamente apta para atuar será aquela mais bem remunerada.

¹³ Posteriormente, compreendido pela Resolução CFP nº 3 de 12 de fevereiro de 2007 como: “VIII — SOLUÇÃO DE PROBLEMAS DE AJUSTAMENTO — é o processo que propicia condições de auto-realização, de convivência e de desempenho para o indivíduo, o grupo, a instituição e a comunidade, mediante métodos psicológicos preventivos, psicoterápicos e de reabilitação”.

Dada a parcela significativa de psicólogas atuantes na clínica psicoterápica, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução nº 13, de 15 de junho de 2022, que dispõe sobre as diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicóloga e por psicólogo — fincando a necessidade de se estabelecer parâmetros éticos e técnicos desse exercício pela classe profissional da Psicologia. Nesse sentido, para além das questões atinentes ao conhecimento clínico na formação da psicóloga psicoterapeuta que, como visto no capítulo anterior, tem sido foco da produção da literatura em Psicologia, urge refletirmos sobre o que envolve a prestação de serviço psicoterápico que pode ser exercido em consultório particular ou clínica.

Santiago e Vasconcelos (2017) defendem que um trabalhador por conta própria não necessariamente será um trabalhador informal, e isso reflete no retrato da sociedade brasileira, uma vez que há uma disparidade significativa entre a informalidade, por exemplo, de um catador e de um doutor. Para os autores, se utilizado o critério desse trabalhador estar amparado por arranjos formais, da lei e da prática, pode-se pensar em um trabalho autônomo que seja formal.

Nessa perspectiva, apesar do trabalho autônomo da psicoterapeuta não estar regido pela CLT (Consolidação de Leis Trabalhistas), não se trata de um trabalho completamente informal. Trata-se, sim, de uma profissão liberal, que é condicionada a uma formação técnica e a um conselho de classe, tendo ainda a possibilidade de um vínculo trabalhista. Isso porque a psicóloga que decide tornar-se psicoterapeuta precisa estar regularizada com as normativas e leis vigentes — estar inscrita no conselho de classe, pagar os impostos necessários (IRPF — Imposto de Renda de Pessoa Física; INSS — Instituto Nacional do Seguro Social; ISS — Imposto Sobre Serviços etc.).

Para além dos impostos referentes à prestação do serviço em si, há ainda a necessidade de regularização do espaço físico do consultório, para quem opta por ter seu espaço próprio,

sendo eles: Alvará do Corpo de Bombeiros, Alvará da Vigilância Sanitária e Alvará de Funcionamento junto à prefeitura.

Calligaris (2019), ao trazer sua experiência no início de carreira, cita momentos em que os custos de se tornar terapeuta foram superiores ao que ganhava de seus pacientes. Segundo o autor, a terapeuta necessita estar sempre em reciclagem — não apenas no início da carreira — o que inclui: terapias pessoais periódicas, supervisões individuais e coletivas, participação em congressos e seminários, compras incessantes de livros e revistas da orientação de escolha, além disso, necessário reservar um tempo para estudos, que será subtraído do exercício remunerado.

Assim, aquela psicoterapeuta iniciante, profissional liberal é, ela própria, sua empregadora e sua empregada. Para além de ser seu próprio instrumento de trabalho, é a responsável por gerenciar um negócio, mantendo-o regularizado legalmente, seguindo as premissas normativas da profissão, especializando-se e aprimorando seu trabalho, divulgando o serviço e angariando pacientes e, com tudo isso, equilibrando-se entre os gastos e os ganhos. Para Barbosa (2011), tal processo de individualização do trabalhador — denominado agora como empresário de si mesmo — coloca os indivíduos em uma condição de ter que “se virar”, transformando esse processo similar a uma luta por sobrevivência darwiniana, que exalta a capacidade de resiliência diante dos entraves do mundo do trabalho.

Imaginemos uma situação hipotética: uma jovem acaba de se formar em Psicologia. Na graduação, apaixonou-se pela psicoterapia fenomenológico-existencial e, não tinha dúvidas, era aquilo que queria fazer. No entanto, não sabia muito bem por onde começar, estava angustiada, queria ganhar independência financeira, pois os pais tinham custeado toda a sua graduação, em uma instituição particular. A contragosto, eles sentenciaram que aquele seria o último investimento que fariam por ela, afinal, ela já era uma adulta. Imaginemos, até aqui, valores fictícios, mas baseados na realidade: cinco anos de graduação em Psicologia, com

mensalidades de mil reais, somavam sessenta mil reais; para cortar gastos, nossa colega sublocou um consultório por três períodos na semana que, por vinte reais a hora, totalizavam quase mil reais mensais (duzentos e quarenta reais por semana); a inscrição e anuidade do conselho de classe estava por quinhentos reais; a licença para atuação de profissional autônomo de nível superior de sua cidade lhe custava duzentos e noventa reais trimestralmente; como não tinha renda própria ainda, aderiu ao plano simplificado de previdência do INSS, por cento e quarenta e três reais; queria ser uma boa psicoterapeuta, precisava investir na sua formação continuada, então, ela se submetia ao seu próprio processo psicoterapêutico, que custava oitocentos reais mensais; pagava supervisão, por trezentos reais mensais; além de ter se matriculado em uma pós-graduação *latu sensu* (especialização) que tinha uma mensalidade de seiscentos reais.

Com todo esse investimento, nossa colega ficou desesperada quando percebeu que só estava gastando, mas ainda não tinha pacientes! Começou a buscar meios de divulgar os seus serviços, desembolsou três mil reais para uma *designer* elaborar a sua identidade visual, e começou a investir na publicidade em redes sociais. Disseram-lhe que o tráfego pago dava resultado, afinal, ninguém mais usava cartões de visitas, assinou um plano de seiscentos reais mensais. Deixemos de lado os 60 mil reais gastos na sua graduação, afinal, já está quitada. Para começar a atuar, nossa colega — ou os seus pais — desembolsaram, apenas no primeiro ano de após a faculdade, quase quarenta reais. Os pacientes começaram a chegar, sua angústia começou a serenar, seu consultório começou a tomar corpo e, logo, ela pôde investir em um espaço só seu — com mais gastos, mas com mais liberdade e com uma renda sua.

Reconheçamos os esforços dessa jovem psicoterapeuta, no entanto, seria fantasioso pensar que, em um país desigual como o Brasil, todas as psicólogas que optarem pela clínica disporiam de recursos como neste exemplo fictício. Com o aumento da procura pelo curso de

Psicologia¹⁴, aliado às políticas públicas de inclusão para o ensino superior — como Prouni, SiSU e Fies¹⁵ — é razoável pensarmos que a situação citada acima não é representativa de todas as egressas. Assim, surge uma demanda por estratégias para adentrar em uma profissão que exige tanto investimento, antes mesmo de ter uma fonte de renda (pacientes).

Então, inicia-se uma jornada de diminuir os gastos e potencializar a renda, de modo a permitir a continuação da formação de psicoterapeuta e, em muitos casos, o próprio sustento com gastos básicos — moradia, alimentação, saúde etc. O credenciamento em operadoras de planos de saúde e plataformas digitais são caminhos utilizados. No entanto, tais meios repassam para a profissional um valor reduzido da sessão — cobrando a sua comissão e vendendo um serviço que se diferencia dos outros pelo valor abaixo de consultórios particulares — exigindo que, para ter uma renda suficiente, a profissional aumente sua carga horária de atendimentos¹⁶. A título de ilustração, em uma busca rápida realizada em 14 de novembro de 2023, na plataforma *Zenklub*¹⁷, uma conhecida plataforma de atendimentos psicológicos, que permite inclusive a filtragem de profissionais pelo valor da sessão, encontra-se consultas com psicólogas(os) no valor de oitenta reais, enquanto, o valor mínimo proposto na tabela de honorários do Conselho Federal de Psicologia para psicoterapia na mesma modalidade é de R\$207,02¹⁸.

A flexibilização da prestação de serviço psicológico por meio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), por meio da Resolução nº 4, de 26 de março de 2020, também tem facilitado o ingresso de jovens profissionais no mercado da psicoterapia, visto que

¹⁴ O número de matrículas nos cursos de psicologia do Brasil teve um crescimento de 112,4% de 2010 a 2021, passando de 136,4 mil para 289,8 mil (Folha de São Paulo, 2023).

¹⁵ SIGLAS: Prouni (Programa Universidade para Todos), SiSU (Sistema de Seleção Unificada), Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior)

¹⁶ No capítulo introdutório e no tópico 6.5 do sexto capítulo as consequências dessa precarização são descritas mais profundamente.

¹⁷ <https://zenklub.com.br/>

¹⁸ Valor atualizado no ano de 2023.

os custos com a sublocação ou aluguel do espaço físico, bem como as taxas dos alvarás necessários, transporte e o tempo para deslocamento, são suprimidos.

A própria forma de divulgação do trabalho é um empecilho para muitas profissionais, isso porque muitas formas de divulgação são pagas — seja na feitura de cartões de visitas, na contratação de profissionais *designers* e/ou mídias sociais, tráfego pago etc. Isso faz com que muitas profissionais tenham como recurso o conhecido “boca a boca”, isto é, uma rede de indicações consolidada entre profissionais, requerendo que a psicoterapeuta esteja inserida em meios que viabilizem esse contato, como congressos, cursos de formação, supervisões etc. — que exigem gastos, como citado acima.

Não há, no entanto, uma estratégia que garanta o sucesso profissional de uma psicoterapeuta iniciante, tampouco uma previsão comprovada sobre quando uma estabilidade será alcançada — sobretudo se levarmos em consideração a diversidade das situações sociais e econômicas de egressas de Psicologia. Segundo Calligaris (2019), o tempo de consolidação do consultório é imponderável, e não há sequer uma garantia que essa consolidação aconteça um dia. Para o psicanalista, “a receita do sucesso de um psicoterapeuta na profissão liberal é uma mistura de competência e experiência com (impossível não admitir) uma dose de sorte, traquejo e charme pessoal” (p. 60).

Considerando a psicoterapia como uma possibilidade profissional que exige significativo investimento de tempo e financeiro, conforme discutido acima à luz da literatura, a presente pesquisa visa compreender como profissionais neófitas têm percorrido esse caminho de construção inicial de carreira de um trabalho remunerado que requer um equilíbrio entre os custos de um aprimoramento clínico (formação continuada, supervisão, psicoterapia própria, estudos, etc.) e a gestão de um empreendimento (regularização, administração e planejamento do negócio) de ser psicoterapeuta.

4. Método

Neste capítulo, o método fenomenológico-hermenêutico é fundamentado com base em seus pressupostos filosóficos, seguido pela descrição dos procedimentos metódicos adotados na pesquisa.

4.1. O Ponto De Partida: Pressupostos Filosóficos

Cardinalli (2015) destaca a crítica de Heidegger aos métodos das ciências naturais quando aplicados ao estudo do ser humano. Para Heidegger, é essencial abordar os fenômenos da existência humana considerando as características específicas do existir, desenvolvidas em sua obra *Ser e Tempo*. Nesse contexto, o filósofo introduz a dimensão hermenêutica ao método fenomenológico. Para o filósofo, a investigação fenomenológico-hermenêutica focaliza a experiência concreta de uma pessoa específica que está sempre inserida em contextos significativos relativos à totalidade significativa de existir, afastando-se de um viés puramente filosófico.

O método fenomenológico-hermenêutico é compreendido, em Evangelista (2015), como um modo de acesso às possibilidades existenciais, como exemplo, de ser psicóloga como um modo de ser-no-mundo assumido por algumas pessoas. Isso porque tal abordagem visa compreender o sentido da experiência da existência articulado na interpretação. Assim, a hermenêutica e a existência estão completamente entrelaçadas, para Heidegger, visto que tem como base os fundamentos existenciais interpretando-os em seu todo, isto é, direcionando-se para a vida acontecendo (Clini, 2016).

Hans-Georg Gadamer, que dialoga com Heidegger na construção dos seus estudos sobre a compreensão hermenêutica, apresenta a dimensão deste método aplicado às pesquisas das ciências sociais (Alves, Rabelo & Souza, 2014):

(...) envolvem a compreensão de contextos de vida muitas vezes estranhos ao intérprete e assim colocam o problema da mediação entre pontos de vista ou perspectivas distintas: aquela em que se situa o investigador e aquela que caracteriza as ações, eventos e fatos que se trata de interpretar (p. 192).

Para Nunes (2024), na vida cotidiana se esquece da capacidade que é própria do ser-aí se perguntar sobre o sentido das coisas e da própria existência quanto se toma o mundo e seus significados como previamente dados, sem grandes surpresas. Assim, sua característica de abertura de sentido se dá, justamente, quando se “desestabiliza e desnaturaliza o terreno de suas incertezas” (p. 22).

Correspondente a esta compreensão, recorro à metodologia da Analítica do Sentido, de Critelli (2006), que consiste em uma orientação de base fenomenológica, ancorada nas filosofias de Martin Heidegger e Hannah Arendt, no que se refere aos paradigmas que formam a perspectiva do olhar que vê e da expressão do que é procurado. Para a autora, nos aproximamos do real, isto é, do ser das coisas, quando voltamos o nosso olhar para a sua manifestação, na vida cotidiana e na forma que se fala sobre elas: “O sentido que ser faz para cada um de nós, em particular, e para nós, em comum, deixa-se ver na trama de relações significativas que vamos tecendo e estruturando nossa vida cotidiana” (Critelli, 2006, pp. 108-109).

Com esse propósito, Critelli (2006) apresenta três movimentos ao se colocar na tarefa de investigação do sentido de ser, independente do que se queira compreender, sendo eles: movimento fenomênico do aparecer, movimento de realização do real e movimento de objetivação desse mesmo real — que se transcorre em uma dinâmica circular. Neste processo de busca, a autora aponta a importância de se considerar o olhar daquele que interroga, isto é, da pesquisadora, que não está em uma posição de uma investigadora neutra que apenas recebe

as informações, mas como alguém que “faz parte do que ele quer saber e do que ele pode ver” (p. 149).

É de interesse, deste modo, compreender como é a vivência de construir o início de uma carreira na psicoterapia, em uma perspectiva de trabalho, fenomenológico-existencial, que corresponde a um grupo minoritário dentre as abordagens psicológicas. Nesse sentido, levantar questionamentos sobre como o processo de tornar-se psicoterapeuta tem se manifestado na experiência de jovens psicoterapeutas fenomenológico-existenciais nos dá um vislumbre desse mundo de significações do ofício de ser psicoterapeuta, na mesma abordagem, nos primeiros anos de prática clínica — desde as tramas de significações da formação clínica até aquelas referentes à dimensão de se construir uma carreira que, inevitavelmente, é, em certa medida, compartilhada por outros do mesmo grupo.

Assim, esta pesquisa está fundamentada no método fenomenológico-hermenêutico e partirá das concepções filosóficas de existência propostas por Martin Heidegger no intento de compreender como se dá a efetivação dos possíveis modos de ser-no-mundo, compartilhado com os outros; tornando-se e realizando-se enquanto psicoterapeutas iniciantes à luz tanto da constante formação clínica quanto da dimensão mercadológica do estabelecer-se profissionalmente. Além disso, recorro à Analítica do Sentido, como via de aproximação do movimento de realização e de objetivação do real por meio da experiência de psicoterapeutas iniciantes, visto que o sentido desse movimento se realiza, de fato, na vida cotidiana.

4.2. O Caminho: Procedimentos

Nos tópicos subsequentes são descritos os critérios de escolha dos participantes, os passos metódicos de colheita e análise dos dados, bem como os cuidados éticos da pesquisa.

4.2.1. Seleção Das(Os) Participantes

Aproximar-se da experiência de tornar-se psicoterapeuta fenomenológico-existencial e de estar construindo uma carreira clínica é aproximar-se dos sujeitos que estão nessa tarefa de realizar-se nesse ofício.

Desse modo, foram selecionadas(os) para participar da pesquisa egressas(os) de Psicologia que se formaram entre 2018 e 2023, em território brasileiro, e estão atuando como psicoterapeutas que se autodenominam filiados à abordagem fenomenológico-existencial. O delineamento temporal, para além de recortar sujeitos que estão nos anos iniciais da carreira clínica — até 5 anos de atividade — é justificado também por tentar abarcar uma contextualização recente de como acontece o mercado de trabalho da psicoterapia e, inclusive, por contemplar os períodos pré, durante e melhoria do quadro de pandemia de COVID-19 (período que trouxe significativas mudanças para a profissão). Foi também um requisito que a(o) profissional esteja regularmente inscrita(o) no Conselho Regional de Psicologia (CRP) de sua jurisdição, de modo que seja um estudo voltado apenas para uma clínica psicoterápica exercida por profissionais psicólogas(os).

A seleção dos participantes se deu por meio de formulário online (Google Forms)¹⁹, como um filtro inicial dos requisitos selecionados, solicitando as seguintes informações: nome completo, cidade de atuação, número de registo do CRP, instituição de ensino da graduação, tempo de formação e atuação na clínica, filiação de abordagem teórica, formações continuadas (se houverem).

A divulgação da pesquisa foi realizada em um grupo de WhatsApp intitulado “Comunidade Fenô”, que tem o intuito de unir psicólogas(os), psiquiatras e estudantes que se identificam com a perspectiva fenomenológico-existencial, facilitando a troca de ideias, textos, divulgação de eventos e solicitação de indicação de psicoterapeutas — que até a data de 15 de

¹⁹ Apresentado no Apêndice II.

novembro de 2023 contava com 1.020 membros. Além disso, foi feita uma publicação também na rede social Facebook em quatro grupos públicos: “Daseinsanalyse” (2,1 mil membros), “Daseinsanalyse” (403 membros), “Psicologia — Fenomenologia e Existencialismo” (16,1 mil membros) e “Psicologia Fenomenológico-Existencial” (1,2 mil membros).

O formulário registrou um total de 24 inscrições, das quais quatro foram descartadas por não atenderem aos critérios estabelecidos. A maioria das inscrições concentrou-se nas regiões Sul e Sudeste, o que pode ser atribuído à predominância de profissionais dessas áreas nos grupos selecionados para a divulgação. Embora tenha sido registrada uma inscrição oriunda da região Nordeste, a participação deste profissional foi inviabilizada devido à incompatibilidade de horários.

O número de participantes foi estabelecido utilizando a ferramenta de amostragem por saturação (Fontanella, Ricas & Turato, 2008), uma vez que as informações relatadas pelas participantes já não traziam novos elementos relevantes para a compreensão do fenômeno. Dessa forma, foram selecionados quatro participantes para a pesquisa, respeitando a ordem de inscrição, conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 1

Quem foram as(os) participantes desta pesquisa.

Participantes	Formação	Região	Idade
Talia	2018/2	São Paulo — Capital	31 anos
Roberto	2019/2	São Paulo — Interior	43 anos
Karina	2019/2	Região Metropolitana de Belo Horizonte	29 anos
Helena	2022/2	Paraná — Capital	24 anos

4.2.2. Colheita E Apresentação Das Experiências

Esta pesquisa utilizou de entrevistas semiestruturadas, no formato online, por meio da plataforma *Teams*, de modo a abarcar diferentes regiões do Brasil. Segundo Sionek *et al.* (2020), as entrevistas semiestruturadas viabilizam um diálogo entre os envolvidos na conversa, em que as entrevistadoras assumem a função de acolher e facilitar a narrativa dos participantes, utilizando de questionamentos, comentários, silêncios e gestos que irão aprofundar e tecer aquilo que compete ao tema da pesquisa. Embora tenha sido utilizado um roteiro de perguntas²⁰, as(os) participantes foram incentivadas(os) e convidadas(os) a expandir os assuntos, caso desejassem, durante a conversa.

Conforme argumenta Critelli (2016) em *Analítica do Sentido*, posição que também é reforçada por Nunes (2024), os sujeitos da pesquisa — tanto a pesquisadora quanto os participantes — desempenham o papel de co-elaboradores no processo investigativo; nesse sentido, a comunicação com as(os) participantes não se limitou ao momento da entrevista. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente e, posteriormente, enviadas a cada participante para uma revisão, caso pretendesse incluir, alterar ou excluir quaisquer informações e para validar o texto.

Deparei-me com uma dificuldade similar a de Nunes (2015) em sua pesquisa de doutorado: a passagem da comunicação oral para a transcrita não se dá de forma fluída e compreensiva, solicitando adaptações para essa transição. O autor, dessa forma, encontra uma saída transformando essas transcrições em textos narrativos que anulam a voz do entrevistador. Seguindo o mesmo percurso metodológico proposto por Nunes (2015) e Rodrigues (2024), optei por transformar essas transcrições em textos narrativos, tarefa que se mostrou um verdadeiro exercício de re-organizar uma grande biblioteca, visto que durante a entrevista, muitos elementos se repetiam, se interrompiam e eram retomados em momentos distintos da

²⁰ Apresentado no Apêndice I.

conversa. Neste processo, me vali tanto da transcrição literal quanto da gravação, de modo a tentar apreender o máximo possível dos sentimentos e expressões transmitidas na oralidade.

Para Rodrigues (2024), a narrativa permite não somente a organização de acontecimentos em uma cronologia, mas também a indicações de estados emocionais presentes na fala, “além de manter relações ambíguas com um mesmo acontecido e a alteração de sentido de acontecimentos anteriores, algo intrínseco à existência e só compreensível ao ter um relato extenso” (p. 54). Para Nunes (2015), “a narrativa não é somente um modo de apresentar a experiência, mas de sua própria constituição, fundamentando-se na linguagem como efetivação do real” (p. 44). Dutra (2002) propõe o uso da narrativa como técnica para aproximar-se da experiência na pesquisa fenomenológica. Isto é, ao narrar uma história de vida, o enunciador percorre e desvela uma trajetória vivencial, por meio da linguagem compartilhada com o pesquisador:

Supõe que, de uma certa maneira, o ato de contar e ouvir uma experiência envolve um estar-com-no-mundo, uma relação de intersubjetividades, que se dá num universo de valores, afetos, num passado que se articula com o presente e apoiado numa situação que reflete, revela, conserva e transcende o mundo em que esses personagens estão inseridos (Dutra, 2002, p. 374).

Para Nunes (2024), a proposta da narrativa enquanto recurso metodológico não busca a criação de conceitos, mas a nomeação e compreensão do sentido. Articula-se, assim, com a analítica do sentido (Critelli, 2016), em que “nomear é entendido como buscar sentido a partir da linguagem, inclusive poética, propiciando a construção de significados pertinentes à pesquisa” (p. 44).

Sendo, agora, também uma co-autora das experiências narradas pelas(os) participantes, na intenção de imprimir essa experiência de forma fiel, enviei os textos narrativos para cada entrevistada(o), para que pudessem ler, avaliar, acrescentar, excluir ou alterar quaisquer

elementos. De forma geral, houve poucas e pequenas modificações sugeridas pelas(os) participantes.

Durante todo o processo de estabelecimento de estruturação das perguntas, reflexão contínua como pesquisadora, diálogo com participantes e análise cuidadosa das transcrições, considerando também aspectos não verbais e contextuais, estive orientada pelo método fenomenológico-hermenêutico e pelos estágios de interpretação das entrevistas propostos por Fleming *et al.* (2003).

Assim, essas entrevistas foram reescritas a muitas mãos a fim de compor uma narrativa (Dutra, 2002; Nunes, 2015) que trança as histórias e apresente o tornar-se psicoterapeuta fenomenológico-existencial. Nesse modo de estar com as(os) entrevistadas(os) e as entrevistas, realizamos um modo de acesso ao fenômeno buscado que está em consonância com a metodologia da analítica do sentido (Critelli, 2006) e do método fenomenológico-hermenêutico descrito por Fleming *et al.* (2003).

4.2.3. Cuidados Éticos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFMG (COEP-UFMG), CAAE 77463724.3.0000.5149. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²¹ com a permissão para gravação das entrevistas e posterior transcrição. Os dados que poderiam facilitar a identificação das(os) participantes foram suprimidos e utilizados nomes fictícios. Os documentos digitalizados referentes à gravação e transcrição das entrevistas ficarão armazenados no Laboratório de Análise e Processos de Subjetividade (LAPS-UFMG), sob responsabilidade dos coordenadores deste projeto. Após cinco anos da conclusão da pesquisa, todos os arquivos serão destruídos.

²¹ O parecer consubstanciado está no Anexo A.

5. Narrativas

Nesse capítulo, as entrevistas realizadas com os participantes são apresentadas em formas de narrativas.

5.1. Talia

“Eu tinha um olhar muito rígido mesmo sobre o que era uma profissão, sobre o que era um trabalho”

Minha história na Psicologia deu algumas voltas, necessárias, para chegar aonde estou. Na infância, meu sonho era trabalhar com artes plásticas, mas não era uma realidade muito acessível à minha família. Eu gosto muito do pensamento filosófico, cheguei até a prestar vestibular para filosofia, passei em algumas faculdades, mas não parecia algo muito prático de se trabalhar, quando falamos em resposta do mercado de trabalho — e eu precisava trabalhar! Então, a Psicologia, para mim, ocupava um meio termo — tem uma ciência mais subjetiva e filosófica com possibilidade para um campo de atuação mais amplo. Fiz um semestre, mas apenas com a bolsa de 50% eu não consegui bancar e precisei interromper.

Consegui a bolsa de 100% em Gestão de Recursos Humanos, me formei e comecei a atuar na área. No entanto, eu sentia que não conseguia alcançar outras camadas da subjetividade; além de ser um tecnólogo, né? Esse apelo da sociedade em ter uma graduação ecoava em mim, eu queria mais. O meu olhar retornou para a Psicologia, sem um objetivo específico, mas com um desejo de unir esse espaço de reflexão, que tem muito a ver comigo, e as possibilidades profissionais.

Eu sempre fui uma pessoa muito prática. Sempre fui muito de controlar, de conduzir, de direcionar. O RH me dava espaço para isso, aliás, me solicitava isso. No entanto, quando cheguei na Psicologia eu senti um incômodo por estar tudo tão catalogado, enquadrado, tudo já estava muito descoberto e eu sentia o desejo de algo inédito, algo mais novo. Sinceramente,

eu não esperava que a clínica seria o meu caminho, essa ideia de esperar o tempo do paciente parecia muito distinta do meu modo de ser. Mas, aos poucos, eu fui abrindo mão desse desejo de controlar e me abrindo para descobrir coisas novas.

Eu fiz estágios em comunidades, hospitais, sempre com atendimentos grupais, e eu sentia falta de aprender também sobre um atendimento individualizado. Não poderia passar pela graduação sem essa experiência. Então, me matriculei no estágio de Plantão Psicológico, pela perspectiva da fenomenologia e no estágio de psicoterapia em psicanálise. Essa foi mais uma volta, eu diria. Havia feito uma disciplina de fenomenologia e, sinceramente, eu não entendia nada! Eu perguntava muito, participava muito da aula, mas porque eu precisava entender pra passar, não porque eu gostava. Hoje eu percebo que talvez fosse porque eu tinha essa percepção muito “estruturadinha” da vida. Enquanto nas aulas de psicanálise eu entendia tudo, meus colegas ficavam até surpresos.

Quando iniciei os estágios que mencionei, as coisas mudaram. A prática da psicanálise não me trazia surpresa, a teoria que eu estava tão familiarizada, mesmo que não completamente, se colocava ali quase que impositivamente entre mim e o paciente. Enquanto no estágio de Plantão Psicológico, apesar de não ser na psicoterapia, me ensinou muito sobre a relação terapêutica, sobre aquele novo jeito de pensar. Além disso, eu me identificava muito com o professor. Ele tinha um jeito até meio rígido, parecido com o meu, e me ajudava a dar contorno sobre o que era *fenô* e o que não era. No período dos estágios eu também não tinha mais disciplinas a cumprir, então eu pude me debruçar mais sobre os estudos teóricos, saborear aquele novo conhecimento, me apaixonar pelo pensamento filosófico que eu sempre gostei, não só como uma condição para conseguir uma nota e ser aprovada. Ter a figura do paciente ali me ajudou a entender melhor a teoria, deu sentido para tudo aquilo.

Não foi de imediato minha conexão com a perspectiva fenomenológico-existencial, quando eu me formei, eu ainda tinha expectativa de trabalhar com a psicanálise, mas aquele

mesmo incômodo do estágio se tornava mais pungente, não me sentia fazendo psicanálise. Eu sabia que tinha muito a aprender sobre a abordagem, mas pela base que eu tinha, não estava acontecendo; e eu sempre tomei muito cuidado para não misturar uma teoria na outra, isso é algo muito caro para mim. Me preocupa e me incomoda profissionais que fazem essa confusão como se fosse tudo a mesma coisa.

Na minha psicoterapia pessoal, que fazia há dois anos, eu falava muito sobre esses meus incômodos, e aí descobri que aquela profissional que me atendia era da fenomenologia — não havia questionado a abordagem dela antes. Me deu um “*click*”! Se era isso que estávamos fazendo ali, tinha muito mais sentido para mim. Mas eu senti que eu precisava de mais segurança para me apropriar daquele conhecimento e daquela forma de pensar e, com isso, decidi buscar supervisão na fenomenologia, e assim o fiz.

Ultimamente, eu tenho me aproximado mais do desejo de realizar uma especialização em fenomenologia. Acho muito importante ter uma pós-graduação, sem dúvidas, mas eu preferi me apropriar mais do lugar de psicoterapeuta, do meu manejo clínico, me apropriar do conhecimento base antes de ir para o próximo nível. A supervisão tem me ajudado muito, eu entendo melhor a condução e interpretação da fenomenologia, me sinto mais preparada para esse passo — uma especialização ou mestrado.

Sabe, a falta de confiança no trabalho, para mim, foi a maior dificuldade que enfrentei. A sensação que dava, com o fim da graduação, é que após os cinco anos de estudos eu sabia muito pouco. Tinha um professor da faculdade que nos chamava de “*psico-babys*” e, sinceramente, durante quatro anos após eu continuava me sentindo assim; hoje, com cinco anos de formada eu já consigo me reconhecer como uma profissional psi e que não é mais tão *baby*.

Bom, tem uma cobrança tão grande para dominarmos tudo, que não temos conhecimento o suficiente. Talvez, falte entender que temos conhecimento suficiente para aquela fase da nossa carreira e, logicamente, o que é suficiente vai se alterando com o passar

do tempo. O meu processo de psicoterapia, de autoconhecimento e de supervisão foram ferramentas que me ajudaram a resgatar essa confiança. Isso foi muito importante, porque é uma questão que atravessa todas as outras, né?! A remuneração injusta no começo é uma realidade para muitos profissionais da nossa categoria, eu concordo, mas se me falta confiança no meu trabalho, me dificulta até para negociar a hora do meu trabalho e tentar melhorar esse cenário com o passar do tempo. Desenvolver e, principalmente, manter essa confiança é muito difícil.

Eu terminei a faculdade em dezembro de 2018 e, em março do ano seguinte, consegui toda aquela documentação após a colação de grau. Logo consegui autorização para atuar junto ao CRP e no dia seguinte já estava atuando em uma clínica. Foi muito rápido, daquelas oportunidades que a gente agarra, sabe?! Essa clínica era por convênio, era muito pouco, então eu tentei encarar aquela experiência como um estágio.

Eu precisava de pacientes para trabalhar, na época não tinha redes sociais e estratégias de marketing com a forma que tem hoje, então aceitei trabalhar em clínica como uma forma de intermediário com os pacientes. Nossa, era um valor muito baixo, eu recebia R\$18,00 por uma sessão de 30 minutos, não podia nem fazer 50 minutos de sessão! Para tentar amenizar a baixa remuneração, me lembro que pensei em equiparar minha carga horário com a de um trabalho convencional. Meu raciocínio era: se em um trabalho convencional eu receber uns dois mil reais por mês, vou tentar colocar essas mesmas horas de trabalho para ter essa renda. Logo eu entendi que aquilo era insustentável! 30h ou 40h semanais preenchendo uma planilha não é a mesma coisa que atender um paciente e, no caso deste convênio, em uma hora eu atendia dois pacientes, não dá para equiparar, é muito pesado.

Era muito difícil trabalhar em convênio, porque não importa se você reclama como paciente ou como profissional da estrutura do atendimento, da demora, nada... Sabe por quê? O convênio sabe todas as dificuldades que os parceiros enfrentam, mas os parceiros não estão

interessados em fazer melhor porque recebem pouco, e o convênio não está interessado em cobrar uma melhor infraestrutura do parceiro porque sabe que está pagando pouco. É um ciclo que se autoalimenta, é uma precarização total!

Quando eu saí do convênio, levei um tempo para ir atualizando o entendimento da minha renda. Tudo mudou. Não tinha mais o intermediário da clínica, o fluxo de entrada de pacientes que era propiciado pelo convênio; o meu tempo de sessão pôde ser aumentado para uma hora e não havia mais o repasse para a clínica, mas também tinham os custos de consultório, como a sublocação de sala. No entanto, a minha base de cobrança já começou muito baixa, né? Se um paciente me pagava uns cinquenta reais por sessão, eu ainda estaria super na vantagem, mas o retorno ainda era baixo.

Eu precisei ir alinhando tudo isso aos poucos, ir compreendendo o meu valor e a estrutura que eu poderia oferecer aos meus pacientes. Atualmente, eu tenho parte dos meus pacientes que me pagam a tabela inferior do CRP e outros que têm a sessão com valor social que chegam a 20% do valor inferior da tabela. Alguns, já me pagam o teto nessa base inferior. Tem ainda a questão da camada de acesso, né? Eu não tenho muito acesso aos pacientes que me pagam o valor médio ou superior da tabela.

O convênio tem todas essas dificuldades e falta de valorização, mas hoje eu vejo como foi importante naquele momento também. Olha, se teve algo bom na clínica, foram as conexões que eu fiz ali. Eu conheci outros profissionais, que me indicavam pacientes, compartilhavam cursos e palestras... Até mesmo um dos sócios da clínica acreditava muito no meu trabalho, ele via o meu esforço, me indicava pacientes fora do convênio e até mesmo se dispôs a investir na minha supervisão particular, o que não é um protocolo da clínica. Claro, eu sempre me esforcei muito para fazer um bom trabalho e até mesmo levei meus conhecimentos de RH, com a bagagem administrativa que eu tinha, pude ajudar em algumas outras funções ali dentro.

Todo esse início teve um planejamento, aliás, talvez uma tentativa de planejamento. Eu tentei me preparar para os custos da vida profissional. Como eu disse, eu trabalhava com RH, tinha um cargo de gerência durante a graduação. Então, eu fui fazendo uma reserva de emergência que me sustentasse nos últimos dois anos da faculdade, que eram voltados para o estágio, sem precisar trabalhar e mais um valor para investir na abertura de um consultório próprio, e eu mesmo oferecer as sublocações. Mas eu sou uma ótima planejadora e uma péssima executora, e acabei gastando mais do que previa nesse tempo. Quando me formei, ainda fiquei insegura de fazer o investimento no consultório — alguma coisa me dizia que seria arriscar demais. Eu precisava de ter calma, era todo o dinheiro que eu tinha. Então, eu achei mais prudente conseguir esse emprego na clínica que, sim, me pagava pouco, mas não contava somente com ele. Tinha a minha reserva de emergência, eu fazia alguns trabalhos esporádicos com artesanato que eu vendia e também uns “bicos” de direção de arte, montagem de cenário em estúdios... Eu contava muito com esses outros trabalhos mais informais.

Junto a tudo isso, também tem os nossos processos pessoais, né? Na pandemia, principalmente, eu tive um exercício de desapego gigante que me fez conseguir me sustentar da psicologia. Eu moro sozinha, mas o imóvel é próprio, da minha família, já não tenho a despesa do aluguel. Eu tinha um apartamento que tinha dado entrada, consegui negociar uma venda e ainda lucrar um valor ali; tinha um carro que, quando eu coloquei na ponta do lápis, pensei “para quê mesmo que eu quero um carro?” e vendi; minha irmã que antes morava comigo, no processo de mudança dela eu fui dando tanta coisa que, quando eu me dei conta, não tinha muita coisa material.

Eu levo uma vida muito simples, não quero acumular posses e nem ter uma vida luxuosa. Minhas maiores ambições não estão no conforto do dia-a-dia, mas sobre acessar camadas de conhecimento. Eu quero poder aprender mais, e é essa a minha maior angústia em pensar em preencher minha agenda para investir em um curso de pós-graduação.

Profissionalmente falando, a faculdade não prepara a gente para isso, não me preparou, pelo menos. No último ano de graduação, me lembro de ter tido uma palestra sobre esse início de carreira, e foi algo tão vago, parecia que era alguém dando conselhos, que sabia exatamente o que fazer para dar certo, mas ela mesma não havia colhido o resultado daquilo. Irônico, né? Mas teve essa tentativa de diálogo da coordenação, é importante reconhecer.

Os professores também tentavam ajudar, contavam suas trajetórias, mas eles falavam de um outro tempo, um outro lugar, né? As coisas mudaram muito rápido — a pandemia nos mostra isso. Então, saber que eles se formaram, uma pessoa indicou para outra, que indicou para outra; ou que fizeram parceria com uma instituição que facilitou a chegada de pacientes... Tudo isso é efetivo, claro, mas não diz sobre como nós vamos conseguir essa parceria, como vamos alcançar esses pacientes. Acabam por se tornar dicas genéricas e obsoletas, mas entendo que era a experiência deles e era isso que poderia ser passado, eles fizeram o que puderam, não os culpo.

Durante esse percurso, foi muito importante para mim ter apoio das pessoas ligadas à psicologia. De forma geral, as pessoas ficam contentes com o meu trabalho e tudo mais. Mas quem realmente entende as dificuldades e o que a gente precisa são pessoas ligadas à profissão. Sabe, eu tenho uma amiga que fez o ensino médio comigo, quando nós nos formamos ela foi direto fazer Psicologia, enquanto eu dava algumas voltas pelo RH. Ela concluiu a faculdade alguns anos antes de mim, na mesma faculdade; chegamos a ser colegas de graduação, nos encontrávamos pelos corredores da faculdade, apesar dela estar em outro período. Foi ela quem me indicou nessa clínica, quando eu me formei, ela estava vivendo isso e sabia como era. Até hoje eu recebo indicações de colegas e ex-pacientes dessa clínica, os frutos não pararam ali.

Eu cheguei a fazer um curso de marketing para psicólogos, em 2022, na época em que saí da clínica. Não queria depender de terceiros para essa captação de pacientes. Eu aprendi bastante, sobre posicionamento nas redes sociais e tudo mais, mas eu aplico o básico do básico.

Nossa, se eu aplicasse tudo, acho que teria resultados bem diferentes! Mas eu estou no Instagram, tenho um posicionamento digital, e o que eu venho percebendo é que serve como uma lembrança para as pessoas que me conheceram e trabalharam comigo que eu estou atendendo, às vezes veem um conteúdo e me indicam. Tenho uma colega, por exemplo, que não falava com ela há dois anos, e ela me indica pessoas ainda. Hoje, minha principal fonte de indicação continua sendo o boca-a-boca, mas eu acredito muito no potencial do marketing digital, é um próximo passo investir nisso e no empreendedorismo.

Eu entendo que a pandemia veio tirando muito do que a gente conhecia como base de comunicação, de estrutura social mesmo. Antes era super vulgar um psicólogo que atendia online, né? A gente lembra disso. E hoje em dia não, hoje em dia é mais comum psicólogos que atendem online. Então, isso é uma coisa que é para além de condições de trabalho, é uma coisa que se põe socialmente e como a gente vai se relacionar com isso. A decisão de não investir em um consultório próprio ao me formar foi providencial, porque acabaria fazendo um investimento em algo que não precisava, poderia atender da minha casa, além de ter usado também essa reserva para me sustentar no início da pandemia — que não estava no meu planejamento, e nem de ninguém.

Atualmente, a maior parte dos meus pacientes são online. A possibilidade dessa modalidade mudou também minha relação com a profissão, eu até me emociono quando me recordo. Sabe, quando eu me formei, a única expectativa era trabalhar, e assim eu fiz. Mas e aí? Não tinha nada de extraordinário. Era como se eu tivesse passado mais do que cinco anos, mas a vida inteira idealizando esse momento de ser uma adulta com a graduação, com o trabalho, com uma profissão... E esse era só um degrau, não era um pódio. Foi me dando um desânimo, fui perdendo a empolgação.

Eu queria só um tempo para mim, sabe? Me emociono ao falar disso, porque lembro exatamente do dia 16 de março de 2020, quando noticiaram o início da quarentena, eu pensei

“A gente vai parar? A gente vai descansar?”. Com a autorização do CFP, eu experimentei pela primeira vez o atendimento online, e... nossa! Eu fui fazer tanta coisa para mim, parece que coube um mundão, comecei a fazer artesanato, no meu tempo, no meu jeito. Eu não estava mais cumprindo um protocolo, foi uma reviravolta no meu processo de autoconhecimento — eu estava em terapia já naquela época. Eu pude me ver para além da minha profissão, porque até então eu me via só como uma pessoa que tinha uma profissão. Meu senso de existência era alguém que tinha que ter uma profissão. E tendo essa profissão, eu estava desanimada porque é isso, “eu tenho uma profissão, é isso a sociedade? é isso mundo? eu tenho, o que que faz?”, você não faz nada, só continua trabalhando! Ter esse tempo para mim me deu um gás de estar na psicologia clínica. Quando eu consegui pausar aquele ritmo frenético de atendimentos, de dois pacientes por hora, eu consegui ver um sentido existencial em atuar. No atendimento online, eu podia fazer sessões de 50 minutos, mesmo que eu continuasse ganhando pouco, porque eram pacientes do convênio, eu preferia. Sinto que o meu sentido profissional foi resgatado por eu ter conseguido experimentar, visitar muito mais a minha identidade pessoal.

Atualmente, eu mantenho o atendimento presencial, mais pelos meus pacientes que gostam do que por mim. Eu gosto do presencial, sair bonita por aí, bem arrumada, com aquele clima de consultório que te transporta para outro lugar, né? Tem uma atmosfera diferente. Demoro duas horas de transporte público para chegar no consultório, sou da cidade de São Paulo, então, já imagina o caos de uma cidade grande. Estabeleci um dia da semana para fazer tudo que eu gosto e não gosto: sair bonita, ver gente, sentir o ambiente do consultório e pegar o transporte público. Tento escolher os melhores horários, para fugir da “hora do rush”²², vou lá e faço. É algo que eu escolho fazer, eu não preciso. O precisar adocece a gente. Ficar exposto a esse caos todos os dias, eu não dou conta não. Todo paciente que chega, eu já ofereço logo o

²² Expressão coloquial para se referir ao período do dia em que o tráfego e o transporte público congestionam, sobretudo em grandes cidades.

online, eu ganho tempo, ganho dinamismo na minha agenda e eu sinto que os pacientes também gostam dessa facilidade. Funciona.

A possibilidade do online facilita muito pela redução dos custos. Atualmente, eu tenho uma parceria com um *coworking* que me subloca o consultório, essa empresa possui várias unidades pela cidade de São Paulo. Eu pago uma mensalidade para eles, então, eu vou estipulando o custo por esse valor de hora. Pego a mensalidade dividida pelas horas que eu tenho ali no mês, e é claro que quanto mais pacientes eu vou ter no presencial, mais barato vai ficando por hora, mas a minha expectativa não é ter mais pacientes presenciais. No presencial posso dizer que o custo por hora de trabalho está em torno de R\$80,00 a R\$90,00, enquanto, o custo da hora de trabalho no online é bem menor, assim, eu posso reduzir para R\$30,00. Com isso, já sei que esse é o meu mínimo para não sair no prejuízo. Sem contar que, quando trabalho online, é necessário considerar outras variáveis também, como a minha alimentação fora de casa, o transporte até o consultório e o tempo gasto pelo deslocamento.

Ainda é importante considerar que tem um investimento para que o consultório funcione. Para você ter uma ideia, o boleto do *coworking* alcança uns R\$700,00 por mês; a minha supervisão, quinzenal, é no valor de R\$150,00 — e, sempre que tem um feriado, tento diminuir para reduzir gastos; minha terapia que é R\$250,00 por mês, além das taxas burocráticas do governo. Tudo isso gira em torno de mil duzentos e cinquenta reais.

Eu pago o valor social na minha terapia, e tem todo aquele constrangimento de saber que estou pagando um valor menor do que eu cobro para atender alguns pacientes, né? É uma questão para mim, o que já foi pauta da minha terapia algumas vezes, eu sei que uma coisa não está relacionada à outra, são contextos diferentes, mas ainda resta esse incômodo em mim.

Posso dizer até que, ganho bem pela quantidade de horas que eu trabalho, mas eu trabalho poucas horas. Atualmente eu estou atendendo 14 pacientes e, dado isso, meu momento de carreira, o fato de que vou fazer cinco anos de formada, eu acho que está possível, para a

minha camada de acesso também está possível. Tem isso, né? Quais são os pacientes que conseguimos acessar: aqueles que pagam bem ou aqueles que precisam do valor social?

Eu quero aumentar a minha renda. Estou organizando minha casa, por esse motivo estava com a agenda fechada. Então, a minha meta tem sido abrir novos horários na agenda ou conseguir pacientes com o valor mais alto. Aliás, alto não, né? O valor justo! Mas, pensando na minha camada de acesso, acredito que o possível seja manter a média dos meus pacientes. Hoje a média do paciente online é de R\$320 a R\$350, enquanto a média do paciente presencial é de R\$690 a R\$720. Então, quero completar a média de 20 pacientes e aí eu vejo qual é o passo seguinte.

Eu ainda costumo considerar a demanda do paciente, por exemplo, se além da psicoterapia o paciente vai precisar passar com o psiquiatra, vai precisar passar com o nutricionista, para eu contribuir para que ele vá conseguir fazer esse acompanhamento completo, é importante que eu também flexibilize aqui, porque não vai ter jeito. Às vezes, o paciente tem várias complicações, ele não tem um convênio de saúde, ele vai procurar particular. Então, como é que faz para conseguir ficar possível esse tratamento? Então, eu vou descendo um pouco na margem, vou negociando e tudo mais.

Naturalmente, se um paciente que me paga o valor social me indica para alguém, entendo que provavelmente este alguém estará no mesmo contexto social dele. Quando eu recebo a indicação, eu vejo quem eu já tenho a referência que aquela pessoa que indicou paga. Tudo isso passa por qual formato de atendimento o paciente quer, quais as demandas que estão relacionadas ao tratamento que a gente vai fazer, se vai ter outros profissionais que vão precisar, que ele também precisa fazer o acompanhamento, e em qual camada de acesso que ele está, não é só dar o preço da minha sessão e acabou.

Penso que o marketing digital pode me ajudar a alcançar esses pacientes que pagam bem. Mas isso também me causa uma confusão, um receio mesmo de receber essas pessoas.

Eu posso ir atrás de um paciente que paga uma mensalidade de novecentos reais, mas qual é a realidade dos pacientes? Será que eu dou conta de acolher essa realidade? É muito diferente da minha realidade. Como que vai ter essa identificação, essa troca? Talvez, posso dizer que estou acomodada nesses pacientes que têm uma camada de acesso muito mais parecida com a que eu tenho hoje, que é essa compatibilidade para pagar esse valor, principalmente no online. Então, eu acho que eu recebo bem e me sinto bem remunerada para os pacientes que eu tenho hoje, mas em questão de uma porção de horário, mas em salário no final do mês, não. Preciso trabalhar mais horas para ter uma remuneração mensal satisfatória.

Além do processo de me assentar no mercado de trabalho, passar pelos meus processos pessoais, tem também aspectos que envolvem a minha abordagem de trabalho: a perspectiva fenomenológico-existencial. Quanto mais eu me apropriava da teoria, mais eu percebia que tinha um olhar mal compreendido das pessoas sobre ela. As pessoas leigas não costumam conhecer, ficam surpresas, confusas, o que eu acho normal, compreensível, eu também só conheci na faculdade. Convenhamos, nem o nome é fácil, né? Cheio de consoantes e vogais. Mas a minha amiga psicóloga que se formou um pouco antes, por exemplo, quando estávamos conversando sobre nossas abordagens, ela falou em um tom crítico de não ser uma abordagem eficiente, com palavras mais amenas, mas foi a mensagem que ela me passou.

Até mesmo com alguns pacientes têm essa dificuldade, quando nas primeiras consultas, na conversa já tem muita expectativa, então, eu explico a minha abordagem, explico o meu trabalho e vou entendendo com que fantasia que o paciente vem. Às vezes o paciente vem com uma fantasia de que vai mexer com tudo, o inconsciente dele, é o que se vê no cinema com o divã, né? Alguns vêm também com a expectativa de que ele vai sair com um caderninho de ação, que nem acontece talvez em outras abordagens.

É um pouco solitário, sabe? Porque a fenomenologia nunca foi um lugar óbvio para quem não trabalha com essa perspectiva. Sempre que esse assunto vem, seja em um espaço de

descontração ou profissional, é acompanhado de um olhar de curiosidade por não saber o que é ou de um olhar de descrédito e julgamento, por ser muito diferente do tradicional. É solitário.

Revisitar todo esse caminho até aqui me emociona. Me ajuda a dar um contorno para tudo que eu vivi, desde quando eu estava lá escolhendo o meu curso de graduação até o me identificar com a abordagem que vai na contramão daquela rigidez protocolar que eu estava acostumada, começar a atender e me planejar para fazer uma pós-graduação da fenô como o próximo passo. Foi muito desafiador. Não foi um caminho fácil, foi difícil e muito solitário. Acho que por muito tempo eu também vi apenas esse lado duro do que seria uma profissão, e poder entender pessoalmente que não é porque estou concentrada, dedicada e esforçada naquele propósito que precisa ser algo doloroso, foi muito importante para mim.

Se eu pudesse dar um conselho para quem quer ser psicoterapeuta é se você está pronta para fazer tal coisa, para ir para a clínica, tenta se divertir, tem espaço para isso, a gente acha que não tem espaço, pelo menos eu durante muito tempo achei que não tinha espaço. É um trabalho tão sério, tão sóbrio, mas que também pode-se rir. Eu acredito que tem, a gente precisa descobrir, porque realmente não é um espaço dado, não é um espaço fácil de existir ali. Nossa, é um trabalho gigante para você existir dentro do processo terapêutico com coerência, com ética e tudo mais. Mas também tem a gente, o ser humano, ali. É importante cuidar disso. E eu reafirmo, foi essencial para mim poder contar com a minha supervisora e a minha psicoterapeuta, foram verdadeiras companhias.

5.2. Roberto

“A minha experiência vem carregada de segurança financeira”

Antes de ser psicólogo, sou guarda municipal, há 16 anos, em uma cidade do interior de São Paulo. É importante dizer isso, pois é um balizador importante para as minhas decisões profissionais, inclusive dentro da psicoterapia. Já atuando como funcionário público, realizei

uma formação em Logística, mas nunca atuei na área, foi mais para ter um curso superior, pois em concursos internos conta ponto. Então, quando decidi fazer Psicologia, tinha uma preocupação em exercer, não queria repetir o feito anterior.

Para viabilizar a realização dos estágios, por uma questão de disponibilidade de horários, em 2019 eu solicitei a transferência do meu trabalho nas ruas para a parte administrativa. Antes, era completamente inviável pensar em exercer a Psicologia, não tinha tempo. Em 2020, em vias de me formar, eu perguntei ao meu superior se havia perspectiva de eu voltar para as ruas, pois eu gostaria de atuar na prática clínica no contraturno do meu trabalho. Com a confirmação que continuaria no horário comercial do administrativo, pude dar início à minha carreira como psicoterapeuta e, um plano que era a longo prazo se tornou possível a curto prazo. Obviamente, o interesse por atuar na clínica não surgiu da adaptação de horários, mas ainda na época da graduação.

Na minha faculdade, no oitavo semestre, é preciso escolher um estágio que, além de fundamentar o atendimento clínico supervisionado, fundamentaria também o Trabalho de Conclusão de Curso. Eu gostava de estudar fenomenologia, no entanto, a única professora da *Fenô* estava designada para o estágio em psicologia organizacional, e não é uma área que eu tenho interesse. Tinha um estágio de um professor de psicologia comportamental que envolvia habilidades sociais, dividido em grupos de atendimentos de adolescentes e de adultos. Sempre fui muito introvertido, ainda sou um pouco, e essa possibilidade chamou minha atenção.

Bom, eu sabia que melhorar as habilidades sociais era uma demanda minha e me senti preparado para subir mais um degrau e trabalhar isso de uma forma diferente. Hoje olhando para trás foi a melhor decisão que eu fiz, me ajudou bastante. Era um trabalho em grupo e também tinham aquelas pessoas que procuravam atendimento de forma individualizada, passava por uma triagem realizada pelos alunos, que posteriormente era analisada e aprovada

pelo professor. Então, na verdade, o que me convocou para a prática clínica foi a identificação. Quanto à escolha da abordagem, foi um outro processo.

Eu sempre gostei de filosofia, então, quando descobri a fenomenologia, foi meio caminho andado. Não foi logo de início um “é isso que eu quero para a minha vida profissional”, mas eu sabia que aquilo era muito significativo para mim. Eu experimentei. Experimentei também a psicanálise, que eu gosto mais enquanto campo de estudo do que como prática; amava estudar a teoria sócio-histórica. A cada abordagem que eu conhecia, não sofria para decidir, mas estava aberto a conhecer. Mas quando eu fui participar do estágio em comportamental, em função de ter habilidades sociais, o meu atendimento dialogava mais com a fenomenologia mesmo, o jeito de dialogar, de conduzir... No último dia do encontro desse grupo, o professor me questionou qual área eu iria seguir, quando eu afirmei que seria a fenô, ele disse “eu só queria tirar essa dúvida particular, porque você veio para a comportamental, mas nas supervisões a visão que eu tinha era essa também”. Então, eu acredito que a minha escolha pela abordagem se deu na prática mesmo dos estágios e no modo de conduzir mais livre, sabe, essa coisa de deixar sem direção, meio que veio para algo que eu já gostava, que era a filosofia. De certa forma, tem uma similaridade muito próxima, só não vou dizer idêntica porque não é, né?! É outro campo de atuação.

Enfim, me formei, escolhi minha abordagem de trabalho, podia atuar enquanto psicoterapeuta. No entanto, o motivo que me levou ao estágio de habilidades sociais, ainda se fazia presente, ainda que em menor escala, no início da minha profissão — eu era mais introvertido. Eu pensava “nossa, uma sessão dura cerca de uma hora, e se vier aquelas pessoas que não falam?”, eu tinha esse receio se iria saber dialogar com as pessoas, isso porque eu tomo como parâmetro a minha experiência enquanto paciente.

A primeira vez que eu procurei um terapeuta, acho que eu tinha uns 20 anos, e foi uma experiência ruim para mim. Não sei se era um profissional de formação recente ou se era por

ser de uma abordagem psicanalítica, o silêncio reinava naquela sala. Para quebrar o silêncio, porque estava me incomodando, eu acabei por falar de um tema, que faz parte da minha história, mas que não representava o motivo da minha procura naquele momento. Resumo da ópera: não voltei mais. Somente no meu quarto ano de Psicologia, por uma orientação recorrente dos professores, procurei novamente uma psicoterapia e segui por seis meses, parei apenas por uma incompatibilidade de horários. Logo de início, já falei para a profissional que eu achava importante conversar e tinha essa dificuldade, ela me ajudou nisso, então acabou fluindo.

Apesar que, quando eu tive a atuação clínica fora da faculdade, eu acho que também isso mudou, estava mais confortável naquele lugar porque eu já havia praticado mais atendimentos, mesmo que com a supervisão. De certa forma, isso foi quebrando. Lógico que, para mim, houve uma diferença no meu primeiro atendimento clínico, já formado, totalmente desabrigado de uma supervisão. Justamente porque era aquela coisa: “te vira!”. Porque na faculdade, querendo ou não, para mim a sensação de se saber que em um dia da semana tem aquela conversa com o professor sobre como que são os manejos, não uma coisa diretiva de “faça desse jeito”, mas toda aquela conversa de “olha, é comum isso acontecer isso... se acontecer tal coisa ou não abrir muitas portas que talvez não dê tempo de fechar naquele curto momento”. Então, toda aquela orientação que vinha antes... Você faz o processo, depois tem a supervisão, então isso é um diferencial fantástico. Outra coisa muito importante da supervisão para mim era também ouvir o relato dos colegas, tipo “ah, o meu paciente foi assim... ele chegou desse jeito e tal”, então, aquela coisa de ir absorvendo e ir significando a experiência dos outros, vendo o que tem relevância e caminha junto com o que eu pensava no momento.

Então, quando eu me formei, fui pesquisar sobre os aluguéis de sala junto com uma colega de formação. Na minha cabeça, funcionava como um aluguel de uma casa, mas descobrimos que seria possível a sublocação de algum período do dia. Essa foi minha primeira

escolha, subloquei uma sala para os atendimentos, mas não tinha pacientes ainda. Em um grupo no *WhatsApp* de psicólogos na cidade apareceu uma demanda de uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade para acompanhamento psicoterápico social de um adolescente, e eu aceitei. Foi uma experiência fantástica! Era um garoto mais introvertido, acompanhei-o por um ano e meio, acredito que conseguimos caminhar bem.

Nesse meio tempo, uns dois ou três meses sublocando essa primeira sala, me candidatei para trabalhar em uma clínica, fui aceito e estou lá desde 2020. Foi muito tranquilo mesmo, entreguei currículo em um dia, no outro me chamaram para conversar.

Eu acredito que o segundo paciente foi mais desafiador que o primeiro, aliás, do segundo até o quinto, eu estava meio perdido tipo “cara, como que faz isso aqui?”. Sabe aquela coisa de que a teoria está aqui na cabeça, mas como que dialoga com ela? Uma coisa que me pega, antes pegava muito mais, hoje eu estou aprendendo a lidar com isso, que é o cuidado para não querer dar direcionamentos. Então, no começo eu paralisava muito com medo de falar de algum jeito que induzisse o paciente a algo.

Hoje, eu olho para alguns casos e me questiono se poderia ser manejado de outra forma e dos porquês das minhas escolhas de ter conduzido da forma que o fiz. De forma mais atenuada que antes, porque me lembro que na primeira sala que eu atendia, um desafio que me incomodou muito foi a desistência de um paciente, eu ficava naquelas “será que eu não soube conduzir? Será que...”. Teve uma moça que não deu prosseguimento ao processo, e a leitura que eu faço hoje é que ela precisava do que eu precisei na minha primeira terapia, de um profissional que perguntasse mais. Mas também tinha dúvidas sobre como conduzir a conversa.

Depois de uns dois ou três meses, vem uma outra paciente mulher em que eu estava à vontade para conduzir, mas ela também veio só uma vez. Durante o processo eu identifiquei tanto a ideação suicida, quanto à possibilidade dela ter sido violentada, fiz perguntas nesse

sentido e ela verbalizou as duas coisas. Só que depois eu pensando sobre o caso, fico me questionando se eu fui com muita sede ao pote. Claro, o tema era importante, mas será que eu forcei que viesse à tona naquele momento? Talvez precisasse mais uma escuta, eu ainda era um desconhecido para ela no primeiro atendimento. Tem sempre aquele baque de “será que eu não consegui conduzir da forma que era possível?”.

Enfim, foi isso que ficou para mim, lógico que eu não sei se foram essas as causas da não continuidade dessas duas pacientes, mas é a interpretação que eu dou para a situação e vou buscando aprender com elas. Vão aparecendo inseguranças dessa ordem, do manejo clínico, da compreensão da teoria... Tem sido muito importante para mim contar com um grupo de estudos com psicólogos, que eu faço parte desde 2020. Apesar do ponto principal ser o estudo, a leitura de livros, contamos com três momentos nas duas horas de duração do encontro: o primeiro, é o que chamamos de “descarrego”, quando podemos compartilhar incômodos da atuação, da vida, do mundo, de cada participante; o segundo momento é destinado à supervisão, caso alguém esteja com dificuldades e, o restante do tempo, ficamos para a leitura de um livro em comum. O livro que estamos lendo atualmente é *A Escuta e a Fala* da Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. Esse grupo que, inicialmente era presencial, se consolidou na modalidade online. O que foi bom, porque tem pessoas de cidades distintas, o núcleo é de outra cidade, ainda no interior São Paulo, mas tem participantes de outras cidades perto... Cidades com média de 80km de distância, e para mim não seria viável. De certa forma, a Covid que forçou esse movimento, fez com que a gente adotasse os encontros online e tem fluído.

Atualmente, eu não faço psicoterapia pessoal e supervisão individual, por questões financeiras, pois sou responsável por custear a psicoterapia de outras pessoas da minha família. Entendo que nem todas as minhas questões podem ser compartilhadas no grupo, precisaria de uma psicoterapia individual. Tanto que teve uma vez que eu precisei de fato e recorri ao responsável do grupo, que foi meu professor na faculdade, solicitei um atendimento de

urgência, quase em um molde de plantão, e supriu minha necessidade por ser algo muito pontual. Se em algum outro momento o negócio apertar mesmo e eu não puder trilhar pela psicoterapia individual, eu sempre vou recorrer a um plantão com essa pessoa, se for possível para ele. As demais demandas eu consigo compartilhar na supervisão em grupo. Então, acho que isso vem me auxiliando.

Inclusive, minha ideia inicial de atuação era mais na direção de plantão psicológico do que na psicoterapia, por uma questão de maior facilidade para encaixar os horários. Eu me proporia a realizar atendimentos de plantão. Como eu sou funcionário público e já posso contar com certa estabilidade financeira, a minha preocupação maior era em exercer a profissão. Eu precisava de horários disponíveis, um espaço para atender e pessoas. Seja atendimento social ou o pagamento ínfimo que alguns convênios da minha cidade pagam, eu topava, não pesava tanto na minha decisão, pois compreendo que é a partir disso que meu nome pode ser reconhecido e indicado.

Mas tem um porém nisso, pagar uma sala para atender, isto é, fora da clínica do convênio, me incomodava. Porque na clínica em que atendo, eu não pago a sala e se eu atendo particular uma parte é da clínica e outra é para mim; se é convênio, a clínica tira o valor do imposto e dessas coisas, e o que sobra, que já não é muito, é dividido entre os dois. Então, vamos dizer assim, o pagamento da sala é meio que “indireto”. A clínica que administra tudo, só recebo a agenda e vou atender. Então, essa dinâmica supriu a minha necessidade, porque se fosse na sala alugada, o dinheiro ia pesar, porque eu iria pagar para atender. Estaria tirando verba de um lugar — meu emprego como guarda municipal — para colocar em outro — meu início de carreira como psicoterapeuta. Não fazia muito sentido para mim.

Quando eu estou dialogando com outros profissionais psicoterapeutas que se sustentam somente da clínica e o assunto sobre questões financeiras vem à tona, eu percebo que tenho essa vantagem. Sim, o convênio me paga uma merreca, mas eu não dependo do convênio. Eu

tenho meu ganha pão, mas eu também não estou pagando para exercer a minha função. Eu encaro isso como um valor simbólico, faço atendimentos até de forma gratuita, e o que predomina ali é saber que, de alguma forma, estou fazendo algo significativo para o paciente e estou exercendo a minha profissão. É assim que eu encaro a situação. Eu sempre tive essa ideia de fazer atendimentos sociais e gratuitos, desde a formação; inclusive, aquela ideia inicial de oferecer atendimentos de plantão seria sem cobrança.

Tem uma outra questão a se considerar ainda sobre o que seria considerado “merreca”: eu estou falando de uma cidade do interior de São Paulo que conta com pouco mais de 40 mil habitantes. Eu tenho 44 anos, sou guarda municipal há 16 anos, o que quer dizer que eu tenho experiência também no mercado da minha cidade. Eu sei que uma pessoa que ganha o piso salarial de quem está na linha de produção não conseguiria pagar o valor estabelecido na tabela de honorários do CRP, de forma alguma. Se pagassem, eu diria que era o melhor dos mundos, eu poderia abrir mão de ser guarda municipal. Ainda que eu goste, tá? Quero deixar isso bem claro, não estou como guarda só porque é estável e por causa do salário, é porque eu gosto também. Se um dia eu precisar fazer essa escolha, acho que seria uma crise existencial bem grande, necessitaria de muita terapia!

Um dia, enquanto tomava café, no intervalo dos atendimentos, com um outro colega que trabalha na mesma clínica, perguntei se ele vivia com a renda de psicoterapeuta, e ele disse que sim. Conversamos sobre como é um valor ínfimo, tem convênio que não chega nem a pagar quarenta reais por sessão. Então, veja, não dá para viver só de convênio, porque para ter uma renda considerável vai precisar ter uma demanda tão alta, que uma hora o profissional vai “pirar”. Enquanto no particular, querendo ou não, se você quiser pacientes vai precisar fazer um preço que não chega nem a metade da tabela do CRP.

Tem outro ponto ainda, há uma grande oferta de profissionais na minha região! Quando me formei, fui incluído nos grupos da minha cidade e cidades vizinhas, fiquei surpreso

com o tanto de psicólogos que tem por aqui. Acho que isso também impacta na má remuneração da profissão.

Decidi o valor da minha remuneração, no particular, tomando como base o quanto meus colegas cobravam. Em uma conversa com a dona da primeira sala que subloquei, ela me disse que não tinha uma tabela a ser seguida, ficaria a critério do profissional definir. Quando eu migrei para a outra clínica que tem o convênio, eu mantive o valor particular e, quanto aos atendimentos pelo convênio, já tem um valor pré-estabelecido.

Eu vejo que o pessoal divulga muito na internet coisas tipo “como ter uma agenda cheia recebendo um valor justo”, enquanto propaganda isso é fantástico, mas enquanto realidade, pelo menos a que eu encontro aqui, é diferente. O que é um preço justo? Se a gente for considerar a tabela do CRP, para mim eu considero justo aquilo. Mas pela experiência dos 4 anos de atuação, ninguém que passou por mim conseguiria pagar um mês de terapia naquele valor, ninguém! Eu falo com 100% de certeza que ninguém pagaria. Então, eu vejo como algo que desvaloriza a profissão, ela é muito valorizada como algo a ser observado de fora, sabe essa coisa “você é psicólogo, que legal. Isso é importante e tal”, mas enquanto retorno, eu vejo que está bem aquém.

Tem também a questão da abordagem teórica que escolhi, nos grupos que eu participo, tanto da minha região quanto no Brasil, com profissionais que são da fenomenologia, as pessoas compartilham daquela visão de mundo, de terapia, mas fora desses grupos nichados é diferente. Eu percebo que principalmente na parte dos convênios existe não uma exigência explícita, mas uma tendência, para que se dê preferência pela TCC ou Comportamental. Nos grupos de psicólogos também, há muita busca pela TCC nos grupos, quando o pessoal diz “preciso de um profissional que atenda adulto, tantos anos, mas precisa ser da TCC”, eu até dou risada, “pô, como assim PRECISA?”. Já vem com um direcionamento “tem alguém da TCC que atenda

criança, tem alguém da comportamental que atenda fulano?”. Não é uma pergunta assim “tem algum profissional disponível?”.

Algumas palestras que eu já assisti, tipo sobre depressão, o profissional falando que a alternativa terapêutica que mais dá resultado rapidamente é a TCC, por exemplo. Pelo menos pra mim, nas experiências que eu tive, dão muito destaque para isso. Tem essa ideia do que resolve mais rápido. Eu lembro que na minha primeira experiência de buscar terapia eu trabalhava em uma empresa que tinha um convênio e naquela época era liberado somente até 10 atendimentos. Tipo assim, seus problemas estão resolvidos com 10 atendimentos, né? Não sei se depois a profissional pedia, provavelmente pediria, mas tinha esse limite. Eu sei que legalmente isso mudou. O que rege agora é que você vai fazer enquanto julgar necessário e o convênio vai ir bancando. Quando eu comecei a atuar, tinha os dois principais planos, um era 15 atendimentos e o outro 20 atendimentos; se acabou essas guias, o paciente ia ter que passar no psiquiatra e pedir, fazer toda parte que ele fez no início, como se tivesse um novo atendimento; agora não, ele vem o quanto quer. Mas essa busca por rapidez nos resultados ainda perdura.

Com os pacientes, eu preciso achar um jeito de comunicá-los que é algo diferente. A prática que eu uso, no primeiro atendimento, ao apresentar o modelo terapêutico, é eu falar que eu não sigo protocolos. Se é que eu posso chamar de protocolo, é aquilo que o cliente me traz, aquilo que ele julgar importante. Eu sempre uso exemplos simples, se ele gostar de futebol e quiser falar de futebol, a gente vai falar de futebol, porque isso é importante para ele. Lógico, em algum momento eu vou questioná-lo por que futebol, mas é ele quem vai direcionar. Eu não vou pegar o término da conversa de hoje e dar continuidade na semana que vem, mas se for da sua vontade dar continuidade, é ele quem vai dizer “ah, eu quero continuar de onde a gente parou. Então, esse desafio de mostrar que há essa mudança, essa diferença, isso é desafiador. É mais desafiador com quem já teve outras experiências terapêuticas. Quem vem

de uma mudança de terapeuta que era de outra abordagem é mais desafiador, às vezes até verbaliza “Ah, mas você não vai falar? Não vou precisar anotar nada? Não vai ter exercício?”. Foi assim que eu agi quando fiz a segunda terapia, né? Pedi para que ela me perguntasse, o que eu estou dizendo para a pessoa é “me direcione, porque eu não sei como me direcionar”. De certa forma, facilitou para mim. Então, eu hoje como terapeuta vejo que isso pode facilitar, mas também pode me afastar do fenômeno.

Até a pandemia, eu atendia apenas na modalidade presencial. E teve uma queda dos meus pacientes, eu não sei se chegou a três pacientes que quiseram migrar para o online. As circunstâncias que me colocaram nessa modalidade, não é porque eu acreditava que não funcionasse, é que eu não sabia, não conhecia. Porque tem uma coisa de estar frente a frente com uma pessoa, de fato, e eu estar frente a frente, mas com a distância ao mesmo tempo, né? Para algumas pessoas, eu sinto que é mais seguro e ela se sente mais à vontade, mas para outras não, isso foi um incômodo. Atualmente, eu realizo dois atendimentos fixos online: o atendimento social e o de uma pessoa que mora em outra cidade. No mais, são atendimentos pontuais de pacientes que não puderam comparecer ao consultório e pedem para fazer online.

A pandemia e o online, na verdade, acabaram me facilitando mais nos estudos. Eu fiz uma pós-graduação em um instituto de Daseinsanalyse na cidade de São Paulo. Mas não consegui ir nem na primeira aula, porque já estávamos em isolamento social. Inicialmente, eu fiquei chateado por ter que fazer online, mas foi bom para mim. Porque além da mensalidade de R\$580, tem a viagem da minha cidade até a capital, o pedágio, a alimentação... Eu iria com a minha colega que se formou comigo e estava buscando sala para aluguel lá no início, nós dividiríamos as despesas, mas não ficaria por menos de duzentos reais para cada um. Digo, de certa forma, eu não vou ter a experiência de estar com as pessoas, né? Eu vejo a vinculação com os colegas de sala diferente, não aproxima tanto, isso pegou um pouquinho mais. Por outro lado, na questão financeira, suavizou. Porque quando eu iniciei a pós, as minhas despesas

estavam bem. No decorrer, com aquelas situações que acontecem no dia-a-dia, coisas inesperadas, iria prejudicar. Talvez, se fosse presencial eu iria ter que trancar por um momento.

Além disso, fiz uma segunda pós-graduação online também, na área educacional, porque eu acabei me formando em Letras depois. Em 2020 tinha um polo na minha cidade, era um sonho antigo, e como não teria custo nenhum, eu realizei esse curso. E, no último ano dessa formação, optei por fazer uma pós em psicologia escolar, para em um futuro, se surgir, eu tenho como cumprir os requisitos.

Não tive preparação para os custos da vida profissional na minha graduação. Até contávamos com os relatos das experiências de alguns professores, mas nada muito aprofundado, fui descobrindo enquanto fazia.

Pela minha atuação na clínica, eu não precisei investir em recursos de marketing ou montagem da sala, por exemplo, é tudo responsabilidade da clínica. Não pago por propaganda, já tive duas experiências e não tive retorno. Mas, pensando nos custos da profissão... acredito que o combustível mais o grupo de estudos que citei no valor de R\$200 mensais, atualmente eu gasto em torno de R\$450 por mês. O que eu recebo da clínica supre essas despesas e sobra um pouco para pagar os boletos. Na verdade, eu não faço essa divisão do que eu recebo da guarda municipal, do que recebo dos “bicos” como segurança e do que recebo da clínica, vai tudo para a mesma conta. Então, eu pego o montante e vou destrinchando ali.

Do conjunto de coisas que me ajudaram no início da minha carreira, o grupo de estudos que eu participo desde 2020 foi primordial, ter essa troca com outros profissionais. Ter conversas com outros profissionais me ajuda até hoje, as dificuldades não param de aparecer, às vezes aparece um caso mais complexo... Claro, eu não posso ignorar que a minha experiência vem carregada de segurança financeira, né? Mas ter entrado nessa clínica do convênio, mesmo que eu tenha que fazer um repasse de um valor ou receber menos me poupa uma dor de cabeça, a meu ver, no aluguel de uma sala. Eu aconselharia psicoterapeutas iniciantes a ter essa

tranquilidade maior que a clínica oferece. Para quem quer viver só de clínica, acho importante se preparar financeiramente com uma reserva para alçar um voo mais seguro, né? Para não ter que regredir e ter que encarar uma frustração de “poxa, me formei, investi numa clínica e não deu certo”.

5.3. Karina

“Os vínculos me sustentaram e me sustentam na clínica”

No fim da graduação, eu estava trabalhando como professora de apoio de inclusão escolar. Comecei como estágio e fui efetivada. Trabalhava dentro da sala de aula com os alunos com autismo, deficiência visual, transtorno de déficit de atenção, síndrome de down etc — eu sempre gostei de psicologia escolar. Então, próxima de me formar, pedi uma oportunidade, mas como não tinha perspectiva de uma abertura de vaga, e eu tinha essa ânsia dentro de mim, de não esperar uma oportunidade ou alguém me dar algo para que eu comesse a atuar como psicóloga, decidi encerrar esse ciclo.

Atuo na região metropolitana de uma capital do Sudeste brasileiro, na mesma cidade em que me formei, lá em dezembro de 2019. Eu queria muito trabalhar como psicóloga e, por isso, fiz a solicitação de antecipação de colação de grau para o mesmo dia que apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso. Em janeiro de 2020, quando o CRP voltou do recesso, eu já me inscrevi e, finalmente, me tornei psicóloga. Busquei uma sala para alugar, tinha um cliente do estágio que continuou comigo e uns clientes de indicação, e outros movimentos foram acontecendo. Literalmente, meio que essas coisas foram acontecendo. Eu não tinha muito essa expectativa de me projetar no sentido que eu quero que seja desta ou daquela forma, eu só me via sendo psicóloga e que isso ia acontecer, seja na clínica ou em outros espaços.

Eu gosto muito da psicologia social também, já atuei no CRAS e, recentemente atuei numa OSC (Organização de Sociedade Civil), trabalhando em projetos sociais, com prevenção.

Eu gosto muito dessa área também, mas sempre foi um desejo meu clinicar. Eu lembro que eu falava que não me via me formando e não atuando como psicóloga, e principalmente na clínica. Então, os estágios me fascinavam quando eram na clínica. Eu sempre considerei a possibilidade de ser psicoterapeuta na minha carreira, ainda mais que é algo que não demanda entregar um currículo e ser aceito. É muito mais ter um bom supervisor clínico e um lugar pra você atender. E, depois da pandemia, ter um celular, um tablet ou um computador.

Quando formada, na mesma semana que atendi o meu primeiro cliente, fiz supervisão. Sempre tive o investimento da supervisão, o investimento da psicoterapia pessoal e o investimento do local que eu ia atender. Consequentemente, eu pagava para trabalhar, não tinha nenhum retorno financeiro efetivamente. Mas como eu tinha saído do meu emprego como professora de apoio, tinha o valor da rescisão que não me deixou desamparada nesse início, o que foi muito importante.

Uma pessoa que eu conhecia atuava em uma clínica e me indicou para trabalhar lá, nesse lugar podia pagar por horário, sem precisar pagar por um período completo — isso era muito bom. Depois, eu fui para uma outra clínica maior, que tinha plano de saúde, e comecei a atender pelo plano de saúde. Só que o aluguel era mais caro, e eu tinha que passar uma porcentagem para a clínica.

Em vista de todos esses planos, pagava até que relativamente bem, porque era um plano da polícia militar e plano do exército, então era um valor mais alto do que usualmente era repassado; com desconto, eu recebia cerca de R\$38,00 por sessão. Mesmo assim, ainda era pouco. Mas as pessoas foram chegando então, isso me ajudou muito na minha escuta, na minha experiência profissional, me deu suporte, porque ninguém me conhecia. Tanto que quando eu saí dos planos, algumas pessoas vieram comigo.

Financeiramente foi muito difícil pagar R\$400,00 de aluguel, porque eram necessários muitos horários sublocados, porque tinha muita gente, então, todo o dinheiro do plano ia para

esse aluguel. O que seria o meu lucro mesmo vinha dos atendimentos particulares, por ser um valor mais alto. Com tudo isso, inclui o transporte, alimentação, supervisão e compra de livros, tinha mais investimentos envolvidos. Eu continuava pagando para trabalhar até o início da pandemia, em março de 2020.

Quando começou a pandemia, eu migrei para o online, então, eu tinha mais possibilidades e menos impacto financeiro no sentido de alugar um local para trabalhar, enfim, comecei a ganhar mais renda. Em poucos meses, em meados de julho eu já estava conseguindo me manter somente com a clínica. Mas não foi tão fluido e fácil assim, me lembro de me desesperar quando a pandemia chegou, estava tudo fechado, ainda não tinha a possibilidade do online tão definida assim. Depois teve a discussão do *e-Psi* para atendimento online e, na minha cabeça, não era uma coisa que funcionaria bem. Como eu já fazia terapia e quando a minha psicóloga me atendeu online, eu vi que era possível.

Nesse meio tempo, eu fui trabalhar em outro lugar, como telemarketing. Eu disse “nossa, eu preciso pagar as contas”! Não fiquei nesse lugar nem 2 meses, porque estava dando conflito, pois não tinha tempo e espaço para atender as pessoas que me procuravam. Ainda mais pela pandemia, as pessoas estavam com essas angústias todas afloradas, exacerbadas, a morte rondando todo mundo. Todos nós. E choveu de pessoas à procura de psicoterapia.

Nesse período também fiz um movimento com mais alguns amigos da graduação para atender pessoas em situação de vulnerabilidade social. Fizemos um Instagram em conjunto para essa divulgação, o que acabou tendo muita proporção de atendimento, até fora do país, tinha muita demanda; foi como uma rede “olha, eles estão atendendo dessa forma”. E aí, indica para um amigo, para o irmão, para não sei quem... e as pessoas vão conhecendo o nosso trabalho. Eu trabalhei muito nessa época, eu tive esse período de “preciso pagar conta, preciso arrumar outro emprego”, mas sempre continuando com a clínica, eu nunca parei de atender,

nunca parei. Parei no período que tinha que parar porque todo mundo estava tentando entender o que ia acontecer, mas foi muito rápido.

Foi um período muito difícil, mas eu acho que a pandemia é que me fez entrar no mercado de trabalho tão rápido, porque principalmente em relação à psicoterapia, era uma demanda muito alta de procura. Tinha um sofrimento tão grande ali e, se com o preparo que tive durante a graduação, no cuidado que eu tinha na supervisão e no meu processo psicoterapêutico, se eu conseguisse acolher aquela pessoa, ela ficava. Mas eu tinha muita insegurança, porque hoje eu tenho 29 anos, na época eu tinha uns 25 anos, e receava que as pessoas me achassem uma criança, porque eu tenho uma cara de 18 anos. Mas eu atendia pessoas com 72 anos. E isso foi muito rico. Pessoas que tinham perdido amigos e familiares por causa da COVID, e que trocaram comigo, e estiveram ali porque eu estive com eles, nessa escuta, nesse encontro. Me deu medo, deu insegurança, mas é essa experiência também que me faz a profissional que eu sou hoje. Tanto de ouvir quanto de passar por essa experiência tão assim... única.

Junto com o mesmo grupo que criou o Instagram, nos reunimos para fazer supervisão com uma professora que é referência em psicologia fenomenológico-existencial na minha cidade. Um dia, um amigo mandou no nosso grupo o edital de abertura do processo seletivo de uma especialização na área que, inclusive, a nossa supervisora foi aluna da primeira turma desta pós-graduação. Mas a mensalidade estava fora das minhas possibilidades, era R\$550,00 fora o deslocamento de cidade. Vi que tinha a possibilidade de bolsa e, mesmo insegura, resolvi tentar. Eu consegui! Foi um dos momentos mais felizes que eu tive, porque eu achava que eu nunca poderia estar em uma federal, sou de família humilde, era algo muito distante da minha realidade, mas lá estava eu. Depois que eu entrei, vi que tinham pessoas de realidades mais parecidas com a minha também.

A pós-graduação também foi muito importante para ampliar mais o meu campo de visão da abordagem que escolhi atuar. Minha professora-supervisora foi essencial nesse caminho, porque ela dava muitos cursos e grupos de leituras, e eu sempre me mantinha presente neles, após a graduação. Isso porque a psicologia fenomenológico-existencial não foi muito presente na minha faculdade. Lá pelo nono ou décimo período tivemos psicologia humanista, mas a professora tinha o método fenomenológico-existencial como norteador de suas aulas e acabava por apresentar a terceira força como um todo; mas as abordagens que mais se faziam presentes mesmo, era a Psicanálise e a TCC.

Como eu vinha da escola, enquanto professora de apoio, tinha muito acesso à avaliação neuropsicológica. Então, eu acreditava que seguiria por essa área, no entanto, nas aulas e nos estudos sobre as teorias cognitivos-comportamentais, eu não me reconhecia nesse lugar. Relembrando agora, o que me dava sustento enquanto professora de apoio com os alunos era a perspectiva fenomenológico-existencial. Porque a forma como eu estava com eles, em relação com eles, era no sentido de treinar ou condicionar o comportamento, mas de estar junto na experiência deles. Nós compartilhamos muita coisa juntos, da vida deles. Claro, o DSM aparecia ali, a avaliação neuropsicológica fazia parte, mas eu olhava para aquilo e falava “está aqui, né, tem autismo e deficiência intelectual, ok, mas o que mais? O que mais ele tem?”. Assim, eu sonhava junto com eles, perguntava “você quer fazer o que? Querem ser o que? O que vocês querem?”. A gente conversava muito. Estar junto com eles, na vivência e nas experiências deles, e não olhar para eles como sinais, sintomas e um transtorno, foi o que fez ser tão potente esse encontro. Então, a partir disso, para mim fez muito sentido a abordagem.

Eu até comecei minha terapia com a TCC, minha terapeuta pessoal era professora e era da cognitiva, e fiquei umas 10 sessões, até que me ajudou em alguns pontos. Mas ainda faltavam algumas coisas. É bom, mas falta. Depois, eu fui para uma psicóloga fenomenológico-

existencial, que até o ano passado foi a minha psicóloga. Então, na minha experiência, fazia muito sentido eu estar com essa profissional e também ser essa profissional.

Me lembro de um congresso de psicologia fenomenológico-existencial que participei no ano passado; foi uma experiência tão interessante e potente conhecer as referências da abordagem ali. Poder viver essa experiência e compartilhar com pessoas que têm o mesmo horizonte de trabalho foi muito importante. Não dá para ignorar que enfrentei e enfrento particularidades devido à abordagem que escolhi trabalhar. Por exemplo, como eu trabalhava com alunos com algum tipo de necessidade especial, as pessoas me questionaram “ah, você atende autismo?”, eu mesma não me via na condição de poder atender, porque a entrega que eles queriam era de alguém que fosse da perspectiva comportamental ou cognitiva. Me recordo de quando fui fazer uma entrevista para trabalhar na APAE da minha cidade, pois uma amiga me indicou, porque sabia do meu trabalho pela experiência que teve comigo, mas quando eu cheguei lá, fui questionada sobre qual era a minha abordagem e, quando eu respondi, fui questionada “ah, mas você entende de ABA? Você tem alguma coisa nessa área?”. Isso foi limitante para conseguir esse trabalho. Era uma inserção no mercado de trabalho de início, seria importante pra mim ter conseguido, e eu gosto.

Mesmo na pós-graduação que eu fiz, senti uma dificuldade dos professores em olharem para a questão do autismo, por exemplo. Uma professora mesmo comentou um caso que ela preferiu encaminhar para uma profissional da cognitivo-comportamental. Tudo é encaminhado para esse campo, eu até cogitei atuar na avaliação neuropsicológica; tem um grupo com profissionais da fenomenologia que tem psicólogas fenomenológicas que conseguem unir essas duas visões. No entanto, na minha concepção falta muito conteúdo, falta material.

Tem muito disso, conseguir trabalho às vezes é difícil. Na própria clínica aparecem questões como essas. Nos planos de saúde eram solicitados que se colocasse um CID. Você tinha que dar nome para as coisas, você tinha que preencher de acordo com os critérios, tinha

que ter uma patologia para atender. Se for nesse campo de algum transtorno, mais patológico, até os médicos indicam para profissionais da TCC.

Às vezes, na própria experiência com o cliente, quando vai perguntar nesse primeiro contato “você é de qual abordagem?”, quando eu falo, eles somem. Eu tento muito trazer para um bate-papo para explicar um pouco, mas mesmo assim as pessoas não entendem, porque não é algo tão concreto “vou te ajudar a trabalhar tal pensamento, vou te ajudar a trabalhar tal questão”. Então, por não ser algo que faz parte do mundo que a gente vê, se a gente está fora, a gente está na contramão desse fluxo que o mundo está nos entregando, que é um dos fatores de adoecimento. Nós estamos na contracorrente. A sensação é que a gente faz um esforço muito maior para ser essa profissional, de bancar a fenomenologia, bancar esse lugar. De falar para o cliente “olha, eu não posso entregar isso pra você, mas tem outros profissionais que entregam”. Em contrapartida, muitos ficam por causa da abordagem, e ainda falam assim “eu não entendo muito bem o que você faz não, mas parece que dá certo”.

Ao mesmo tempo, a potencialidade de encontrar pessoas que compartilham da mesma visão de mundo foi, na minha experiência, essencial. Consegui, com um grupo da minha cidade, unir forças, no sentido de estar junto, buscar conhecimento, que foi esse grupo da supervisão e da criação do Instagram. Foi a partir desse grupo que a gente conseguiu se inserir no mercado de trabalho com os atendimentos psicoterápicos a valor social, e o que nos unia enquanto um grupo de profissionais era a nossa abordagem teórica. Tanto que os professores que indicavam a gente eram da mesma abordagem; a supervisora me indicava, a minha psicóloga me indica até hoje quando vê essa abertura. Então, a gente é um pouco que “olha, esse grupinho ali, trabalham com a perspectiva fenomenológico-existencial” e são poucas pessoas, de fato. Pelo menos no meu campo de visão, é muito pouco.

Eu estou achando muito bacana participar dessa pesquisa, pois precisamos investir nisso, falar da nossa abordagem, que é um pouco não vista, não tão discutida. É discutida por

estar no meio, a gente está mais próximo desses debates, né? Tem que estar. Mas ao entorno tudo é muito distante... O que é Daseinsanalyse? O que é fenomenologia existencial? Que abordagem é?

Nesse início de carreira, o plano de saúde e a criação do Instagram em grupo para os atendimentos sociais foram ferramentas essenciais, sem dúvidas. Mas posso dizer, com segurança, que o que sustenta a minha clínica são os vínculos. Os vínculos que eu fiz com pessoas, tanto na graduação, quanto nos trabalhos, da escola que eu trabalhei. Do reconhecimento mesmo, das pessoas olharem, confiar em mim e apostarem em mim. Hoje eu basicamente me sustento por indicação: de colegas de profissão, dos amigos pessoais, dos clientes que me indicam... Esse é o movimento que eu mais consigo captar pessoas. Eu até tenho o meu *instagram* profissional individual, mas não invisto tanto em me colocar lá o tempo todo, postando para que isso se converta em captação. É mais no sentido de estar lá, em um primeiro momento, para que as pessoas saibam que eu estou atendendo.

Eu não tive nenhum tipo de preparação financeira para esse início. Inclusive, eu acabei devendo o FIES. Foi com a possibilidade de renegociação da dívida no governo atual, que eu consegui voltar a pagar. Mas é uma das inseguranças que eu fico, porque a clínica é um pouco instável, e eu tenho uma dívida muito alta para pagar, apesar do desconto. Mas a mensalidade é grande, os custos continuam altos. Ter que pagar aluguel de clínica, supervisão, minha própria psicoterapia, entre outros custos. É um investimento que nunca para! Eu quero fazer uma outra pós, um mestrado, um curso ou comprar um livro, e me dá essa insegurança de “será que mês que vem eu vou dar conta de pagar tudo?”. Se sai um cliente, sai 2, sai 3... É um furo enorme!

Então, ano passado eu comecei a me organizar mais, mas é uma dificuldade que eu tive desde o início, acho que é uma dificuldade minha, de nunca ter conseguido me organizar em relação a isso. Hoje eu vejo que é importantíssimo ter essa reserva de emergência da clínica. É algo que a gente não tem na faculdade, aprender a ser dona do próprio negócio.

Já tentei trabalhar em outros lugares, tentando ter essa segurança financeira para atuar na clínica, o que impactou negativamente nela. As duas vezes que eu tentei estar vinculada a uma instituição para ter um salário fixo, eu me privo da clínica um pouco. As coisas ficam mais desorganizadas, acabo trabalhando muito e não consigo cuidar de mim, aí não consigo cuidar da clínica, não consigo cuidar de ninguém. Esse ano eu vi que a clínica é a minha segurança. Porque mesmo tendo altos e baixos, sempre tem. Tem 4 anos e meio que eu estou na clínica, e tem 4 anos e meio que eu pago as minhas contas. Eu me sustento. Então, foi um divisor de águas na minha vida, principalmente na minha vida pessoal, porque financeiramente eu venho de uma família muito humilde. Eu sou uma pessoa que está em ascensão financeira hoje por causa da clínica, por causa da formação.

Mesmo com as dificuldades que eu tenho, ainda mais na minha cidade, eu não conseguiria receber o valor que eu recebo da clínica trabalhando como psicóloga em alguma instituição. São salários muito baixos, como R\$1.850,00 por 30 horas semanais! Isso é pouco mais que um salário-mínimo. Então, a clínica é esse lugar de possibilidade mesmo, é um lugar que eu gosto de estar, que eu invisto, que eu me sinto bem e que eu vejo que realmente faz diferença na vida do outro e na minha vida aqui.

Mesmo após o término do isolamento social, eu mantive os atendimentos online, porque me dá uma liberdade maior, sobretudo financeira, pois eu não fico restrita à minha cidade. Eu atendo no Pará, em Londres, em qualquer lugar do mundo. Isso me dá uma abertura de campo, mais pessoas podem me conhecer, os processos psicoterapêuticos não precisam ser interrompidos em caso de mudança do cliente...Mas também não abro mão do atendimento presencial, até porque tem essa demanda na minha cidade, tem pessoas que não se adaptam ao atendimento remoto e, para mim, é bom estar na clínica duas vezes na semana.

Ser psicoterapeuta me exige um investimento alto, acredito que a soma dos custos de sublocação de sala, supervisão, psicoterapia própria e encargos, entre outros, gira em torno de

R\$1.300,00 a R\$1.400,00 mensais. O que tornou possível o meu início de carreira nos primeiros seis meses foi o dinheiro que recebi do meu seguro-desemprego enquanto professora de apoio, depois disso o dinheiro que me sustentava na clínica vinha da própria clínica. No entanto, apenas neste ano eu posso dizer que comecei a me sentir bem remunerada como psicoterapeuta, ou seja, levou cerca de quatro anos de atuação.

Eu não recebi informações na graduação que me ajudassem com planejamento financeiro e com a prática liberal. No começo, eu nem pensava muito nisso, estava tão eufórica ali, foi algo que foi deixado de lado. Depois de um tempo, eu fui percebendo que esse era um campo que precisava ser cuidado. Até porque como eu quero chegar no mercado? Qual visão eu quero passar? Eu não quero ser aquela profissional que indicam no sentido de “vai lá porque ela é barata, porque ela cobra pouco”. Porque na nossa profissão tem muito do cliente falar “ah, quero pagar tanto” e, às vezes, a pessoa tem condição de pagar o valor justo da sessão. Isso não dá espaço para quem realmente precisa ser atendido. Então, eu comecei a olhar para esse campo assim e isso mudou muito a minha vida financeira, muito mesmo.

Para elaborar o valor da minha sessão social, eu fiz o cálculo de todos os meus gastos e o tanto de clientes que eu gostaria de atender por semana. Então, por exemplo, se eu queria ter uma clientela de 20 pessoas, daria cerca de R\$50,00 por sessão; se eu cobrasse esse valor, eles estariam cobrindo apenas os meus gastos, eu não ganharia nada. Foi a partir disso que eu olhei para um valor que fosse possível praticar dentro da condição de vida de cada pessoa.

Hoje eu tenho pessoas que eu atendo por um valor social, eu coloco a quantidade de pessoas que eu consigo fazer isso, e o resto é dentro de um valor que eu preciso para me manter. Isso também potencializa o encontro terapêutico, porque a pessoa está investindo no processo. Ela não está colocando um valor que ela acha que pode ser de qualquer jeito, não! Quem paga por um valor social é quem realmente não tem condições, se for R\$50,00 é um dinheiro muito grande para ela, porque ela está investindo o dinheiro que ela consegue arcar. E é muito difícil

às vezes pagar isso, mas é um investimento muito alto para aquela pessoa. Então, é um investimento muito alto na própria vida. Enquanto outros têm condição, banalizam isso. Isso também eu vi que atrapalha muito a relação terapêutica, essa (des)valorização do valor de sessão.

Acredito que as escolhas que eu fiz, acho que fizeram com que eu caminhasse de uma maneira que eu me inserisse de um jeito que eu fosse dando conta de bancar essa clínica. Nesse processo, posso dizer que o fundamental foram os vínculos que eu criei. Desde entrar nas clínicas através da indicação de alguém que me conhecia. De ter esse suporte, da minha psicoterapia, da supervisão, de outros profissionais, poder contar com professores, com os meus amigos que se formaram junto comigo. Ter esses vínculos é o que me proporciona trabalhar e até os vínculos com os quais as pessoas foram entrando no processo terapêutico.

Se eu puder dar um conselho para alguém que deseja ser psicoterapeuta, seria: invista nos vínculos! Claro, não podemos nos esquecer de investir em nós mesmos, de nos cuidar para ser esse suporte para os nossos clientes; mas, que nesse caminho, não nos esqueçamos de cuidar dos vínculos, que sejam de trocas verdadeiras.

Uma característica que considero muito importante dentro da clínica é saber qual psicóloga você é. Obviamente, essa é uma construção, mas é isso que faz os clientes chegarem até nós, pela profissional que somos e também pela pessoa que nós somos. Isso acaba reverberando em alguma coisa. Então, acho que esse cuidado com vínculos de uma forma verdadeira e cuidadosa, seja com os clientes seja com os colegas, acho que potencializa muito a clínica. Os encontros potencializam mesmo. É difícil, sim, demanda tempo e paciência, mas é um caminho possível.

5.4. Helena

“Estou começando com pequenos passos... posso me dar o direito de lidar com as minhas inseguranças”

Sou psicóloga há um ano e meio, aproximadamente. Me formei no primeiro semestre de 2023. Formei-me numa capital da região Sul do país. Na verdade, o que me levou à Psicologia foi a psicoterapia — o meu processo psicoterapêutico, mais especificamente.

Na época do vestibular, eu estava fazendo psicoterapia para tentar identificar o que eu gostaria de fazer na vida e, no fim, eu me vi interessada por aquele lugar. Fui ampliando isso para a psicologia como área de estudo e área de interesse. Acho que eu já entrei na psicologia imaginando que me tornaria psicoterapeuta mesmo, mas me mantive aberta também para outras áreas, eu queria pelo menos experimentar. Gostei bastante da área da saúde, considerei a área hospitalar, mas não cheguei a fazer estágio, e esse interesse foi ficando de lado. No fim, acabei realmente escolhendo a clínica.

Para falar a verdade, na graduação eu achei que iria demorar mais tempo pra me colocar no mercado de trabalho. Apesar de já ter esse desejo de me formar e começar a trabalhar, eu achava que eu não iria me sentir segura para já começar a atender. Na graduação, fiz um estágio que não me fez ter muita clareza de como seria trabalhar realmente com a clínica. Além disso, eu realmente esperava que a graduação fosse dar mais amparo no sentido mais prático de como começar, por exemplo, orientações de como fazer um contrato, de ter um consultório... Questões mais burocráticas também, mas não teve nada disso.

A minha escolha de abordagem começou antes mesmo da Psicologia. Eu já me identificava muito com a filosofia existencial, sempre gostei muito de Jean-Paul Sartre e fazia o meu processo psicoterapêutico com uma psicóloga da área existencial. Em meados do

segundo ou terceiro ano da graduação, descobri que era uma possibilidade esse encontro entre filosofia e psicologia clínica.

No entanto, a minha faculdade tem uma carência muito grande de professores na área, eu senti muita falta disso na graduação, não tive praticamente nada de fenomenologia e existencialismo, tinha só uma professora de Logoterapia. Eu ainda tive o azar que, no semestre que iria cursar essa disciplina, a professora ficou doente e se afastou, então foi bem precário mesmo.

Eu tive que buscar tudo por fora, por já ter esse interesse e saber que existia essa abordagem. Muitas pessoas que se formaram comigo sequer sabem o que é a abordagem fenomenológico-existencial. Atualmente, fiquei sabendo que chegou uma professora da Gestalt-terapia na instituição, mas na minha época só tinha de Logoterapia mesmo.

Apesar de já ter esse interesse prévio, eu me mantive aberta também para conhecer outras abordagens, inclusive o meu estágio supervisionado de clínica tive que fazer pela Psicologia Analítica, porque eu tinha voltado do intercâmbio e fiquei sem turma, então foi a única opção que sobrou para mim. Então, eu tive que também abrir os meus olhos para esse ponto de vista.

No início foi até um pouco difícil, questionava bastante algumas coisas, de tentar encaixar ali o que o paciente está trazendo numa teoria e questionava bastante, mas depois também eu fui me abrindo cada vez mais, foi fazendo mais sentido; mas, ao mesmo tempo, nunca deixei de ter essa certeza de que eu me identificava mais da linha fenomenológico-existencial mesmo.

Começou, na verdade, com a minha psicóloga, que é dessa abordagem, que eu fui vendo e pesquisando. Entre idas e vindas, eu estou com ela há seis anos. Até busquei um outro psicólogo da Terapia Cognitivo Comportamental por um tempo, mas não me adaptei. A

psicóloga da minha mãe também seguia a abordagem fenomenológico-existencial e, mesmo a atendendo, conseguia me orientar sobre o que eu poderia pesquisar.

Juntou o meu interesse e algumas dicas e orientações dessas duas profissionais, e eu fui buscando colóquios, congressos e leituras, quando estava na graduação. Para ser sincera, ainda me considero bem iniciante em tudo isso. Por mais que eu já esteja atendendo, eu não sei até que ponto também que o que eu estou fazendo tem a ver com o que eu estou lendo e estudando. Então, ainda está começando a se misturar essas coisas... A teoria e a prática estão começando a fazer mais sentido.

Quando estava na metade da graduação, mais ou menos, eu fui participar de um grupo de estudos oferecido por um Grupo de Pesquisa em Fenomenologia da minha cidade. Sinceramente, foi um tanto assustador! Eles já tinham mais contato com a teoria, acabavam desconstruindo muitas coisas que eu achava que eu sabia, saia de lá com mais perguntas do que respostas. Mas eu acho que foi importante também para ter uma noção de que até mesmo dentro desta abordagem existem muitas abordagens. São várias formas de olhar para a fenomenologia e se apropriar disso. Ampliou muito meu olhar! Confesso que, em vários momentos, eu me sentia desmotivada por achar difícil, acreditar que talvez eu deveria buscar algo mais simples, já que tinha tantas demandas da faculdade... Era um sentimento bem ambíguo.

Eu vejo que tem uma dificuldade específica, desde a época da graduação, que é o fato de ser uma abordagem pouco conhecida. Pelo menos na instituição que eu estudei, mesmo entre as pessoas da psicologia. Eu sinto um certo peso quando me questionam o que é, porque eu não sei se me sinto apropriada o suficiente para explicar o que é a psicologia fenomenológico-existencial. Sinto que as abordagens comportamentais e as psicodinâmicas estão mais presentes, até na cultura, seja em filmes, livros; as pessoas leigas e não leigas acabam por ter mais acesso. Enquanto, a meu ver, a perspectiva fenomenológico-existencial tem essa questão

de ser mais obscura, talvez, para as pessoas. É preciso partir, literalmente, do começo para explicar.

Ainda mais quando eu falo que eu estudo Sartre, nossa! As pessoas não fazem ideia que existe a psicologia sartreana, a psicanálise existencial... E eu nem posso dizer que eu entendo o suficiente para explicar. A leitura que eu estou fazendo agora é muito básica. Ainda não consegui fazer essa associação com a minha prática clínica. Estou caminhando a passos muito lentos e realmente não conseguiria pensar e explicar para alguém ou talvez fazer um perfil profissional para falar disso e, conseqüentemente, divulgar meu trabalho. Tudo muito incipiente ainda. Eu prefiro tomar esse cuidado.

Então, no ano passado mesmo eu iniciei uma especialização em Psicologia Existencial que, além do estudo teórico, também tem um viés mais prático, como o encaminhamento de pacientes e supervisão. É uma pós-graduação de dois anos, realizada de modo online, porque é de outro estado. Apesar de ter uma ênfase maior no existencialismo de Sartre, nós caminhamos por atores de outras vertentes da fenomenologia existencial também. Por exemplo, tivemos uns módulos mais voltados em fenomenologia, passamos pela Gestalt-terapia, uma aula sobre Heidegger...

A pós-graduação chega como uma possibilidade de contar com todo um suporte do manejo, de como lidar com essas questões mais práticas e burocráticas, e ter um amparo que a faculdade não me ofereceu. Me deu uma segurança maior para iniciar os atendimentos clínicos.

Bom, eu comecei a atender mesmo com os encaminhamentos de pacientes da especialização. Foi aos poucos, comecei com uma paciente só. Fui me sentindo atendendo, depois foi para três, depois para cinco. Parei por aí com esses encaminhamentos, isso porque é de um projeto social do instituto, isto é, são pacientes de atendimento social, então, a proposta é que os pacientes determinem o valor da sessão, o quanto que eles podem investir, são pessoas

que, geralmente, estão em situação de vulnerabilidade social; e, logicamente, cabe a mim entrar em acordo ou não com a disponibilidade deles.

Além disso, eu me cadastrei em uma plataforma chamada *PsyMeet*, que também é de valor social. Lá, o valor da sessão é fixado em R\$30,00. No entanto, como todos os outros acordos são feitos diretamente com o paciente, inclusive a forma de pagamento, logo no início eu avisei aos pacientes que manteria esse valor por três meses e depois faria um reajuste. É o que eu estou fazendo agora, começando a aumentar um pouco o valor das sessões.

Eu fiquei nessa plataforma por três meses, até pegar um número maior de pacientes. Atualmente, estou com 9 pacientes no total, contando os pacientes da especialização e da plataforma. Foi bem pouco tempo que eu fiquei por lá, só para ter um outro contato, mais uma possibilidade de encaminhamento de pacientes, e não esperar que só chegassem até mim, mas também me colocar ali.

Com os pacientes que são encaminhados pela pós, eu posso contar com a supervisão da instituição. Para os pacientes que tenho por fora, que vieram pelo *PsyMeet*, eu busquei uma supervisão de uma profissional que encontrei no Instagram. Tive umas três supervisões, assim. Eu marco realmente quando sinto que está faltando um pouco de clareza nos casos. Não é algo que eu faço com frequência, é algo mais esporádico mesmo.

Felizmente, também tenho o privilégio de poder ter a ajuda dos meus pais para realmente pagar as minhas contas e a minha pós-graduação, pois eu não conseguiria fazer isso no início com a clínica, é um retorno financeiro muito baixo. Eu também não queria um volume muito grande de pacientes para conseguir suprir as minhas demandas financeiras, justamente porque tinha toda a insegurança do início da prática profissional. Eu queria também sentir que estou fazendo um trabalho responsável. Então, dentro do possível, foi isso que eu consegui pegando aos poucos e dando conta.

Entendo que essa não é uma escolha possível para todo mundo, vejo muitos colegas que necessitam buscar empregos até mesmo que não tem a ver com psicologia para conseguirem o sustento na clínica. Me considero mesmo privilegiada nesse sentido, de poder começar com pequenos passos, já que eu ainda não quero simplesmente me jogar e posso me dar o direito de lidar com as minhas inseguranças, e ir com mais calma.

Atualmente, eu retornei àquele grupo de estudos de fenomenologia que fiz na metade da graduação. Está um pouco diferente, é mais focado em psicopatologia fenomenológica e não é mais com os professores, e sim com um dos alunos que coordena. Então, também estou vivendo ali nesse meio diferente, eu gosto de manter, assim, vários apoios.

Por conta do intercâmbio que eu fiz durante a graduação, quando eu retornei acabei ficando em uma turma diferente da minha, não nos encontrávamos tanto. Para completar, logo veio a pandemia e o isolamento social, o ensino à distância, essa junção de acontecimentos me afastou muito dos meus colegas e até mesmo dos estudos com a fenomenologia, durante a minha graduação, pois tinha também o acúmulo de demandas do curso. Essa falta de contato com as pessoas me prejudicou nesse início de carreira. Não tinha como saber como os outros estão lidando também com esse processo. Cada um nas suas próprias casas, com as suas questões, o que está acontecendo com o outro ninguém sabe. E é uma coisa que eu só fico sabendo quando alguém posta alguma coisa no Instagram, que dá para ter uma ideia do que a pessoa está fazendo, mas não é a mesma coisa, não é a mesma coisa do contato presencial. Acabou acontecendo esse afastamento das pessoas que estudaram comigo a maior parte da graduação.

Eu estou pensando, inclusive, em me vincular a alguma clínica que tenha convênio esse ano, para ter a experiência do atendimento presencial. Acredito que continuo apenas no online, até o momento, por um pouco de comodismo, em não querer sair da minha zona de conforto, pois eu sou muito caseira, então é muito conveniente esse modelo. Só ligar o computador aqui,

não precisar me locomover. Além disso, eu tenho recebido somente pacientes online, isso porque os encaminhamentos da pós-graduação naturalmente são de outro estado e, os pacientes do *PsyMeet* são plataformizados.

Nesse momento, eu não estou me divulgando, não tenho cartão de visita, perfil profissional, qualquer coisa que pudesse me fazer conectar com pessoas da minha cidade para atender presencialmente. Então, por isso que a única coisa que eu cheguei a pensar foi realmente me colocar numa clínica que tenha convênio com o plano de saúde, para que as pessoas realmente procurassem e não algo que me demandasse essa divulgação. É algo que eu ainda estou estudando. Acho que seria muito interessante ter essa experiência, de descobrir a clínica presencialmente.

Como eu disse, conto com a ajuda dos meus pais nesse início de carreira. Já tinha um planejamento, quando me formei, que eu faria uma especialização, e eles custeariam essa pós. Mas, por exemplo, os custos de abrir uma sala nunca foram cogitados. Como eu não tenho esse custo extra, atualmente o investimento deles com o consultório é apenas com a minha pós-graduação, no valor de R\$500,00 a mensalidade.

Não recebi muito suporte da minha faculdade sobre como seria um planejamento financeiro, os requisitos para uma prática profissional autônoma, nada disso. Por exemplo, eu aprendi a emitir recibo, sobre os impostos, buscando por fora. Mas eu tinha o canal aberto com o professor da pós-graduação e a supervisão que faço por fora esporadicamente, e isso me dava uma tranquilidade, ter com quem contar. Lembro que em dado momento precisei elaborar um documento para um paciente, e um professor da pós me auxiliou. Claro, eu também fiz minha pesquisa à parte tentando entender como funciona a normativa profissional, não é nada mastigado, mas sei que se precisar tenho onde recorrer.

Eu vejo uns colegas meus bem perdidos, com umas perguntas assustadoras. Mas não consigo culpá-los, acredito que a graduação deveria ter pelo menos uma matéria para falar

sobre essas coisas. Eu, pelo menos, não contei com nenhuma orientação nesse sentido durante a graduação. Sem essa pós eu não sei como seria a minha prática clínica no início, não consigo nem imaginar! Realmente, foi com ela que eu fui criando segurança também para me colocar no *PsyMeet*.

Os encaminhamentos da pós ainda preservam a autonomia profissional, porque apesar do paciente determinar livremente o valor que ele pode pagar pela psicoterapia, eu continuo sendo a responsável por determinar se aceito e o quanto desse valor que eu recebo vai ser encaminhado para o Instituto. Dessa forma, eu também tenho um controle de quanto eu estou disposta a dar como retorno, eles nos colocam nessa posição de que a gente determina o investimento.

Até o momento da nossa conversa, recebi apenas um paciente que veio por indicação de uma colega minha, que não tinha nenhum vínculo de ter que fazer um valor social. Então, eu estabeleci R\$60,00 como valor da sessão. Não sei o porquê, sinceramente. Não sei se dizer o que me fez pensar que seria um valor justo, adequado. Eu acho que eu poderia cobrar mais, sim, mas tenho um certo receio, não sei do que, exatamente, não parei para pensar nisso, mas acho que talvez o receio de não dar conta.

Eu não me sinto bem remunerada, e é difícil dizer em quanto tempo eu acho que deveria me sentir. Isso porque depende muito do meu movimento. Se eu realmente vou buscar ampliar o número de pacientes, fazer menos atendimento social. Junta a incerteza da profissão com o fato de que eu não penso muito sobre isso, só vou seguindo o que aparece. Tenho realmente essa dificuldade de sair dessa zona de conforto. Acredito que depende muito de mim, eu estou andando a passos lentos, mas também é muito incerto.

Se eu pudesse dar um conselho para alguém que estivesse iniciando a carreira na psicoterapia seria: procure um grupo que você se identifique, seja uma especialização, seja um grupo de estudos. Que seja um suporte para ter as bases da abordagem e de como se dá a prática

clínica, realmente não se contentar com aquilo que é oferecido na graduação. Talvez outras pessoas tenham uma experiência diferente da minha e tenham encontrado esse suporte na faculdade, mas se não teve, eu diria para ir buscar fora, não tem outro jeito.

Acho que é muito importante ter um vínculo com profissionais e outros psicólogos, psicoterapeutas, que têm essa abertura de poder tirar essas dúvidas. No meu caso, por mais que a pós-graduação aconteça de forma online, há uma troca legal nas aulas e nas supervisões. Eu consigo ter uma ideia ali do que os outros estão vivendo, de como está sendo a prática deles, quais as dificuldades que estão enfrentando e me reconhecendo em muitas delas.

Acredito que esse contato é algo que faz falta. Acabou que, por uma junção de fatores, a minha ida ao intercâmbio, o isolamento social devido à pandemia, a perda de vinculação com a minha turma de origem na graduação, as poucas pessoas que se reconheciam com a mesma abordagem que a minha, eu acabei por ter que trilhar o meu caminho de forma mais solitária. Como eu disse, eu tinha notícias das pessoas que estudaram comigo chegavam mais por rede social do que por uma troca.

Poder contar com a minha turma de pós-graduação, retornar a esse grupo de estudos em fenomenologia, frequentar congressos, promover essa troca e esses encontros têm sido importante nessa caminhada.

Eu acho que tenho dificuldade um pouco de parar para pensar sobre tudo isso que eu estou fazendo, então eu acabo só fazendo, fazendo, fazendo e não refletindo sobre. Esta conversa está sendo uma oportunidade de reflexão da minha própria prática e perspectivas futuras, enfim, coisas que eu poderia pensar mais.

6. Tornar-Se Psicoterapeuta: A Construção Inicial Da Carreira Clínica De Psicólogas(Os) Fenomenológico-Existenciais

Neste capítulo, trançamos uma discussão das narrativas do capítulo anterior com a literatura acerca do início da vida profissional a fim de encontrar indicações para responder a pergunta da pesquisa: quais são os modos de sentir, pensar e agir emaranhados nessa trama de significados de tornar-se psicoterapeuta?

6.1. Psicoterapia Pessoal

“Na época do vestibular, eu estava fazendo psicoterapia para tentar identificar o que eu gostaria de fazer na vida e, no fim, eu me vi interessada por aquele lugar”. (Helena)

“O meu processo de psicoterapia, de autoconhecimento e de supervisão foram ferramentas que me ajudaram a resgatar essa confiança.” (Talía)

Segundo dados apontados pelo CensoPsi, a psicoterapia pessoal é a possibilidade de formação complementar informal²³ mais citada, constituindo 80% de psicólogas que se submetem ao próprio processo pessoal (CFP, 2022a), o que integra a compreensão de um cuidado consigo mesma a um cuidado profissional. Cardella (2021) aproxima a dimensão do sofrimento humano da psicoterapeuta não apenas como parte do seu ofício, mas também como parte intrínseca à sua própria humanidade. Para a autora, é uma luta cotidiana acolher nossos semelhantes quando, muitas vezes, somos nós quem nos sentamos em nossas poltronas ou nos colocamos diante de uma tela, sofrendo.

²³ Considera-se formação complementar formal os cursos regulamentados pelo Ministério da Educação, e que resultam em titulação oficial. São elas: especialização ou MBA, mestrado, doutorado, pós-doutorado e residência multiprofissional (CFP, 2022a).

Sabemos o custo da disponibilidade ao paciente em tantos momentos; vivemos angústias, perdas, separações, medos, desconsolo, desesperança, tristeza, dúvidas, e precisamos, em alguma medida, transformar o sofrimento, ou seja, nossa precariedade, em abertura ao outro, em possibilidade de encontro, compreensão, acolhimento e companhia. Por esse motivo, o terapeuta também precisa ser cuidado (Cardella, 2021, p. 120).

Dutra (2009) assinala a necessidade da psicoterapia pessoal “não somente em função das suas demandas, mas pelo que isso representa em termos de responsabilidade e cuidado, principalmente, com o outro” (pp. 64-65). Lima (2016) destaca ainda que, a psicoterapia para a psicoterapeuta se faz importante em três aspectos: o primeiro, como um espaço privilegiado para a profissional trabalhar seus próprios sofrimentos; em segundo, como um combustível renovador para o constante desgaste e impacto que a escuta cotidiana pode causar na profissional e, por fim, como uma ferramenta de aprimoramento pessoal que permita tanto a possibilidade de estar aberto ao outro como manter uma postura efetivamente ética.

Assim, submeter-se ao próprio processo psicoterapêutico, sendo uma psicoterapeuta, vai além de um cuidado consigo mesma, com os seus processos pessoais, mas é também parte formativa importante da própria profissão. As profissionais iniciantes encontram-se em momentos de descoberta de uma nova fase da vida, de psicóloga recém-formada, lidando com inseguranças relacionadas ao início de carreira, escolhas profissionais, vivências de sobrecarga e precarização do trabalho que colocam em xeque o sentido do seu ofício e disponibilidade para o sofrimento do outro. Junto a isso, enfrentam as próprias questões pessoais, relacionamentos, frustrações, sonhos e perdas que tornam o cuidado consigo mesmo estendido aos outros, uma vez que, como apontado por Cardella (2021), as questões da pessoa não se colocam em pausa para que o profissional se apresente.

Além disso, estar no lugar de paciente aparece como um vislumbre do lugar de psicoterapeuta e da vivência de uma relação terapêutica, muitas vezes, antes mesmo do ingresso na universidade ou da prática profissional, quando ao serem acolhidas enquanto pacientes percorrem um caminho que, para além de olhar para os seus processos pessoais, permitem uma identificação que se estende para a prática profissional, uma faceta da psicoterapia para psicoterapeutas apontada por Lima (2016).

6.2. Supervisão

“Você faz o processo, depois tem a supervisão, então isso é um diferencial fantástico. Outra coisa muito importante da supervisão para mim era também ouvir o relato dos colegas...” (Roberto)

“E eu reafirmo, foi essencial para mim poder contar com a minha supervisora e a minha psicoterapeuta, foram verdadeiras companhias.” (Talia)

A situação de supervisão é, para Morato (1989), uma situação de aprendizagem que não se propõe como um ensino, mas como uma re-aprendizagem. Sá *et al.* (2010) defendem que o objetivo da supervisão não está na mera transmissão ou fiscalização de teorias e técnicas, mas de sustentar a tensão entre estas e as transformações existenciais da profissional, já que o saber que mais importa é aquele indissociável do próprio modo de ser. Isto, para Dutra (2008), aparece como uma dificuldade para a supervisora na transmissão de um conhecimento que:

(...) passa, necessariamente, pela vivência de um modo de ser, por uma disponibilidade de abertura ao outro, o que, de alguma forma, conduzirá a pessoa aos seus “outros”; por isso a necessidade de arriscar-se nessa aventura de disponibilizar-se igualmente para si e para o outro, em direção a um universo desconhecido (p. 229).

Evangelista (2015) narra sobre a expectativa de suas alunas para que, enquanto supervisor, ele lhes revelasse o que está oculto, o que é certo ou errado; bem como sua tarefa de reiterar que seu papel está muito mais no lugar de propiciar que o supervisionando se perceba no encontro com o cliente e, a partir disso, possa se nortear no processo psicoterapêutico. Tais considerações não apenas nos dizem sobre o que a situação de supervisão não é, mas também sobre o que ela se propõe e, sobretudo, a potência que tem o encontro entre supervisora-supervisionanda. Para Morato (1989), assim como o processo psicoterapêutico fundamenta-se na qualidade da relação terapêutica, a supervisão dirige-se para a pessoa da supervisionanda e suas condições de crescimento e “aprendizagem inicial de um ofício artesanal, que ocorre no fazer pela relação” (p. 21). Isto é, a supervisão não se direciona para o paciente/cliente, a supervisora não sabe mais do caso do que a profissional que está envolvida na relação clínica, o “entre” na relação de supervisão se dá com supervisora-supervisionanda, não supervisora-paciente.

Na relação de Supervisão, o terapeuta pode encontrar companhia e cuidado. O cuidado na relação de Supervisão acontece como confiança e esperança, raiz e asa, tradição e criação. É um percurso compartilhado, de crescimento mútuo, de reciprocidade, na penumbra do desconhecido que é o encontro humano. A Supervisão é, acima de tudo, a experiência de um rosto humano que se faz companhia e nos recorda do fundamental sustentando o vir-a-ser. (Cardella, 2021, p. 129)

A supervisão aparece, no início de carreira, como um enlace entre a teoria, brevemente reconhecida na graduação, e a prática de clinicar, que se dá a apropriação daquela forma de pensar diferente do modelo de ensino. Mais crucial ainda se torna essa ferramenta com profissionais que sequer tiveram a oportunidade da vivência do estágio em psicoterapia na abordagem escolhida durante a graduação, devido à falta de representatividade de docentes na instituição formadora, tornando a prática, após a formação, inaugural. Representa, ainda, um

recurso de apoio e segurança em situações que a profissional iniciante lida com dificuldades de condução e manejo clínico.

A companhia, descrita por Cardella (2021), se apresenta não somente na figura da supervisora, uma profissional mais experiente que, em teoria, poderia fornecer caminhos e direções; mas a companhia também se faz entre colegas dos grupos de supervisão — para quem faz nessa modalidade — com trocas de vivências, desafios e inseguranças semelhantes aos seus, firmando-se, ali, um grupo de identificação. Pode-se, assim, se reconhecer e criar uma rede profissional e proporcionar aprendizados que não se limitam a possibilidades de manejo clínico ou elucidação de dúvidas teóricas, mas sobre a descoberta de si e da sua identidade profissional. Justifica-se, assim, a significativa procura de 68% das profissionais psicólogas por esta modalidade de formação complementar, conforme apontado pelo CFP (2022a).

6.3. Formação Continuada

“A pós-graduação chega como uma possibilidade de contar com todo um suporte do manejo, de como lidar com essas questões mais práticas e burocráticas, e ter um amparo que a faculdade não me ofereceu. Me deu uma segurança maior para iniciar os atendimentos clínicos.” (Helena)

“A pós-graduação também foi muito importante para ampliar mais o meu campo de visão da abordagem em que escolhi atuar.” (Karina)

Neste subtópico, nos referimos como formação continuada àquela de natureza formal, isto é, que se enquadra nos critérios *strictu sensu* ou *lato sensu* e está submetida a alguma forma de regulamentação do Ministério da Educação. Das profissionais entrevistadas no último CensoPsi, 47,5% possuem a pós-graduação *lato sensu*, 25,9% *stricto sensu* e, com a maioria

de profissionais recém-formadas, apenas 26,6% não prosseguiram com nenhuma formação continuada (CFP, 2022a). O estudo, antes de qualificar o interesse das profissionais em continuar se aperfeiçoando, levanta questionamentos sobre a qualidade das graduações de psicologia que exigem da profissional um aperfeiçoamento.

O estudo demonstra ainda uma representação massiva de psicólogas clínicas satisfeitas com a graduação, com 85,6% (CFP, 2022a). No entanto, neste aspecto, tal realidade não se traduz com as participantes desta pesquisa, que demonstraram uma deficiência na formação, sobretudo no que tange ao aprofundamento teórico na abordagem psicológica fenomenológico-existencial. Quando muito, contaram com no máximo dois docentes da linha fenomenológico-existencial e apenas Karina teve a oportunidade de realizar o estágio em psicoterapia na abordagem, enquanto as demais não tiveram essa possibilidade nas instituições em que se formaram. Apesar dessa deficiência teórica na graduação, a afinação com a perspectiva fenomenológico-existencial parece acontecer de fato, assim como no estudo realizado por Guimarães *et al.* (2023), com a formação posterior e as próprias vivências profissionais. Assinala-se, dessa forma, a necessidade da continuidade da formação para fazer-se psicoterapeuta em uma abordagem que tem baixa representatividade dentro das instituições de graduação.

Considerando a relevância que a pós-graduação tem para a categoria profissional, o Conselho Federal de Psicologia aponta a necessidade de avaliar se as demandas de formação continuada contemplam os diferentes estados brasileiros (CFP, 2022a). Nesse sentido, é relevante dizer ainda da possibilidade do online na formação de psicoterapeutas fenomenológico-existenciais. Todas as narradoras desta pesquisa realizaram ou realizam a pós-graduação na modalidade online. Percebe-se que o contexto de pandemia abriu caminhos para um formato que se consolidou não somente como uma forma de atendimento psicológico, mas também como formação. Isso tem sido aproveitado pelas profissionais, uma vez que a

realização de um curso estritamente presencial pode trazer limitações quanto à existência de oferta de pós-graduação na cidade natal, a viabilidade geográfica e financeira de deslocamento para outra cidade ou mesmo estado.

A possibilidade do ensino à distância na formação continuada tem viabilizado, sobretudo após a pandemia, que profissionais residentes em regiões que não contam com uma instituição formadora em psicologia clínica fenomenológico-existencial possam dar continuidade na sua formação, demanda que tem sido acolhida por diversos formadores²⁴ da área. Isto se revela importante e essencial quando revelada a carência de profissionais/professores de referência na graduação, podendo refletir em uma limitação na pós-graduação.

6.4. Plantando A Clínica Psicoterapêutica

“Ter que pagar aluguel de clínica, supervisão, minha própria psicoterapia, entre outros custos. É um investimento que nunca para!” (Karina)

“Para quem quer viver só de clínica, acho importante se preparar financeiramente com uma reserva para alçar um voo mais seguro, né?” (Roberto)

O verbo *plantar*, em sua origem, significa “introduzir um vegetal na terra para criar raízes” (Dicionário Online de Português, n.d.). A vitalidade da língua permite outros significados para o verbo, como o início de algo que se espera que floresça, seja no campo das ideias, projetos ou relações — não se limitando à botânica. A tríade da formação da psicoterapeuta (psicoterapia pessoal, supervisão e formação continuada) fornece nutrientes

²⁴ Algumas instituições que oferecem pós-graduação em psicologia fenomenológico-existencial na modalidade online e/ou híbrida: Associação Brasileira de Daseinsanalyse (SP), Instituto Dasein (SP), Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (RJ), Núcleo de Clínica Ampliada Fenomenológica Existencial (RJ), Núcleo de Psicologia Fenomenológica POIESIS (RN), Rede Existências (BA) e Instituto Intention (CE).

essenciais para que a profissional cresça, a cada vez, e possa oferecer um serviço psicológico ético, responsável, fundamentado teoricamente em sua clínica. O crescimento profissional, no entanto, não pode se dar sem investimento, visto que tais nutrientes têm um custo. Desse modo, cabe refletirmos sobre a sustentabilidade de um consultório psicológico iniciante.

Segundo o CensoPsi, as profissionais psicólogas que recebem maiores rendimentos são aquelas que possuem uma maior titulação, enquanto o maior contingente das que nunca atuaram na área tem apenas o curso de graduação, o que pode ser justificado pelo pouco tempo de formação e pela dificuldade financeira devido à não inserção no mercado de trabalho (CFP, 2022a). O estudo apresenta, ainda, percentuais mais altos de iniciativas de supervisão, grupos de estudos, cursos e outros em profissionais em estágios mais avançados na carreira — a partir de 6 anos. A reflexão sobre esses dados pode revelar uma situação limitante às psicólogas psicoterapeutas: como conseguir custear uma formação complementar, seja formal ou informal, após a graduação, se a profissional ainda não está inserida no mercado de trabalho? Esse dilema reflete a necessidade de planejamento e condições financeiras para que as psicólogas possam continuar a investir em sua formação.

Com essas dificuldades, algumas profissionais acabam por priorizar ou negligenciar certos aspectos da formação, como precisar escolher entre o custeio de uma psicoterapia pessoal ou supervisão, um grupo de estudos ou um curso livre, uma especialização ou o aluguel/sublocação do espaço físico — quando há. Para Silva *et al.* (2021), o empreendimento em psicologia, tal como nas demais áreas, requer captação de investimentos para tornar viável a iniciativa, além de precisar atender às normas de órgãos reguladores, o que gera mais custos. Dessa forma, se tratando de um consultório de psicoterapia, para além do investimento na formação da própria psicoterapeuta, há também que se considerar as obrigações legais, fiscais e burocráticas.

Além de dificuldades práticas, como a falta de recursos iniciais para o início da carreira de psicoterapeuta, a instabilidade e carência de pacientes para a entrada desses recursos, a escolha massiva de psicólogas pela área clínica, ocasionando uma alta oferta; soma-se o momento de carreira dessas profissionais permeado por inseguranças teóricas, profissionais e pessoais. Este cenário pode, assim, conduzir a um início da prática profissional com preços inferiores aos custos do mercado, retornando ao entrave da falta de recursos e do tão conhecido “pagar para trabalhar” e da necessidade de duplas jornadas para complementação de renda, além de contribuir para uma desvalorização da categoria (CFP, 2022b; Silva *et al.*, 2021).

A aplicação da tabela de honorários referência nacional de psicólogas, proposta pelo Conselho Federal de Psicologia (2023), não é uma realidade de muitas profissionais recém-formadas (CFP, 2022b; Silva *et al.*, 2021). Neste quesito, compreende-se como entrave não somente a insegurança da profissional em cobrar o valor indicado, o desconhecimento de gestão do custo da sua hora de trabalho, mas também o contexto social e regional de atuação, aspectos não considerados no propositivo do CFP.

O início da jornada profissional de muitas psicoterapeutas é marcado pela necessidade de aperfeiçoamento teórico, técnico e pessoal, bem como um conhecimento de mercado em adaptação à sua própria realidade, o que se revela como uma semeadura de sua carreira em um solo, por vezes, árido, sobretudo quando a limitação financeira é um obstáculo à sustentação pessoal e à construção profissional. Assim, o campo que deveria ser fértil para o crescimento da profissão torna-se um terreno onde a precarização ameaça a colheita de quem ainda está aprendendo a plantar suas raízes. Esse ciclo será explorado mais profundamente a seguir.

6.5. A Precarização Da Profissão: Saída Ou Armadilha?

“30h ou 40h semanais preenchendo uma planilha não é a mesma coisa que atender um paciente e, no caso deste convênio, em uma hora eu atendia dois pacientes, não dá para equiparar, é muito pesado.” (Talía)

“Então, veja, não dá para viver só de convênio, porque para ter uma renda considerável vai precisar ter uma demanda tão alta, que uma hora o profissional vai ‘pirar’.” (Roberto)

Até aqui, vislumbramos a importância da tríade psicoterápica — a psicoterapia pessoal, a supervisão e a formação continuada — como raízes que sustentam o florescimento da psicoterapeuta. No entanto, ao se lançar na prática profissional, a psicóloga pode enfrentar dificuldades para arcar com os custos necessários para acessar essas ferramentas fundamentais. A urgência de começar de algum lugar pode levá-la por caminhos tanto promissores quanto marcados pela precarização, desafiando-a a equilibrar o desejo e a necessidade de crescer com as realidades da profissão. O Conselho Federal de Psicologia elenca os eixos que estruturam a discussão sobre o trabalho precário: os rendimentos, o número de vínculos de trabalhos e carga horária, trabalhos fora da psicologia e a sindicalização (CFP, 2022b), os quais se tornam vivos nas narrativas das psicoterapeutas iniciantes.

Marcada a colação de grau, concretizada a inscrição no conselho de classe, a psicoterapeuta pode se deparar com a seguinte realidade: o entusiasmo pelo início da carreira em contraste com a agenda vazia e a incerteza de como conseguir pacientes e a necessidade de investimento na formação atravessados pela ausência de renda. Nesse panorama, a busca por clínicas credenciadas às operadoras de saúde são caminhos comuns a serem tomados por psicoterapeutas iniciantes, já que a alta demanda de pacientes facilita esse ponto de partida.

No entanto, o baixo valor pago por sessão de psicoterapia em clínicas conveniadas às operadoras de saúde obriga a profissional a aumentar a quantidade de atendimentos para que se possa ter uma renda necessária para garantir sua subsistência. Somado a isso, é comum que os atendimentos psicológicos na saúde suplementar tenham duração de 30 minutos, obedecendo a uma lógica mercadológica que tem o lucro como principal objetivo (Oliveira, 2018) — menos tempo de sessão + mais pacientes atendidos = maior lucro — um terreno fértil para uma precarização do trabalho da psicoterapeuta e para a oferta de uma escuta de qualidade questionável. Segundo Oliveira (2018):

O baixo valor pago pelos atendimentos interfere, por exemplo, na quantidade de atendimentos diários ou semanais que um psicólogo precisará fazer para se sustentar. O valor recebido, em conjunto com a quantidade de atendimentos, influencia por sua vez no tempo destinado a cada atendimento. Tempo este que estabelecerá uma relação direta com a velocidade, o ritmo de trabalho deste profissional. Esse conjunto de elementos compõe a esteira de clientes que cada profissional precisará dar conta (p. 95)

Além da questão do pagamento se tratar do sustento da profissional, a baixa retribuição financeira do seu trabalho indica também um aspecto político e simbólico na medida que demarca o lugar desvalorizado da psicologia na saúde suplementar, âmbito marcadamente orientado pela figura médica (Oliveira, 2018). A autora se vale do termo “estilo *drive-thru*” para se referir a atendimentos psicológicos nessa lógica de aceleração produtiva (p. 10)²⁵. Um contexto, sem dúvidas, condizente a uma sociedade que se volta ao útil, à eficiência e a prazos cada vez menores no alcance de resultados (Han, 2017b; Pompeia & Sapienza, 2011) Esse quadro é demasiado contrário a uma perspectiva de psicoterapia fenomenológico-existencial

²⁵ Tal cenário põe em risco ainda a saúde da trabalhadora. Oliveira (2018) apresenta um relato em que a psicoterapeuta evitava beber água, para não ter que fazer xixi a cada intervalo de atendimento, pois também precisava desse curto tempo para gravar áudios da sessão. Segundo a autora, não é incomum ainda psicoterapeutas que se automedicam para calar os limites do próprio corpo, como a sensação de exaustão e fortes dores de cabeça após a sessão; além de fazer uso de álcool, cigarro e/ou outras drogas para lidar com a sobrecarga ao fim da semana de atendimentos.

que se propõe “um espaço que em que possamos não submergir na necessidade da pressa, do controle, do imediato” (Pompeia & Sapienza, 2011, p. 140).

Com a popularização do atendimento online, outro intermediador ganhou força: as plataformas de agenciamento, que promovem a conexão entre psicoterapeutas e pacientes. Segundo Motta (2022), as plataformas vendem-se não somente como intermediadoras do serviço, mas também como geradoras de valor do exercício da profissão, uma vez que se colocam como superadoras de barreiras geográficas e ambiente virtual seguro, além de algumas oferecer funcionalidades de gestão de agenda, financeiro e prontuários eletrônicos. Elas vendem a expectativa que psicoterapeutas iniciantes possam ter uma agenda de atendimentos em troca da submissão a critérios de avaliações públicas, atendimentos volumosos de baixo custo e pagamento de pacote de benefícios. A exemplo da plataforma citada pela narradora Helena, a *PsyMeet*, que se coloca como parte principal de atendimento social online no Brasil, colocando como benefícios em seu site: “mais de 400 mil pacientes mensais”, “você recebe o pagamento diretamente do paciente”, “possibilidade de atender pessoas de todo o Brasil”, “ambiente virtual seguro” e “Você tem liberdade de negociar todos os detalhes do atendimento com seus pacientes, apenas o valor é fixado”.

Nesse sentido, Motta (2022) defende que além de afetar a relação com a profissão, no sentido de mercantilizá-la e limitar a autonomia da psicoterapeuta, a plataformização da psicoterapia gera exploração e precarização do trabalho, sobretudo com psicoterapeutas pobres, que não podem financiar a inserção no mercado de trabalho da psicoterapia, como visto no tópico anterior, ou que não têm experiência ou outras oportunidades de ingresso na área.

Além da vinculação às clínicas credenciadas aos planos de saúde e às plataformas de agenciamento, uma alternativa para lidar com a baixa remuneração no início de carreira foi a busca por outros trabalhos, formais ou informais, para a complementação de renda, o que pode

ser mais um indicador de condições precárias do exercício profissional, acarretando jornadas de trabalho longas e vínculos precários (CFP, 2022a; CFP, 2022b).

Nesse sentido, é conflitante pensar em saídas para essa encruzilhada que, por um lado, nasce da necessidade urgente de garantir o próprio sustento e, por outro, pode se tornar uma armadilha ao submeter-se à precarização no início da carreira. Embora opções como convênios e plataformas de atendimento possam parecer soluções imediatas para assegurar um fluxo de pacientes e uma renda inicial, elas propiciam uma cristalização de um modo de funcionamento que dificulta a transição para uma prática mais autônoma e uma remuneração justa.

Assim, a trabalhadora se torna, no contexto neoliberal, o que Han (2018, p. 11) denomina como “empreendedor de si mesmo”, que elimina uma exploração alheia para que cada um seja o próprio explorador de si: a psicoterapeuta é, ela mesmo, seu produto, sua empresa, seu senhorio e sua serva. A fragilidade e/ou inexistência dos vínculos de trabalho, seja nas operadoras de saúde, nas plataformas de agenciamento ou no acúmulo de funções coloca a psicóloga, sobretudo aquelas com pouco ou nenhum suporte financeiro para o custoso início da carreira, como única responsável por se autogerir, de modo que “a luta de classes também se transforma em uma luta interior consigo mesmo” (Han, 2018, p. 14).

6.6. A Pandemia E O Atendimento Online

Eu entendo que a pandemia veio tirando muito do que a gente conhecia como base de comunicação, de estrutura social mesmo. (Talía)

Foi um período muito difícil, mas eu acho que a pandemia é que me fez entrar no mercado de trabalho tão rápido, porque principalmente em relação à psicoterapia, era uma demanda muito alta de procura. (Karina)

Os serviços psicológicos — incluindo a psicoterapia — que antes eram permitidos apenas para fins de pesquisa, a partir da Resolução CFP Nº 11/2018, foram regulamentados mediante cadastramento na plataforma *e-Psi* e com restrições em situações de urgência e emergência, violação de direitos ou de violência. Decretado o início do isolamento social, a Resolução CFP Nº 04/2020 flexibilizou a atuação da psicóloga de forma remota, suspendendo, à época, temporária e excepcionalmente, as restrições citadas. E, mais recentemente, a Resolução CFP Nº 09/2024 revogou as normativas anteriores, regulamentando a prestação de serviços psicológicos mediada por Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs), retirando todas as restrições anteriores, inclusive a obrigatoriedade de cadastro na plataforma *e-Psi*.

Dessa forma, falar sobre a construção de carreira de psicoterapeutas que se formaram entre 2018 e 2023 recai, necessariamente, sobre as reverberações da pandemia na profissão. Isso porque, o vírus da COVID-19 se apresenta como um divisor de águas quando, ao requerer medidas de distanciamento social e atendimentos psicológicos mediados por algum tipo de tecnologia, traz consigo mudanças que vieram para ficar (CFP, 2022b).

Embora a opção pelo atendimento presencial continue a existir e não tenha sido eliminada, muitas profissionais preferem seguir com o atendimento online. Os principais argumentos para essa escolha incluem a economia em investimentos para espaços físicos, a eliminação de barreiras geográficas e a otimização do tempo. As duas primeiras justificativas, de certa forma, estão interligadas: o aspecto financeiro. Optar pela psicoterapia via TDICs, além de subtrair os custos de aluguel ou sublocação de consultório físico, requer apenas dispositivos tecnológicos que, usualmente, já fazem parte do cotidiano. Agora, para realizar uma sessão de psicoterapia, não contava mais com a necessidade de uma sala, com poltrona e um sofá e/ou divã, apenas um espaço com privacidade e um *smartphone* ou computador com câmera eram suficientes. Enquanto o rompimento dos limites geográficos permite um maior

alcance de pacientes, inclusive daqueles que moram em países com moedas mais valorizadas e têm uma maior facilidade em pagar o valor estabelecido pela psicoterapeuta brasileira — nesse caso, ambos parecem sair “ganhando”, financeiramente falando²⁶.

No que diz respeito ao terceiro argumento — o tempo — seria ingenuidade não atrelá-lo, também, aos ganhos financeiros. No entanto, este revela aspectos que ultrapassam as estratégias para tornar uma clínica sustentável no início de carreira. A forma como lidamos com a economia de tempo proporcionada pela psicoterapia na modalidade online nos diz muito da aceleração solicitada pela contemporaneidade.

Primeiro, falemos da economia de tempo promovida pela subtração do deslocamento até o espaço de atendimento; o consultório agora é em casa. Até mesmo o ritual do próprio asseio pode ser feito pela metade, visto que na chamada de vídeo apenas acima do busto fica visível e a profissional pode se arrumar apenas na parte que está à mostra. Com esse limite rompido, este tempo pode ser preenchido com outras atividades ou até mesmo com mais atendimentos, otimizando-o. Para Han (2021) o regime neoliberal elimina os limites para aumentar a produtividade:

O nós, capaz de uma ação comum, também é uma forma de conclusão. Ele se desintegra hoje em Egos que se exploram voluntariamente empresas de si mesmas [...] O sujeito do desempenho isolado para si explora a si mesmo de maneira mais efetiva ao estar aberto a tudo, ao estar flexível (Han, 2021, pp. 48-49).

Nesse sentido, a desaceleração proporcionada pelo atendimento online, citada pela narradora Talia, acaba por trazer consigo um outro risco: o da aceleração pela produção, da ocupação do tempo que se “ganha”. Nesta mesma obra, o filósofo discorre sobre a importância dos rituais na estruturação da vida como se fossem estações, que cruzam limiares, em contraponto a uma sociedade cada vez mais ensimesmada e dominada pelo imperativo da

²⁶ Esta situação pode ampliar a precarização da profissão de psicoterapeuta nesses outros países.

produtividade. Podemos, então, pensar no deslocamento até o consultório como uma representação simbólica da delimitação entre o cotidiano e o espaço terapêutico que molda a experiência do encontro? Obviamente, no contexto online, os rituais se tornarão outros, tanto para psicoterapeuta quanto para paciente — e aqui está mais um desafio para as psicoterapeutas que optarem por essa modalidade.

Para Milhano (2024), “a digitalização é marca do nosso tempo, tendo-se tornado um dos principais determinantes do nosso modo de ‘habitar’” (p. 94). Esse habitar o mundo perpassa pelas relações de trabalho, mas também pela nossa forma de se comunicar, de se relacionar, de se cuidar e cuidar do outro e, propriamente falando, de viver. A pandemia apenas acelerou um processo que já vinha em andamento — desde a Resolução CFP Nº 11/2018 — e que não se restringe apenas ao *modus operandi* da psicoterapia, isto é, ao *setting terapêutico* que se dá, mas também a outros aspectos da vida profissional da psicoterapeuta, tema que será melhor abordado no tópico a seguir.

6.7. Estar Em Rede: Uma Profissão Solitária?

“Essa falta de contato com as pessoas me prejudicou nesse início de carreira. Não tinha como saber como os outros estão lidando também com esse processo. Cada um nas suas próprias casas, com as suas questões, o que está acontecendo com o outro ninguém sabe.” (Helena)

“De ter esse suporte, da minha psicoterapia, da supervisão, de outros profissionais, poder contar com professores, com os meus amigos que se formaram junto comigo. Ter esses vínculos é o que me proporciona trabalhar...” (Karina)

A importância de se estar e pertencer a um grupo foi um aspecto recorrente na experiência das narradoras. Enquanto o palco da prática clínica da psicoterapia acontece, de forma geral, a dois — psicoterapeuta e paciente — quando voltamos o olhar para os bastidores, isto é, a preparação e suporte da psicoterapeuta, revela-se a necessidade da comunidade. Para Cardella (2021) “mesmo mobilizados pelo encontro com nossos pacientes, permanecemos na solidão de nossa consciência. Podemos, sim, compartilhar experiências e contar com nossos colegas, que nesse contexto são nossos cuidadores, como terapeutas, supervisores, companheiros de grupo: nossa comunidade de destino” (p. 120).

Nunes (2015) refere-se a comunidade de destino como um lugar de pertencimento coletivo em que um grupo compartilha “valores, projetos e inclusive ofícios próximos” (p.16). Para o autor, é dentro dessa comunidade que nasce uma rede de confiança mútua, na qual projetos e ações individuais são perpassados e fortalecidos pelos valores coletivos. Esse conceito se reflete nos grupos de supervisão, na relação terapêutica da própria psicoterapia, nos grupos de estudo, nas aulas de especialização e pós-graduação, nas amizades entre colegas de trabalho e nas redes de contatos profissionais. Estar entre colegas psicólogas(os), sobretudo em um espaço onde se compartilham visões de mundo ancoradas em abordagens comuns, é poder contar também com um suporte essencial — como uma rede que se estende sob a sombra, onde a profissional se nutre das trocas teóricas e práticas com pares. Nesses encontros, compartilham-se inseguranças, dúvidas e sugestões, além de se fortalecer a prática da conhecida indicação “boca a boca”, uma aliada imprescindível para acolher novos pacientes.

Contudo, essa prática de encontros parece estar se transformando também com o avanço das tecnologias digitais. A possibilidade de grupos de estudos e formação continuada à distância permite a aproximação de pessoas do mesmo nicho, sobretudo no que diz respeito às profissionais que não contam com representantes da abordagem fenomenológico-existencial na instituição da graduação e na cidade de atuação, permitindo a continuidade da formação

profissional. Com esses grupos virtuais, pode-se criar vínculos que ultrapassam barreiras geográficas e reforçam a sensação de pertencimento, conectando profissionais que compõem uma comunidade de destino, onde o apoio mútuo e a construção coletiva de saberes se tornam alicerces para a prática clínica.

Tal aproximação entre os pares, propiciada pelas tecnologias, no entanto, pode não acontecer em todas as esferas da vida profissional. Ao passo que as redes sociais, estratégias de tráfego pago e as plataformas de agenciamento podem facilitar o acesso de pacientes aos profissionais, podem também, por outro lado, serem potenciais isoladoras profissionais. Isso porque essas ferramentas focam na individualização da profissional, convocando-a a se posicionar como uma “marca” autônoma. Isso resulta em um contexto onde a colaboração e o apoio mútuo entre colegas perdem espaço para a concorrência implícita: quem tem a foto mais bonita, a descrição mais interessante, o valor de sessão mais baixo.

Han (2017a) nomeia tal fenômeno como sociedade expositiva, em que “cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo” (p. 31). Isto é, um paciente procura a psicoterapeuta não porque recebeu indicação de alguém que conhece e confia no seu trabalho, mas porque o perfil da profissional era interessante o suficiente dentre a vasta gama de opções. Santos e Evangelista (2023) fazem um paralelo dessa exposição da psicoterapeuta nos meios digitais aos sites de relacionamento, em que a psicoterapeuta “se coloca como produto, aguardando um *match* com novos clientes e deixando a possibilidade de troca de profissional cada vez mais facilitada, dado o largo cardápio de perfis de psicólogas(os) nas redes” (p. 136). O vínculo, nesse sentido, pode ser enfraquecido não somente entre os pares, mas também com os próprios pacientes.

Em um cenário em que a psicoterapia encontra-se cada vez mais atravessada pelo digital e pelos preceitos capitalistas que este carrega, cabe refletirmos sobre as implicações da individualização de uma profissão que se constrói e se sustenta de forma coletiva. A edificação

de uma comunidade de destino, onde o suporte e a confiança se entrelaçam, torna-se um desafio em um ambiente saturado por exposição e competição.

6.8. O Que Tem De Específico Em Ser Psicoterapeuta Fenomenológico-Existencial?

“A sensação é que a gente faz um esforço muito maior para ser essa profissional, de bancar a fenomenologia, bancar esse lugar.” (Karina)

“É um pouco solitário, sabe? Porque a fenomenologia nunca foi um lugar óbvio para quem não trabalha com essa perspectiva.” (Talia)

Neste tópico, percorremos a importância da tríade psicoterapêutica — psicoterapia pessoal, supervisão e formação continuada -, na construção das psicoterapeutas; pelos desafios e investimentos do início de uma carreira em consultório particular; pela susceptibilidade à precarização do ofício diante da necessidade de fazer da clínica psicoterápica uma fonte de renda sustentável para a profissional; pelas mudanças que a pandemia e os avanços tecnológicos trouxeram para a profissão; e, por fim, pela importância da formação de uma rede de identificação que sustente os desafios e a solidão inerente da prática clínica. Obviamente, tais aspectos não são exclusivos de psicoterapeutas fenomenológico-existenciais; apesar de terem sido relatados por esse grupo de pessoas, podem ser compartilhados entre profissionais de outras abordagens teóricas da psicologia. Então, quais especificidades são vividas pelas profissionais que optaram pela perspectiva fenomenológico-existencial? As narradoras desta pesquisa encontraram relevo da abordagem escolhida, especialmente, em dois aspectos: o esforço de precisar nadar contracorrente diante das solicitações da contemporaneidade e a carência de representatividade da abordagem — o que, veremos, podem ser aspectos que se alimentam entre si.

Não por acaso, retornamos ao tema trabalhado no primeiro capítulo desta dissertação — *“Remar contra a maré: perspectiva fenomenológico-existencial como fundamento teórico na contemporaneidade”* — de forma mais aprofundada, percorremos neste capítulo as demandas da contemporaneidade que preza por práticas e conhecimentos que possam ser quantificados, previsíveis e, de preferência, com uma agilidade que traduz o que se entende por eficácia. Neste cenário, a perspectiva fenomenológico-existencial se coloca como um contraponto que não nega a existência dessas solicitações modernas, mas as questiona e, de certa forma, resiste a elas. Segundo Dutra (2013), é comumente relatado por supervisores e aprendizes de psicoterapeutas, no exercício da prática clínica, a sensação de caminhar na contramão de uma tendência contemporânea que a psicologia tem se inserido: um afastamento do campo da filosofia e a adoção de um paradigma científico que adota critérios de rigor e objetividade.

Na cultura contemporânea, regida pelos avanços científicos e pelos aparatos técnicos, a psicologia busca consolidar os seus espaços no universo científico. Uma vez encontrando-se fundamentada, historicamente, no paradigma científico tradicional das ciências naturais, cria a exigência de uma clínica psicológica que atenda aos critérios de cientificidade adotados por ela (Dutra, 2013, p. 207).

Ao assumir uma abordagem de trabalho que não se propõe a seguir tais critérios de cientificidade — como as abordagens cognitivo-comportamentais — ou se apresenta de forma distinta, como a psicanálise, que já se consolidou culturalmente ao longo das décadas, a perspectiva fenomenológico-existencial encontra um desafio particular: a descrença motivada pelo desconhecimento dos pares e do público leigo. Questiona-se se as psicoterapeutas fenomenológico-existenciais são capazes de assumir determinadas demandas, exige-se que estas dominem práticas ou técnicas inerentes de outras vertentes psicológicas e solicita-se uma postura contrária à atitude fenomenológica: o modo-de-ser em que a psicóloga “não diagnostica

nem interfere; mas posiciona de modo que aquele que está dizendo alguma coisa ganhe voz em si mesmo” (Feijoo, 2011, p. 135).

Tais desafios não se revelam apenas em ocasiões individuais com pacientes, clientes, colegas de trabalho, mas, aparece também de forma institucionalizada, seja diante de exigência de contratantes ou nos trâmites burocráticos de operadoras de planos de saúde. Oliveira (2018) descreve que, nos planos de saúde, o próprio ponto de partida do atendimento psicoterápico já indica um conceito de saúde que se distancia de abordagens de correntes humanistas e psicanalíticas:

Nesse cenário, onde o diagnóstico é a porta de entrada para o atendimento psicoterápico, a doença — ou pelo menos a burocracia que rege esse sistema, que funciona a partir da lógica da doença — parece se estabelecer como um prescrito soberano, que desabilita todos os demais. Falamos em promoção de saúde, trabalhamos como a psicoterapia tem como enfoque a promoção da saúde, mas ela é colocada em um lugar onde a doença é o personagem principal (p. 85).

A tensão não se restringe apenas à exigência de um rótulo diagnóstico para a cobertura de planos de saúde; ela se manifesta também em indicações mais explícitas que promovem um apelo mercadológico à produtividade. Conforme aponta Guimarães *et al.* (2023):

A marca de nosso tempo também vem impressa no encaminhamento comum do psiquiatra para uma Terapia Cognitiva-Comportamental, como a promessa de um processo rápido e eficiente. O psicólogo é solicitado a responder a essa demanda com eficiência, o que pode gerar no terapeuta fenomenológico-existencial o sentimento de “remar contra a maré” e de solidão (p. 6).

Assim, não parece despropositado afirmar que a carência de representatividade e de docentes fenomenológico-existenciais nas instituições de ensino, frequentemente mencionada pelas narradoras, seja influenciada, por um lado, pelo fato de essa abordagem não estar

sedimentada culturalmente como a psicanálise — amplamente retratada em diversas expressões artísticas — e, por outro, por sua distinção em relação às abordagens cognitivo-comportamentais, que se alinham com as demandas de resultados mensuráveis e padronizados.

Nesse sentido, para aqueles que não estão familiarizados com essa perspectiva, o campo fenomenológico-existencial pode não parecer um lugar óbvio, o que torna a trajetória dessas profissionais ainda mais desafiadora e, muitas vezes, solitária. A falta de reconhecimento por parte do universo acadêmico e a escassez de interlocução com colegas que compartilham uma visão semelhante podem intensificar o sentimento de isolamento, como se suas vozes ecoassem em um espaço vazio e, conseqüentemente, as dificuldades na formação da psicoterapeuta, ao passo que ressalta a importância do cultivo de uma comunidade coesa e solidária, onde as experiências e reflexões possam continuar a fortalecer e florestar a perspectiva fenomenológico-existencial na contemporaneidade.

7. Considerações Finais

A semente desta investigação foi plantada pela minha experiência pessoal como psicoterapeuta iniciante, mas, ao longo do caminho, o que parecia algo familiar revelou-se apenas uma porta aberta, desvelando horizontes e compreensões que ultrapassaram o que eu havia imaginado. Nesta pesquisa, me propus a investigar a experiência de psicoterapeutas em início de carreira que optaram por ter como horizonte de trabalho a perspectiva fenomenológico-existencial.

O questionamento sobre a escolha desse recorte teórico surgiu em diversos momentos: faria sentido optar por um nicho específico quando todas as psicoterapeutas estão inseridas no mesmo mercado de trabalho? Os desafios profissionais não seriam, em última instância, os mesmos para todas? Adotei, então, a postura de uma boa estudante de psicologia e respondi 'depende', assumindo os riscos de uma escolha que poderia se revelar infrutífera. O primeiro capítulo teórico “*Remar contra a maré: perspectiva fenomenológico-existencial como fundamento teórico na contemporaneidade*” busca explorar o modo como a literatura apresenta uma perspectiva de enxergar o mundo que, em muitos momentos, se coloca na contramão dos pressupostos atuais.

No entanto, ao elaborar os capítulos seguintes, '*O início do processo de tornar-se psicoterapeuta*' e '*Psicoterapia como profissão*', deparei-me, de fato, com reflexões que poderiam ser reconhecidas por profissionais de diferentes abordagens. Foi no caminho que compreendi que esta resposta não estava comigo e sim com o fenômeno investigado: as psicoterapeutas iniciantes. Assim, iniciei a seleção dos participantes e entrevistas com psicólogas(os) que se identificam com a perspectiva fenomenológico-existencial.

As experiências compartilhadas generosamente por Talia, Roberto, Karina e Helena nos apresentam um tornar-se psicoterapeuta que necessita estar em constante formação e que se traduz em um cuidado consigo e com os outros, desde estar em supervisão, submeter-se ao

próprio processo psicoterapêutico e estar em constante aprimoramento teórico. Revelam a face de uma profissional que precisa da serenidade e confiança para estar na relação terapêutica, ao mesmo tempo que passa por desafios profissionais, inseguranças, perdas pessoais e transformações na profissão.

As dificuldades no início de uma psicoterapeuta não se apresentam apenas no tornar-se psicoterapeuta, mas também no manter-se psicoterapeuta. Nos aventuramos em uma profissão que requer um constante investimento, tanto pessoal quanto financeiro, e que nem sempre tem o retorno quando esperado e quando necessário. Para atender às demandas do mercado e do capitalismo, o profissional precisa, muitas vezes, se reinventar e se adaptar à sua realidade. Essa manutenção e adaptação pode se dar de várias formas, desde jornadas duplas ou triplas, vinculações profissionais frágeis, abdicação de recursos necessários para a própria formação e submissão às exigências do digital. Para se manter como psicoterapeuta, muitas vezes é preciso ser muito mais do que apenas psicoterapeuta.

A pandemia também se mostra um atravessamento relevante na construção da carreira das profissionais. Não somente a possibilidade do atendimento online foi aberta, mas também a de formação à distância e a imposição subentendida de uma presença digital que atenda às exigências de um produto/serviço mercadológico. Algumas profissionais tiveram o início de carreira paralisada, mesmo que brevemente, pelo início do isolamento social e, mesmo Helena, a única que se formou após o período pandêmico, relata atravessamentos tanto na graduação quanto na prática profissional em que o online já era um caminho óbvio.

Uma profissão que, no dia a dia, se exerce de forma solitária revela-se como uma autêntica comunidade de destino. Uma psicoterapeuta não trabalha sozinha. Nos bastidores do *setting terapêutico* está acompanhada de colegas em grupos de supervisão e de estudo, da própria supervisora, de professores, da sua psicoterapeuta e de colegas e amigos que, por indicação, trocas e apoio mútuo, sustentam sua clínica.

O último tópico do sexto capítulo, “*O que tem de específico em ser psicoterapeuta fenomenológico-existencial?*”, se volta para os questionamentos iniciais da pesquisa: quais as implicações de optar por esta perspectiva teórica em um mercado homogêneo, onde desafios profissionais parecem universais? Ao optar por uma abordagem pouco hegemônica como horizonte de trabalho, as participantes narram um árduo esforço em “remar contra a maré”, enfrentando uma jornada por vezes solitária, devido à ausência de reconhecimento em uma sociedade neoliberal e de uma psicologia contemporânea que privilegia a produtividade e a previsibilidade de resultados.

Ao longo desta pesquisa, foi possível nos aproximarmos da experiência de psicoterapeutas fenomenológico-existenciais no início de suas carreiras para além das descrições dos desafios enfrentados, mas também oferecendo reflexões sobre as reconfigurações que a profissão de psicoterapeuta vem enfrentando. O *setting terapêutico* continua se transformando, o que se espera da psicoterapia continua se transformando, os requisitos para a construção de carreira continuam se transformando. Logo, falamos aqui de um recorte que não é apenas sobre abordagem teórica, mas também um recorte temporal, de profissionais formadas entre 2018 e 2023, porque a transformação continua.

Este estudo visa contribuir com reflexões sobre a formação de psicoterapeutas ao evidenciar a necessidade de preparar profissionais para os desafios concretos do mercado de trabalho antes que sejam lançados a ele. Reconhecendo que a formação acadêmica tradicional, frequentemente, privilegia os fundamentos teóricos em detrimento de uma preparação mais prática e contextualizada, esta pesquisa ressalta a importância de integrar, desde a graduação, estratégias que favoreçam a construção de uma identidade profissional sólida e a familiaridade com as dinâmicas do início da carreira.

Trata-se de um esforço em considerar o percurso de formação não apenas como uma soma de teorias e técnicas, mas como um processo contínuo de desenvolvimento, que inclui a

compreensão crítica do lugar que o psicoterapeuta ocupará no cenário contemporâneo e a capacidade de lidar com as demandas, limitações e potencialidades de uma prática predominantemente autônoma e atravessada por transformações sociais e culturais.

Nunca houve, neste trabalho, a intenção de sugerir um caminho para um suposto “sucesso profissional” pautado por agendas lotadas, tampouco desmotivar jovens psicoterapeutas que buscam trilhar essa trajetória. Contudo, seria ingenuidade ignorar que a psicoterapia não é apenas um serviço elitizado — uma parte considerável da população é impossibilitada de acessar esse cuidado —, mas também uma profissão que, em muitos aspectos, se configura como elitizada, com barreiras que dificultam o acesso e a equidade na formação e prática.

Embora esta pesquisa tenha se dedicado a se aproximar da experiência da construção de carreiras de psicoterapeutas fenomenológico-existenciais, é necessário reconhecer suas limitações. A carência de participantes da região Norte, Nordeste e Centro-Oeste é um ponto de extrema relevância, especialmente quando se trata de uma profissão que é atravessada por fatores regionais, culturais e sociais; portanto, aspectos fundamentais dessas realidades podem não ter sido adequadamente representados. A falta de um recorte de gênero é outro aspecto relevante que poderia ser explorado em estudos futuros, visto que se trata de uma profissão representada majoritariamente por mulheres, as que comumente são retratadas como as principais responsáveis pelos cuidados domésticos e familiares (Braga *et al.* 2019), o que poderia impactar no início e continuidade da profissão para psicoterapeutas mães, por exemplo.

Considero tais limitações do tema, devido às escolhas necessárias sobre quais caminhos percorrer, bem como o término desta pesquisa, não como um fim. Prefiro compreendê-las como o que Pompeia e Sapienza (2018) chamam de desfecho, ou melhor, “des-fecho” que diz de algo que “ao mesmo tempo que encerra, fecha, também é abertura. Quando ele ocorre tudo começa ou de novo, ou outra vez” (p. 52-53). O desfecho desta pesquisa não encerra o tema, pois

falamos de uma profissão que está em constante mudança, de uma carreira que é repleta de nuances que estão sempre abrindo e/ou fechando caminhos na jornada de tornar-se e manter-se psicoterapeuta, reflexões que podem ser ampliadas em estudos futuros.

Referências Bibliográficas

- Alves, P. C., Rabelo, M. C. & Souza, I. M. (2014). Hermenêutica-fenomenológica e compreensão nas ciências sociais. *Revista Sociedade e Estado*, 29 (1), 181-198.
<https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100010>.
- Andrade, C. C. (2010). Carta a uma jovem psicoterapeuta. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(2), 222-225. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200013&lng=pt&tlng=pt.
- Antunes, R. (2018). *O Privilégio da Servidão: o Novo Proletariado de Serviços na era Digital*. Boitempo.
- Barbosa, A. M. e S. (2011). O empreendedor de si mesmo e a flexibilização no mundo do trabalho. *Revista de Sociologia e Política*, 19(38), 121–140.
<https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000100008>.
- Barletta, J. B., Delabrida, Z. N. C., & Fonsêca, A. L. B. (2011). Conhecimento, habilidades e atitude em TCC: percepção de terapeutas iniciantes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 7(1), 21-29. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20110005>.
- Bastos, A. V. B., Gondim, S. M., & Borges-Andrade, J. E. (2010) O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In Bastos, A. V. B. & Gondim, S. M. G (Orgs.), *O trabalho do Psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed, pp. 419-444.
- Boris, G. D. J. B. (2008a). O caso Vera: análise fenomenológico-existencial de uma experiência “fracassada” ou dos dilemas e dos impasses dos psicoterapeutas iniciantes. *Estudos e*

- Pesquisas em Psicologia*, 8(2), 358-383. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10749>.
- Boris, G. D. J. B. (2008b). Versões de sentido: um instrumento fenomenológico-existencial para a supervisão de psicoterapeutas iniciantes. *Psicologia Clínica*, 20(1), 165-180. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Braga, N. L., Araújo, N. M. & Maciel, R. H. (2019). Condições do trabalho da mulher: uma revisão integrativa da literatura brasileira. *Psicol. teor. prat.* [online], vol.21, n.2, pp. 232-251. <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v21n2p232-251>.
- Bruns, M. A. T. (2011). Psicoterapeutas iniciantes: os desafios das diversidades afetivo-sexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1), 64-74. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Calligaris, C. (2019). *Cartas a um jovem terapeuta*. Planeta do Brasil.
- Cardella, B. H. P. (2021). Caminhando na escuridão: o Cuidado do Psicoterapeuta em tempos de Pandemia. In Cardoso, C. L., Giovanetti, J. P. & Evangelista, P. E. R. A. (Orgs.), *Cuidados em tempos de distanciamento social*. Belo Horizonte: Artesã, pp. 115-130.
- Cardinalli, I. E. (2015). Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). *Psicologia USP*: 26(2). <https://doi.org/10.1590/0103-656420135013>.
- Casanova, M. A. (2015). *Compreender Heidegger*. Editora Vozes.

- Celidonio, G. F. (2007). *Vocês são quantos no mundo? — Daseinsanalyse e a formação em psicologia: reflexões sobre uma experiência com o ensino da disciplina Tópicos Especiais em Psicoterapia*. [Dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasil. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/1352>.
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2020). *CFP simplifica cadastro de profissionais na plataforma e-Psi*. <https://site.cfp.org.br/cfp-simplifica-cadastro-de-profissionais-na-plataforma-e-psi/>.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022a). *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho — Volume I: formação e inserção no mundo do trabalho*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022b). *Quem faz a psicologia brasileira?: um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho — Volume II: condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social*. Brasília: CFP.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022c). *Psicoterapia: resultados de consulta pública orientam ações do CFP*. Recuperado em 01 de novembro de 2023, em <https://site.cfp.org.br/psicoterapia-resultados-de-consulta-publica-orientam-acoes-do-cfp/>.
- Conselho Federal de Psicologia. (2022d). *Reflexões e orientações sobre a prática da Psicoterapia*. Brasília: CFP.

- Conselho Federal de Psicologia. (2023). *Tabela de referência nacional de honorários dos psicólogos em reais*. <https://site.cfp.org.br/servicos/tabela-de-honorarios/>.
- Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná. (2013). *Dilma veta principais pontos do Ato Médico*. <https://www.crmpr.org.br/Dilma-veta-principais-pontos-do-Ato-Medico-11-10592.shtml>.
- Cordeiro, J. H., & Lima, D. M. A. (2016). Os primeiros atendimentos de um psicólogo em formação: uma compreensão fenomenológico-existencial da narrativa. *IGT na Rede*, 13(24), 37-59. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262016000100004&lng=pt&tlng=pt.
- Cordovil, J. B, Vieira, E. M., Alves, V. L. P., Pinheiro, F. P. H. A., & Rodrigues, C. S. D. (2021). Alteridade na prática da abordagem centrada na pessoa a partir de versões de sentido de terapeutas iniciantes. *Contextos Clínicos*, 14(2), 386-409. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2021.142.02>.
- Clini, M. M. (2016). *Contemplações entre arte e clínica: por uma presença fenomenológico-hermenêutica*. [Tese de doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.47.2016.tde-08082016-124840>.
- Critelli, D. M. (1981). *Educação e dominação cultural: tentativa de reflexão ontológica*. Cortez Editora.
- Critelli, D. (2006). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. Editora Brasiliense.
- Dicionário Online de Português. (n.d.). Plantar. Em *Dicio*. <https://www.dicio.com.br/plantar/>.

- Duarte, A. R. N. (2013) *Reflexões sobre a formação clínica fenomenológico-existencial na era da técnica*. [Dissertação de mestrado]. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17351>.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online]. 2002, v. 7, n. 2. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200018>.
- Dutra, E. (2009). Parâmetros técnicos e éticos para a formação do psicoterapeuta: alguns apontamentos. In *Conselho Federal de Psicologia, Ano da Psicoterapia. Textos Geradores*. Brasília: CFP, pp-57-67. <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2009/05/Ano-da-Psicoterapia-Textos-geradores.pdf>.
- Dutra, E. (2013). Formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial: dilemas e desafios em tempos de técnicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(2), 205-211. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200008&lng=pt&tlng=pt.
- Dutra, E. (2019). Daseinsanálise nos dias atuais: reinventando a clínica psicológica na era da técnica. In Feijoo, A. M. L. C. & Lessa, M. B. M. F. (Orgs.), *Daseinsanálise hoje*. Rio de Janeiro: IFEN, pp. 49-64.
- Evangelista, P. E. R. A. (2015). *O que pode um psicólogo fenomenológico-existencial: Questionamentos e reflexões acerca de possibilidades da prática do psicólogo fundamentadas na ontologia heideggeriana*. [Tese de doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <https://doi.org/10.11606/T.47.2016.tde-23022016-124936>.

- Evangelista, P. E. R. A. (2016). Algumas reflexões acerca da psicoterapia daseinsanalítica com pacientes psiquiátricos. *Psicologia Revista*, 25(1), 59–75. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/29611>.
- Evangelista, P. E. R. A. (2020). Daseinsanalyse em tempos de crise. In Dutra, E. (Org.), *Sofrimento, existência e liberdade em tempos de crise: palestras apresentadas no II Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial e II Encontro Nacional do GT de Psicologia & Fenomenologia — Anpepp*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Via Verita.
- Ferreira Neto, J. L. (2004). *A formação do psicólogo: Clínica, social e mercado*. Escuta/FUMEC/FCH.
- Figueiredo, L. C. (1993). Sob o signo da multiplicidade. *Cadernos de Subjetividade*, 1(1), 89–95. DOI: <https://doi.org/10.2354/cs.v1i1.38112>.
- Figueiredo, L. C. M. (2009). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. Petrópolis: Vozes.
- Fleming, V., Gaidys, U. & Robb, Y. (2003). Hermeneutic research in nursing: developing a Gadamerian-based research method. *Nursing Inquiry*, 10(2): 113–120. <https://doi.org/10.1046/j.1440-1800.2003.00163.x>.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R.. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos De Saúde Pública*, 24(1), 17–27. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.

- Freud, S. (2017). Sobre o início do tratamento (1913). In *Obras incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da Clínica Psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, pp. 121-149.
- Gemino, A. M. (2014). *Por uma ontologia da experiência clínica*. [Tese de doutorado]. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense.
- Gomes, A. K. S., & Reis, M. E. B. T. (2022). Emoções vivenciadas pelos psicoterapeutas-aprendizes nos serviços-escolas: uma leitura psicanalítica. *Psicologia Em Estudo*, 27. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v27i0.48423>.
- Gross, C., & Teodoro, M. L. M. (2009). A cobrança de honorários na prática clínica. *Psicologia Clínica*, 21(2), 315–328. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652009000200005>.
- Guimarães, F. C. L. (2021). *A formação do psicólogo clínico fenomenológico-existencial: o cultivo de um modo de ser-no-mundo?*. (Dissertação de mestrado). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33276>.
- Guimarães, F. C. L., Dutra, E., & Azevedo, A. K. S. (2023). A Formação do Psicólogo Clínico Fenomenológico-Existencial: Cultivo de Um Modo de Ser-no-Mundo. *Revista Subjetividades*, 23(1). <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23i1.e13080>.
- Guimarães Júnior, S. D., Oliveira, V. R. & Matos, A. A. (2017). Precarização do trabalho e efeitos subjetivos: interlocuções entre práticas de pesquisa. *Psicologia Política*, 17(39), p. 304-317. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2017000200009 &script=sci_abstract.
- Han, B. C. (2017a). *Sociedade da transparência*. Vozes.
- Han, B-C. (2017b). *Sociedade do cansaço*. Vozes.

- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Editora Ayiné.
- Han, B-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais — Uma topologia do presente*. Editora Vozes.
- Heidegger, M. (2002). *Ser e tempo: Partes I e II* (M. S. C. Schuback, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1927)
- Heidegger, M.. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*, 5(3), 375–398.
<https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>.
- Heloani, R., Macêdo, K. B., & Cassiolato, R. (2010). O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In Bastos, A. V. B, & Gondim, S. M. G (Orgs.), *O trabalho do Psicólogo no Brasil*. Artmed, pp. 107-130.
- Lazzarini, E. R., Viana, T. de C., & Veludo, C. M. B. . (2021). A supervisão na formação do psicoterapeuta. *Revista Brasileira De Psicodrama*, 16(1), 121–130.
<https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/529>.
- Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. (1962). Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo.
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4119.htm.
- Lei n. 11.788, de 25 de setembro de 2008. (2008). Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art.

6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm.

Lei nº 12.842, de 10 de julho de 2013. (2013). Dispõe sobre o exercício da Medicina.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12842.htm.

Lima, L. P. (2016). Psicoterapia para psicoterapeutas: luxo, obrigação ou necessidade? *IGT rede* [online]. vol.13, n.24, 60-84, ISSN 1807-2526.

Machado, R. L. (2010). O caminho inicial de uma jovem terapeuta diante dos desafios do manejo da transferência: vivências contratransferenciais à luz da clínica winnicottiana.

Winnicott e-prints, 5(1), 1-17.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000100003&lng=pt&tlng=pt.

Maia, J. V. M., Freire, J. C., & Oliveira, M. A. (2012). “Versando sentidos” sobre o processo de aprendizagem em gestalt-terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 179-187.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200008&lng=pt&tlng=pt.

Mendes, J. P. S., Gressler, S. K. A. B., & Freitas, S. M. P. (2012). Ser psicoterapeuta: reflexões existenciais sobre vivências de estagiários-terapeutas iniciantes. *Revista da Abordagem Gestáltica*,

18(2), 136-143.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672012000200003&lng=pt&tlng=pt.

Milhano, A. (2024), Do ruído do “enxame” ao silencioso “deserto real”: a digitalização do mundo e as suas contrapartidas existenciais. In Dutra, E. (Org.), *Fenomenologia*

existencial e o habitar na contemporaneidade: de sofrimentos silenciados a possibilidades de ser. Juruá, pp. 89-104.

Moreira, S. B. S. (2003). Descrição de algumas variáveis em um procedimento de supervisão de terapia analítica do comportamento. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 16(1), 157–170. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000100016>.

Motta, G. G. (2022). *A produção de sentidos do psicoterapeuta inserido na economia de plataforma: uma análise a partir da Psicologia Sócio-Histórica*. [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/32204>.

Nunes, B. (2002). *Heidegger & Ser e Tempo*. Jorge Zahar Ed.

Nunes, A. P. (2015). *O estágio de atendimento nos anos iniciais: experiência com plantão psicológico*. [Tese de doutorado]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. <http://doi.org/10.11606/T.47.2015.tde-29092015-173657>.

Nunes, A. P. (2024). A narrativa como método de pesquisa: modo de realização a partir da experiência em plantão psicológico. In Morato, H. T. P. & Evangelista, P. E. R. A. (Orgs.), *Psicologia fenomenológica hermenêutica: questões contemporâneas*. Artesã, pp. 19-46.

Oliveira, V. R. (2018). *ATENDIMENTOS ESTILO DRIVE-THRU: o trabalho de psicoterapeutas em clínicas de plano de saúde*. [Dissertação de mestrado]. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Perosa, M. A. Y. & Pucci, D. (2018). *Histórias de uma supervisão: exercícios de compreensão clínica daseinsanalítica*. Escuta.

Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Via Verita.

Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2018). *Na presença do sentido*. EDUC/ABD.

Queiroz, L. B., & Vandenberghe, L. M. A. (2023). Efeitos da Relação Supervisor-Supervisionando sobre a Qualidade da Supervisão e o Alcance dos seus Resultados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 24, 1–15. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1791>.

Resolução CFP nº 3, de 12 de fevereiro de 2007. (2007). Institui a Consolidação das Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. <https://atosoficiais.com.br/cfp/>.

Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018. (2018). Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. <https://atosoficiais.com.br/cfp/>.

Resolução CFP nº 04, de 26 de março de 2020. (2020). Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. <https://atosoficiais.com.br/cfp/>.

Resolução CFP nº 13, de 15 de Junho de 2022. (2022). Dispõe sobre diretrizes e deveres para o exercício da psicoterapia por psicóloga e por psicólogo. <https://atosoficiais.com.br/cfp/>.

Resolução CFP nº 09, 18 de julho de 2024. (2024). Regulamenta o exercício profissional da Psicologia mediado por Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) em território nacional e revoga as Resolução CFP nº 11, de 11 de maio de 2018, e Resolução CFP nº 04, de 26 de março de 2020. <https://atosoficiais.com.br/cfp/>.

- Rodrigues, G. C. S. (2024). *Habitar e cuidar do corpo: leitura fenomenológica-hermenêutica e vivências body positive*. [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Roehe, M. V., & Dutra, E. (2014). Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 32(1), 105-113. DOI: [dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07](https://doi.org/10.12804/apl32.1.2014.07).
- Sá, R. N., Azevedo Junior, O., & Leite, T. L. (2010). Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 16(2), 135-140. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200002&lng=pt&tlng=pt.
- Sá, R. N. de ., & Barreto, C. L. B. T.. (2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. *Estudos De Psicologia* (Campinas), 28(3), 389–394. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2011000300011>.
- Sá, R. N. (2016). Contribuições da fenomenologia hermenêutica para uma meditação sobre o sentido da psicoterapia. In Morato, H. R. P. & Evangelista, P. E. R. A. (Orgs.), *Fenomenologia existencial e prática em psicologia (Colóquios LEFE)*. Via Verita, pp. 33-44.
- Sá, R. N. (2017). *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. Via Verita.
- Sant'Anna, G. S. (2022). *As psicoterapias humanistas e existenciais e o pagamento em dinheiro: qual é o preço da relação terapêutica?* [Dissertação de mestrado]. Instituto

de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/18111>.

Santiago, C. E. P., & Vasconcelos, A. M. N.. (2017). Do catador ao doutor: um retrato da informalidade do trabalhador por conta própria no Brasil. *Nova Economia*, 27(2), 213–246. <https://doi.org/10.1590/0103-6351/2588>.

Santos, G. C., & Evangelista, P. E. R. A. (2022). A prática psicológica da daseinsanalyse de Bilê Tatit Sapienza. *Psicologia em Revista*, v. 28, pp. 01-19.
<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2022v28n0p01-19>.

Santos, G. C. & Evangelista, P. E. R. A. (2023). O vínculo afetivo na psicoterapia online sob uma perspectiva daseinsanalítica. In Cardoso, C. L., Giovanetti, J. P. & Evangelista, P. E. R. A. (Orgs.), *Sofrimento existencial e clínica psicológica: ensaios e pesquisas sobre atendimento online*. Artesã, pp. 111-147.

Sapienza, B. T. (2004). *Conversa sobre terapia*. EDUC; Paulus.

Sapienza, B.T. (2015). *Encontro com a Daseinsanalyse: a obra de Ser e Tempo, de Heidegger, como fundamento da terapia daseinsanalítica*. Editora Escuta.

Schmidt, M. L. S. (2009). O nome, a taxonomia e o campo do aconselhamento psicológico. In Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. (Orgs.), *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial*. Guanabara Koogan.

Silva, D. S., Veiga, H. M. S. & Cortez, P. A. (2021). Motivações, desafios e dificuldades vivenciados por psicólogos empreendedores: Estudo qualitativo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 41, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207747>.

- Silva, M. C. R. F. (2022). *Plantão Psicológico na UFMG: história de um serviço*. [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG, Brasil. <http://hdl.handle.net/1843/45028>.
- Sionek, L., Assis, D. T. M., & Freitas, J. de L.. (2020). “Se eu soubesse, não teria vindo”: Implicações e desafios da entrevista qualitativa. *Psicologia em Estudo*, 25, e44987. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v25i0.44987>.
- Túbero, A. S., & Rocha, R. M. G. (2020). Os bastidores da psicoterapia: descrição de sentidos e a supervisão clínica na abordagem fenomenológica humanista. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 26(spe), 370-381. <https://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.2>.
- Velloso, E. D. (1982). A psicologia clínica no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34(1), 21-36. <https://periodicos.fgv.br/abp/article/view/18652>.
- Vieira, E. M., Bezerra, E. N., Pinheiro, F. P. H. A., & Branco, P. C. C. (2018). Versão de sentido na supervisão clínica centrada na pessoa: alteridade, presença e relação terapêutica. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(1), 63-76. <https://dx.doi.org/10.20435/pssa.v9i1.375>.
- Yalom, Y. D. (2006). *Os desafios da terapia*. Ediouro.

APÊNDICE I

Roteiro de entrevista

1. Como foi sua relação com a psicoterapia durante a graduação?
2. Quais eram suas expectativas com relação ao início de carreira durante a graduação?
Você acredita que está vivendo elas?
3. Quais maiores dificuldades você considera que enfrentou na entrada do mercado de trabalho?
4. Você considera que teve oportunidades que facilitaram o processo de tornar-se psicoterapeuta?
5. Como foi sua escolha pela perspectiva fenomenológico-existencial?
6. Você acredita que teve particularidades do início de carreira devido à abordagem que elegeu?
7. A pandemia da COVID-19 interferiu no seu percurso de alguma maneira? Como?
8. Você atende presencial ou *online*? Quais os motivos dessa sua escolha?
9. Você se preparou para os custos do início da vida profissional?
10. Você recebeu informações na sua graduação sobre a prática profissional liberal?
11. Como você elaborou um valor para sua remuneração?
12. De onde provêm os recursos que viabilizam a sua clínica?
13. Quanto você gasta (valor aproximado) com a manutenção do seu consultório?
14. Você se sente bem remunerado?
15. O que você acredita que te ajudou no início da carreira de psicoterapeuta?
16. Se pudesse dar um conselho a uma(um) recém-formada(o) que pretendesse atuar na clínica psicoterápica, qual seria?

APÊNDICE II

Formulário de Inscrição do Google Forms

26/11/24, 13:07

Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais

Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais

Pesquisa de Mestrado em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais. Tem como objetivo compreender as experiências, os desafios e as adaptações enfrentadas por psicoterapeutas fenomenológico-existenciais nos primeiros anos de sua prática profissional.

gisleide.scosta@gmail.com [Mudar de conta](#)



* Indica uma pergunta obrigatória

Enviar por e-mail *



Registrar gisleide.scosta@gmail.com como o e-mail a ser incluído na minha resposta

Nome completo

Sua resposta

Número de registro no CRP (necessário estar ativo)

Sua resposta

Você se formou em qual ano?

Sua resposta



26/11/24, 13:07

Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais

Se identifica com a abordagem fenomenológico-existencial?

Sua resposta

Qual sua instituição de formação? (graduação e/ou pós-graduação)

Sua resposta

Qual sua cidade/estado de atuação?

Sua resposta

Tem interesse em participar da pesquisa?

Os riscos pela participação são baixos, porém, é possível que os depoimentos suscitem lembranças desconfortantes ou constrangedoras. O consentimento para participação é facultativo e pode ser retirado a qualquer momento do processo.

☐ Sim

☐ Não

Telefone/WhatsApp para contato

Sua resposta

Enviar

Limpar formulário

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Does this form look suspicious? [Relatório](#)



Google Formulários



APÊNDICE III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este é um convite para participar da pesquisa intitulada “Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogos(os) fenomenológico-existenciais”, que está sendo desenvolvida pela pesquisadora Gisleide da Costa Santos, sob orientação do Prof. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Minas Gerais. O objetivo da pesquisa é analisar a experiência daqueles que decidiram iniciar a carreira profissional na psicoterapia e que estão, portanto, nos primeiros anos de prática psicoterápica, se havendo com as questões que envolvem a inserção no mercado de trabalho e a formação profissional.

Caso decida aceitar o convite, sua participação consistirá em uma entrevista com perguntas que envolvem a construção da sua carreira de psicoterapeuta, como a formação, inserção e manutenção no mercado de trabalho. A coleta dos depoimentos acontecerá individualmente de maneira *online*, na plataforma *Zoom/Microsoft Teams*, com a presença da pesquisadora. Não há um tempo definido para a realização do encontro, mas estima-se que a duração seja de uma hora e meia a duas horas. A data e o horário de encontro serão informados e combinados, via e-mail, após o aceite deste termo de consentimento livre e esclarecido. Durante o segundo semestre letivo de 2024, você será novamente convidada(o) a participar da validação dos dados, ocasião em que ouvirá as análises preliminares e poderá corrigir, acrescentar e expandir o informado na primeira entrevista.

Os depoimentos serão gravados com áudio e imagem, por meio dos recursos da plataforma utilizada, e serão, posteriormente, transcritos. Ressalta-se que tanto o áudio quanto a imagem serão utilizadas e visualizadas apenas pela equipe de pesquisa. Trechos da transcrição dos depoimentos poderão ser usados em publicações derivadas da pesquisa, preservando a sua identidade.

As atividades descritas previamente e todos os dados coletados serão utilizados especificamente para os propósitos da pesquisa, para fins acadêmicos e científicos. Os dados ficarão armazenados no Laboratório de Análise de Processos em Subjetivação (LAPS) da FAFICH/UFMG, com os responsáveis por este projeto. Após 5 anos da conclusão da pesquisa todos os dados serão destruídos.

A participação na pesquisa é voluntária e não implica em custos, nem oferecerá qualquer tipo de remuneração. Estima-se que essa participação poderá promover reflexões sobre as possibilidades, potencialidades e desafios da carreira de psicoterapeuta. Apesar de oferecer baixo risco às participantes, é possível que os depoimentos suscitem lembranças que tragam algum sofrimento. Caso sinta desconforto ou constrangimento durante a coleta do depoimento ou pelas análises realizadas pela equipe de pesquisa, poderá interromper, de forma imediata, a sua participação, como também desistir, sem qualquer penalidade ou prejuízo. Caso sinta necessidade, colocamo-nos à disposição para oferecer-lhe atendimento em aconselhamento psicológico no serviço atual de Plantão Psicológico no SPA, coordenado pelo orientador do pesquisador responsável. Em caso de danos provenientes da pesquisa, você poderá buscar indenização nos termos da Res.466/12.

A pesquisa seguirá todos os preceitos éticos estabelecidos na Resolução 466/12 e Resolução 510/2016, ambas do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa. A pesquisa foi aprovada pela diretoria da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, pelo colegiado do Departamento de Psicologia e pelo Comitê de Ética da UFMG (COEP-UFMG), CAAE 77463724.3.0000.5149.

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com os pesquisadores. Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa também poderão ser apresentadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG. Todos os contatos estão indicados no final do presente termo.

Além de sua via, você receberá, por e-mail, uma cópia deste TCLE assinado pelos pesquisadores. A assinatura deste termo autoriza simultaneamente a gravação em áudio e vídeo e a transcrição do áudio. Em anexo, há uma autorização para a gravação de imagem para posterior análise de comunicação não-verbal.

1) Aceito participar da entrevista individual com o pesquisador principal desta pesquisa no local, dia e horário a combinar. Haverá gravação da conversa em áudio e vídeo para posterior transcrição. Estou ciente de que o encontro terá duração aproximada de uma hora e meia a duas horas.

2) Aceito disponibilizar o material construído a partir da entrevista para exposição, total ou parcial, em eventos acadêmicos e científicos, sendo resguardado meu anonimato.

CONSENTIMENTO

Considerando que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, da possibilidade de retirar minha participação sem danos ou sanção em qualquer tempo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa “Tornar-se psicoterapeuta: a construção inicial da carreira clínica de psicólogas(os) fenomenológico-existenciais” e na divulgação científica e acadêmica dos dados da mesma em eventos e publicações. Estou ciente que receberei uma segunda via e uma cópia desse documento por e-mail, ambos assinados pelos pesquisadores.

Pesquisadores:

- Gisleide da Costa Santos — e-mail: gisleide.scosta@gmail.com — telefone: (31) 99224-5976

Assinatura da pesquisadora: _____

- Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista — E-mail: pauloevangelista@ufmg.br — telefone (31) 99772-0097

Assinatura do pesquisador: _____

Endereço: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Gabinete 4052 — Av. Antônio Carlos, 6.627, Campus Pampulha — Belo Horizonte, MG — Tel: (31) 3409-6271.

Comitê de Ética em Pesquisa UFMG

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha — Belo Horizonte — MG — CEP 31270-901
Unidade Administrativa II — 2º Andar — Sala: 2005

Telefone: (031) 3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

ANEXO I

Parecer Consubstanciado Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TORNAR-SE PSICOTERAPEUTA: A CONSTRUÇÃO INICIAL DA CARREIRA CLÍNICA DE PSICÓLOGAS(OS) FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS

Pesquisador: PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77463724.3.0000.5149

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.726.838

Apresentação do Projeto:

Trata-se de processo que retorna em razão de diligência que determinou o seguinte:

"Recomenda-se revisar o TCLE para adequar o artigo utilizado já que a pesquisa não se restringe a psicólogos. Sendo um TCLE a ser assinado fisicamente, acrescentar rubrica dos pesquisadores e participantes em todas as páginas não assinadas.

A entrevista será semi-estruturada, mas não foi anexado o documento apontando as questões que serão apresentadas aos participantes. Deverá, assim, ser anexado ao processo documento com as questões que serão utilizadas."

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa não foi questionado no parecer ordinário.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há e nem pode haver observação nova quanto a riscos e benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Cabe apenas avaliar se as diligências foram atendidas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Mudança na designação de gênero do texto (masculino e feminino): a alteração no texto para designar a participação de psicólogos e de psicólogas na pesquisa foi feita.
- Espaço para a rubrica dos(as) participantes: A inserção do espaço para rubrica foi feita.

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 6.726.838

- Questões para entrevista: O roteiro de entrevistas foi anexado e não contém nenhum conteúdo que se demande observação do ponto de vista da ética na pesquisa.

Recomendações:

Não há recomendação a ser feita a essa altura.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A diligência foi cumprida inteiramente.

Considerações Finais a critério do CEP:

Tendo em vista a legislação vigente (Resolução CNS 466/12), o CEP-UFMG recomenda aos Pesquisadores: comunicar toda e qualquer alteração do projeto e do termo de consentimento via emenda na Plataforma Brasil, informar imediatamente qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento da pesquisa (via documental encaminhada em papel), apresentar na forma de notificação relatórios parciais do andamento do mesmo a cada 06 (seis) meses e ao término da pesquisa encaminhar a este Comitê um sumário dos resultados do projeto (relatório final).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2269513.pdf	19/03/2024 18:24:25		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	19/03/2024 17:48:10	GISLEIDE DA COSTA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_GisleideSantos.pdf	19/03/2024 14:15:39	GISLEIDE DA COSTA SANTOS	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.pdf	19/03/2024 14:14:45	GISLEIDE DA COSTA SANTOS	Aceito
Outros	despacho.pdf	12/02/2024 07:08:51	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Outros	parecer_aprovado_chefia.pdf	02/02/2024 09:37:51	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	01/02/2024 10:02:03	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha

Bairro: Unidade Administrativa II

CEP: 31.270-901

UF: MG

Município: BELO HORIZONTE

Telefone: (31)3409-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS**



Continuação do Parecer: 6.726.838

Outros	Parecer_Gisleide_assinado.pdf	05/01/2024 07:25:02	PAULO EDUARDO RODRIGUES ALVES EVANGELISTA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_quali_Gisleide_Santos.pdf	28/12/2023 21:03:07	GISLEIDE DA COSTA SANTOS	Aceito
Cronograma	Cronograma_Gisleide_Santos.pdf	28/12/2023 19:28:28	GISLEIDE DA COSTA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BELO HORIZONTE, 26 de Março de 2024

Assinado por:
Corinne Davis Rodrigues
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Presidente Antonio Carlos, 6627 2º. Andar Sala 2005 Campus Pampulha
Bairro: Unidade Administrativa II **CEP:** 31.270-901
UF: MG **Município:** BELO HORIZONTE
Telefone: (31)3409-4592 **E-mail:** coep@prpq.ufmg.br